Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 3 de DEZEMBRO DE 1972 N.º 17941-ANO 52.º-PREÇO 1$50

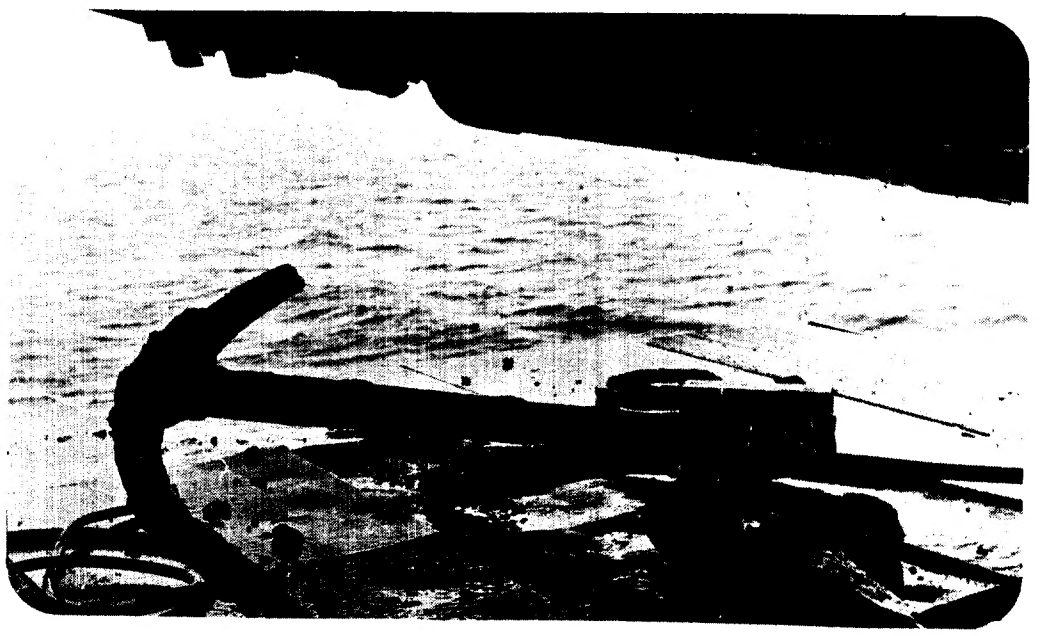
EDIÇÃO DE DOMINGO

LIZA

Minha vida é um palco iluminado

«Quando a ingenuamente fatal Sally Bowles agitou as mãos à luz dos reflectores do **Cabaret,** nasceu uma estrela: Liza Minelli». Estas palavras foram escritas por um crítico cinematográfico de Nova Iorque, quando do lançamento mundial de **Cabaret, Adeus Berlim,** e fazem parte de uma série de depoimentos pesquisados pelo **DL/Show,** que consagra à actriz e ao filme, a última página da sua edição de hoje. No **DL/Show** você encontra ainda, além das secções habituais, uma entrevista exclusiva com a cançonetista Nicoletta e uma reportagem com os participantes tradicionais do «Grande Prémio da TV da Canção Portuguesa», onde são revelados alguns segredos de bastidores.

UMA DRAGA NO TEJO



Até restos de navios são sugados pelas gigantescas bocarras

Os trabalhos em curso da segunda dragagem da Barra do Tejo, para aprofundamento até à cota (-15), do canal experimental aberto em 1969 e que implicará a remoção de cerca de 1 milhão e 300 mil metros cúbicos. Uma das maiores dragas do mundo, a «Prinz Neederland», escavará, durante três semanas, na Barra, até conseguir os os objectivos do plano. O nosso repórter Josué da Silva, oferece-nos um apontamento curioso acerca desses trabalhos e da alta perfeição técnica da draga «Prinz Neederland».

HOJE: 32 PÁGINAS

JACINTO RAMOS

PSICANALISA FREUD

No momento, Jacinto Ramos é Freud, na peça de Henry Denker, «Freud, o Princípio e o Fim», cuja estreia no Laura Alves provocou algumas severas reacções da crítica. O DL/Dominical convidou o actor para uma mesa redonda sobre o espectáculo, de que participaram Mendes Pedro, como especialista em psiquiatria, Armindo Blanco, Nuno Gomes dos Santos e Regina Louro. Jacinto Ramos acabou por fazer a psicanálise de Freud e comparando o cientista a Vasco Morgado, por serem ambos do signo de Touro. (No DL/Show).

Lígia Teles é a famosa paciente Elizabeth v.R.

A TECNOCRACIA NA UNIVERSIDADE — Págs. 3, 6 e 7

AMPLIFICADORES
PARA ANTENAS DE

TELEVISÃO
E RADIO
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

REPORTAGEM

REABRE PARA O ANO O CAFÉ PORTUGAL

O interioe irá ser remodelado. Enquanto não começam as obras vai-se fazendo a limpeza

Estivéssemos ainda em tempo de tertúlias e não seriam só os habituais frequentadores da Baixa a regozijarem-se pela reabertura do antigo «Café Portugal» que alguns serviços prestou às letras nacionais (no tempo das tertúlias).

Durante o longo tempo do seu encerramento ao público, muito periclitou o futuro do velho café; como não podia deixar de ser, a sua transformação em estabelecimento bancário esteve próxima. Mas houve quem entendesse que seria interessante, e rentável, que ele se mantivesse e por isso mudou de gerência. Esta é encabeçada pelo sr. Dantas Martins, proprietário de outros estabelecimentos da Baixa ligados à alimentação, que nos expôs as razões da sua compra:

— **Apenas muito recentemente soube da possibilidade de comprar o café, coisa que fiz com bastante prazer porque sou da opinião de que o centro lisboeta está a perder actractivos comerciais e turísticos, que está a sofrer uma desvalorização por aí se instalarem estabelecimentos sem interesse. Esta compra é, de certo modo, uma reacção a este estado de coisas que já vem desde longe. Desde que se acabou com a Praça da Figueira.**

CAFÉ DO BOM

Mas se o saudosismo de uma Baixa não apenas frequentada por empregados e clientes de «lojas finas», de uma Baixa de pregões, ponto de encontros sem hora marcada, se esse saudosismo é um dos motivos, o negócio também o é, e não de menos importância. Por isso, o «Portugal» vai ressurgir um pouco diferente do que era:

— **Manteremos a casa como café mas não poderemos explorá-lo apenas nesse ramo pois a venda da «bica» só por isso, não é rentável. Queremos um bom serviço de café e com um bom lote, já que o que por aí se vende não presta e se vai perdendo o gosto por uma bebida para a qual o país produz matéria prima da melhor qualidade. A par disto, teremos então um serviço de restaurante, em moldes diferentes do que se pratica entre nós, foi-nos explicada.**

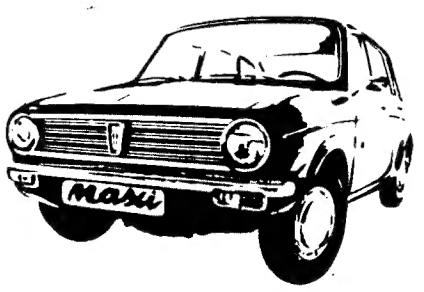
Trata-se de «uma espécie de self-service» segundo nos disse o novo proprietário que importou a idéia de Porto Rico, local onde dela tomou conhecimento. Haverá também outras alterações no que se refere ao estilo e ao ambiente do CAFÉ: O seu aspecto exterior não será afectado, mantendo-se a conhecida entrada «modern style».

No entanto o interior está já a ser limpo para se proceder a um arranjo que seja compatível com a funcionalidade dos serviços. Lá permanecerão as colunas espalhadas do andar superior mas enquadrando uma nova decoração. Esta irá ser entregue ao construtot José Esteves.

Havendo ainda muita coisa a remodelar e com o projecto de obras recentemente enviado à Câmara Municipal, a reabertura do Café Portugal — o nome mantém-se — não será ainda para este ano, mas para o início do próximo. Em princípio, ficará aberto das sete da manhã até à meia-noite, ou uma hora da madrugada.

Quisémos ainda saber qual o montante da aquisição mas o segredo é a alma do negócio e só conseguimos saber que:

— **Foi caro, bastante caro. Só para ter uma idéia do que custa um investimento deste género posso dizer-lhe que só a cozinha para o serviço de restaurante está orçada em 900 contos. Os problemas de instalação já estão a ser pensados; depois só faltará conseguir empregados e esse é o problema número um dado que vai ser precisa muita gente.**

É muito mais Maxi do que parece
AUSTIN MAXI 1750
(O seu fiel Maxi)
É fácil parecer grande, parecer cômodo, parecer rápido, parecer funcional. Em suma parecer MAXI.
Mas MAXI não parece. É.
Nós seguimos o caminho difícil.
Criámos um GRANDE CARRO FAMILIAR
que É muito mais do que parece.
SUSPENSÃO "HYDROLASTIC" · MOTOR TRANSVERSAL · TRACÇÃO DIANTEIRA


72AMX-11
DISTRIBUIDORES: BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LDA.
À venda nos Concessionários AUSTIN em todo o País

CAIXA GERAL DE APOSENTAÇÕES

AVISO

Os militares na situação de reforma que recebem as suas pensões directamente na Caixa Geral de Aposentações em Lisboa, são convidados a comparecer na dependência da Rua Tomás Ribeiro, a fim de lhes ser feita a entrega dos recibos referentes ao suplemento eventual, concedido pelo Decreto-Lei n.º 457/72, de 15 de Novembro.

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 95 02 32
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, amanhã, segunda-feira, dia 4, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES em virtude da Sala COZINHA VELHA se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.
A DIRECÇÃO

FACTOS

Diário de Lisboa

«Obrigado, libertadores franceses!»

«Obrigado libertadores nacionalistas!»

«Obrigado, libertadores Vietconges!»

«Obrigado libertadores americanos!»

«Obrigado, libertadores de Saigão!»

«Obrigado, libertadores norte-vietnamitas!»

REFORMA

As modificações aprovadas em Conselho de Ministros para os cursos de Economia e Ciências Sociais podem considerar-se das mais radicais (ao nível orgânico) que a universidade portuguesa conhece desde sempre. A criação de bacharelatos, medida já em vigor noutros ramos do ensino superior, traduz-se na prática em economia de tempo, uma vez que dá a possibilidade de exercer funções ligadas ao curso a alunos que ainda não estão «formados» (no sentido tradicional do termo). Na maioria das universidades europeias — que provàvelmente terão servido de exemplo para a presente reforma — pratica-se aquilo a que poderá chamar-se a «graduação permanente»: à medida que se progride num dado curso, os alunos vão tendo sucessivamente graduações diferentes que lhes dão acesso a funções progressivamente mais responsáveis exigem uma preparação técnica cada vez maior), mas sempre ligadas à matéria dos cursos em questão. Uma das principais vantagens deste processo, do ponto de vista do trabalhador-estudante, reside no facto de permitir uma correcção na **prática,** da escolha do curso ou da especialização. Do ponto de vista da administração, a reforma visa acelerar a formação de quadros, ao mesmo tempo que define mais claramente as necessidades actuais da produção nacional — criação dos cursos de Organização e Gestão de Empresas, a manutenção dos cursos de Economia, a criação do curso de Ciências do Trabalho e de Ciências Sociais (que vem ocupar o lugar de um curso do ISCSPU que nunca ultrapassou a fase embrionária).

O ENSINO E A PRÁTICA

Por outro lado cria-se o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, que sucede ao Instituto de Estudos Sociais, no qual se professarão os cursos de Ciências do Trabalho e de Organização e Gestão de Empresas. Funcionará no Instituto um centro de Formação Empresarial, no qual serão ministrados cursos de Formação e Aperfeiçoamento. Na Universidade de Coimbra passa a haver também a Faculdade de Economia onde passará a haver cursos de Economia e Organização e Gestão de Empresas. O diploma informa ainda que se está a proceder ao estudo da concessão de graus académicos pelo Instituto de Estudos Superiores de Évora, instituição do ensino particular onde existem cursos de Economia e de Sociologia. Para além da criação de novos cursos, desdobramento de alguns dos existentes (Economias) e reformulação de outros que nunca chegaram a existir (Ciências Sociais), a nova orgânica do sector do ensino atingido pela reforma apresenta uma característica dominante: a tecnocracia. Pela primeira vez a palavra «trabalho» é expressamente associada ao ensino o que é sintomático. O ensino procura visìvelmente adequar-se a necessidades imediatas da produção e rompe-se pela primeira vez o manto da solenidade (e de pó) que cobria a velha universidade. Procura-se a eficácia a curto prazo (tanto quanto possível), reduzindo o tempo de duração do investimento puro (os quadros podem começar a recrutar bachareis e a ligação do ensino a tarefas concretas pode marcar o princípio do fim da era das sebentas. De facto, sem modificações estruturais, não era possível reformar mais do que isto. Aguardemos.

RENOVAÇÃO

— Posso afirmar que a imagem de Portugal se modificou no sentido de que a personalidade do primeiro-ministro e a renovação em todos os sectores da vida política portuguesa tiveram certo impacto em muitos países. Todavia, ao mesmo tempo, não me posso esquecer que continua uma intensa campanha contra Portugal nos círculos internacionais de Informação, campanha essa dirigida por forças poderosas que dispõem de importantes meios materiais. Ora bem, como se intensificaram as visitas às nossas províncias ultramarinas de muitos jornalistas e de outras personalidades estrangeiras, e como o conhecimento da realidade é favorável à imagem de Portugal, notou-se também certa melhoria nesse aspecto, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, em entrevistas concedida ao jornal espanhol «Nuevo Diário».

O nosso mundo

BRAGA

Pessoa que reputamos idónea — feirante de gado dos mais «fortes» da região e todo dado à boa paz — veio dizer-nos isto: — Na Feira do gado despeja-se para lá entulho por uma pá velha!!! (E acrescentou logo): «Sabe-se que não é a edilidade nem os respectivos serviços, que manda fazer tal disparate» — «Disparate, sim — havia de prosseguir mais ou menos por estes termos — pois que esse entulho não só afeia o recinto e o estraga para o fim a que está destinado, como estorva as manobras dos carros e camionetas que ali despejam gado, e outras coisas úteis e próprias do mercado». Estamos inteiramente de acordo. Porque, daqui, e a pedido, apelamos para quem superintende nestas coisas, de modo a serem evitadas. («Correio do Minho»)

ESTREMOZ

Graças ao dinamismo e zelo do rev. padre Luís Gonzaga Martins Gama, dedicado pároco de Santo André em Estremoz, que na sua paróquia já restaurou á antiga e extinta paroquial de Santiago e a devota capela de Nossa Senhora do Socorro, acabam de ser restaurados os abandonados Passos estremocenses. Com efeito, foram postos novos azulejos de cenas alusivas à Paixão de Cristo, retocadas as pinturas delidas pelo tempo e as portas chapeadas com frestas de ferro forjado. Estão de parabéns Estremoz e o rev. padre Luís Gama. Oxalá que a devoção tão grande dos estremocenses ao Senhor dos Passos, na igreja de S. Francisco, possa doravante ser avivada e coroada com a restauração da tradicional procissão dos passos. («A Defesa», de Evora).

ALDEIA DO CARVALHO

Conforme já se escreveu neste jornal, segundo o último recenseamento da população, a nossa terra natal teve uma diminuição de 22 por cento... Também todos sabemos o porquê da fenomenal emigração: a falta de condições de bem estar aqui. Ora, para não se cair de todo no esquecimento... — ou na «maioria silenciosa» que é indiferente a tudo — convém lembrar algo do que se pediu e continua a esperar. Como seja a velha aspiração da Estrada — para o Teixoso, Estrada para Verdelhos... e para o Canhoso. Às vias de comunicação tão essenciais... e que nunca mais chegam! De tanto se esperar nem a «esperança» se vislumbra... mas sim o desânimo, a raiva, a emigração. («Notícias da Covilhã»).

FAMALIÇÃO

Os paroquianos de Pousada de Saramagos interessaram-se pela construção de uma nova Igreja que reúna pelo menos as condições indispensáveis. Para isso foi nomeada uma comissão executiva e desde logo a população começou a contribuir organizando-se vários cortejos de oferendas nos diversos lugares. Assim se conseguiu a primeira verba de 300 contos para a aquisição de terreno. Depois, o industrial sr. Francisco Dias de Oliveira ofereceu 500 contos e, recentemente, a sr.ª D. Olinda Reis da Costa Oliveira deu outro tanto, e outros donativos valiosos de familiares destes beneméritos produziram a avultada verba de 1500 contos. Está bem encaminhada a obra de construção da nova Igreja, que deverá iniciar-se no princípio do próximo ano. («Diário do Minho»).

QUELUZ

Referiu-nos um nosso amigo que, tendo recebido um aviso da Estação dos C.T.T. de Queluz para levantar um documento que ali se encontrava, expedido por uma firma de Lisboa, nesse aviso lia-se que o documento poderia ser levantado, em qualquer dia útil, das 9 às 12 ou das 13,30 às 18 horas, até 15 do corrente. Em face do horário indicado no citado aviso e porque tem semana inglesa, resolveu, no sábado, dia 4, fazer o levantamento do documento, para o que se dirigiu, após a saída do comboio, às 13,40, à Estação dos C.T.T.. Esperava-o, contudo, uma desagradável surpresa. Quando, ao «guichet», apresentou o aviso à empregada, esta respondeu-lhe que aquele serviço só se realizava aos sábados até às 12 horas. Como o nosso amigo referisse que isso não estava de acordo com o que estava impresso no aviso, a empregada explicou, então, que a ordem era posterior à entrada dos avisos ao serviço (...), («Jornal de Sintra»).

MARINHAIS

Se há pessoas prendadas de dotes oratórios e nos dão belas lições, há acontecimentos que sem palavras, falam eloquentemente, dispensando-nos lições que os melhores oradores não são capazes de conseguir. Estou — a referir-me à aula a que todos assistimos no passado dia um, no Cemitério Paroquial. Após o toque plangente do sino, a dar notícias que se aproximava a hora do encontro, para lá nos dirigimos, não só para marcar presença, mas para testemunhar aos nossos maiores, que, apesar de terem saído do nosso convívio social, ainda os guardamos na memória e sobretudo no coração.(...) Em muitas pessoas viam-se lágrimas a correr face abaixo...(«A Voz do Minho»).

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 2 a 21 de Dezembro de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

CAIXAS DE PREVIDÊNCIA	POSTOS CLÍNICOS	SERVIÇOS
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho, 164 AVEIRO	Posto Clínico de Aveiro	Otorrinolaringologia
	Posto Clínico de Pardilhó	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Beja Av. Vasco da Gama, 17 BEJA	Delegação Clínica de Vidigueira	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av. Fernão de Magalhães, 620 COIMBRA	Posto Clínico de Bolho	Clínica Médica
	Posto Clínico de Covões	Clínica Médica
	Posto Clínico de Sepins	Clínica Médica
Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associadas Rua Dr. Francisco Manuel de Melo, 3 LISBOA-1	Posto Clínico do Barreiro	Oftalmologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 54 - 1.º FARO	Delegação Clínica de Alcoutim	Clínica Médica
	Posto Clínico de S. Bartolomeu de Messines	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av. Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Delegação Clínica de Alvorge	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 49 SANTARÉM	Posto Clínico de Tomar	Clínica Médica
	Delegação Clínica de Salvaterra de Magos	Oftalmologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Posto Clínico de Alcochete	Clínica Médica Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Postos Clínicos da área da cidade de Lisboa	Oftalmologia
	Posto Clínico do Cacém	Ginecologia Obstetricia
	Posto Clínico de Moscavide	Estomatologia
	Posto Clínico da Pontinha	Estomatologia
	Postos Clínicos da área da cidade do Porto	Cirurgia Geral Neurologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Posto Clínico de Paço de Sousa	Clínica Médica
	Posto Clínico de Póvoa de Varzim	Ginecologia Obstetricia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo Largo 5 de Outubro, 69 VIANA DO CASTELO	Posto Clínico de Viana do Castelo	Otorrinolaringologia Dermatovenereologia

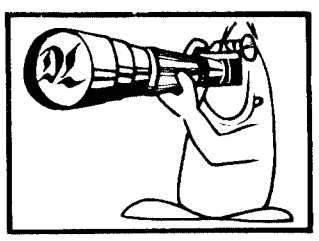
As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 21 de Dezembro de 1972 na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos, n.º 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 29 de Novembro de 1972

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA



VENDE-SE

Terreno e prédio na zona da Boa-Hora, próprio para grandes armazéns, pequenas indústrias ou oficinas contactar telef. 679168.

REPORTAGEM

Texto de JOSUÉ DA SILVA
Fotos de RUI PACHECO

Três semanas serão necessárias para que uma das maiores dragas do mundo — a «Prinz Neederland» — remova cerca de 1 milhão e 300 mil metros cúbicos de areia, a quantidade exacta para aprofundar a barra do Tejo até à cota (-15).

3) O gigante tubo de sucção acaba de mergulhar nas profundezas do oceano

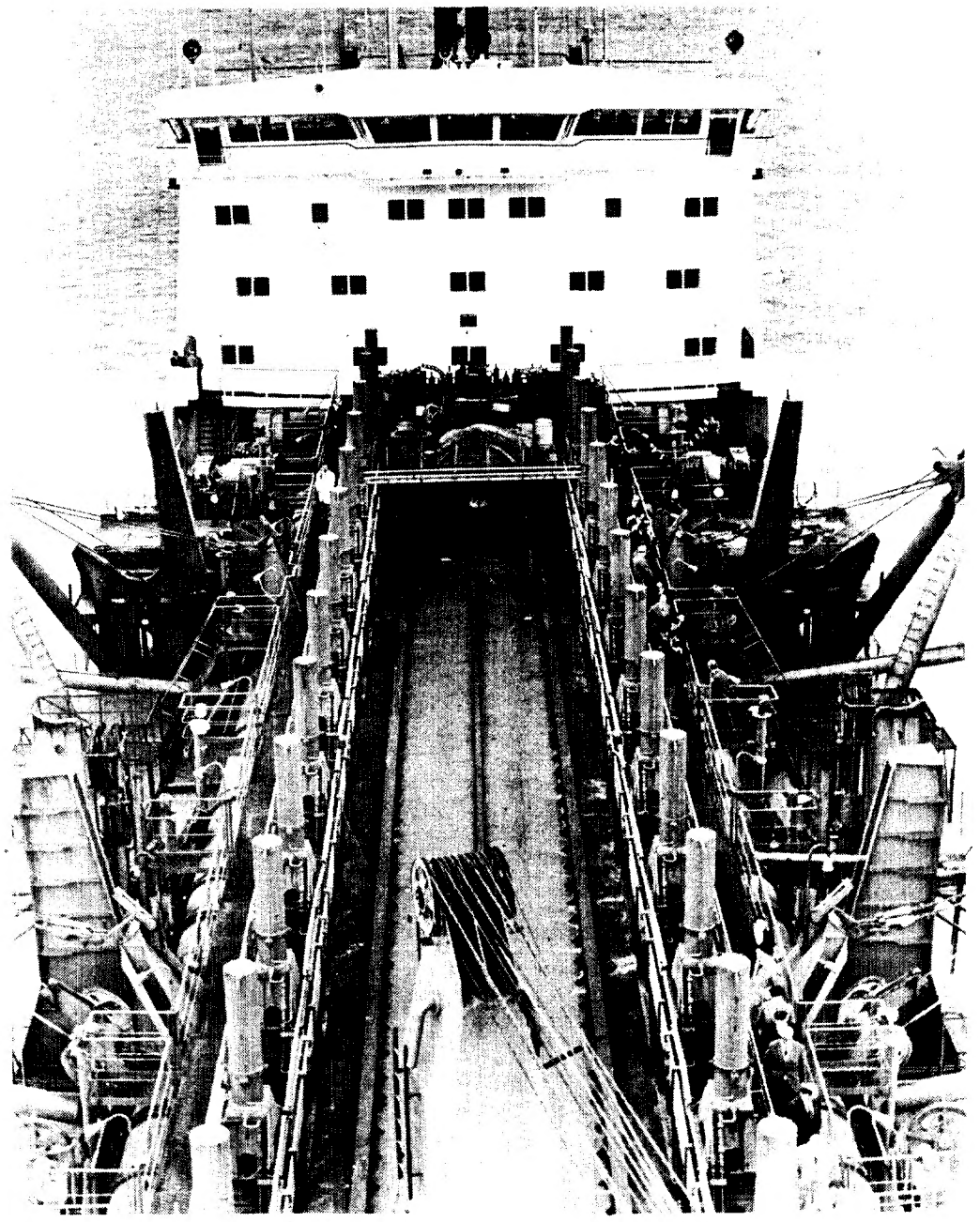
Antigamente a marinhagem criava lendas terrificas á volta das dificuldades de entrada de certos portos, onde os navios quer em noites de bréu e com o temporal a abanar-lhes as frágeis carcassas, quer em pleno dia, diante dos olhares apavorados dos que desde terra assistiam ás manobras da passagem da barra, se afundavam sem apelo. Eram sereias maldosas que apaixonadas por capitães ou simples moços de convés, resolviam tecer armadilhas inflexiveis aos mestres de timão e assim arrastar para os antros do báratro onde se ocultavam, os barcos em que viajava o objecto dos seus amorios. Eram deuses ou demónios ferozes e iracundos, danados pela ousadia dos argonautas, ao que invadir-lhes os domínios desafiavam cóleras sem conta, ás quais os ditos deuses ou demónios juntavam o ardil e a malícia para os apanhar, sem salvação, no abraço impiedoso de alguma vaga voraz tecida pelo punho das forças infernais. Eram monstros horripilantes que vivendo nas profundezas de quando em quando decidiam surgir á tona, buscando alimento e em cujas fauces medonhas os veleiros mesmo que fossem galeões desapareciam como simples aperitivos em bocarra glutona.

Aos poucos e á medida que a mente humana se abria para outros horizontes á medida que o conhecimento cientifico se ia tornando o fulcro da acção do homem, á medida que as técnicas evoluiam a superstição foi-se perdendo e o que antes era incognoscível ou pensado como sobrenatural acabou por ser prática corrente, vulgaridade. Hoje não existem, elementos estranhos á própria natureza das coisas. E, no caso da entrada dos portos os **monstros** ficaram reduzidos a bancos de areia, esolhos ocultos sob a espessura das

Ao cair da tarde, na Barra do Tejo, este assombro em contra-luz, comendo do fundo do mar.

UM "MONSTRO" NA BARRA DO TEJO ABRE CAMINHO NO FUNDO DO MAR

águas, assoreamentos repentinos, tudo aquilo que a técnica pode detectar para depois procurar a solução adequada.



Um cenário digno de Wells

A BARRA DO TEJO

De um boletim publicado aquando das 3.ªs. Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil, de 24 de Junho de 1971, assinado pelos eng.ºs Luis Pacheco Moreira Lobo e Manuel Cardoso Ferreira e com o título **«Comportamento de um canal experimental na Barra do Tejo»**, retiramos a seguinte elucidação: **Datam do século XVI os primeiros planos do porto de Lisboa, havendo até, um plano de origem holandesa com indicação de sondas executado em 1583..**

Porém, só a partir dos princípios do século XIX os levantamentos hidrográficos passam a ser executados com razoável rigor, o que permite analisar a evolução das margens e dos fundos por comparação com planos posteriores.

Embora haja autores que admitem ter a Barra do Tejo sofrido alterações nas cotas do fundo (por exemplo, Baldaque da Silva em «A Barra e o Porto de Lisboa», de 1893), a observação dos numerosos levantamentos efectuados a partir do século XIX leva á conclusão de que a batimetria da Barra goza de uma perfeita estabilidade.

Assim, pois e graças a esta estabilidade atrás referida, nunca o Porto de Lisboa, pelo menos até determinado momento da sua história teve dificuldades na recepção aos grandes navios mesmo quando se tratava das maiores unidades do mundo.

Esta situação — diz-se no citado boletim — foi, no entanto interrompida, com o vertiginoso aumento de tonelagem verificada em certos tipos de navios designadamente petroleiros e mineraleiros, durante a década de 60. Em pouco mais de dez anos assistiu-se a um espectacular aumento das dimensões dos navios, aumento que, no sector dos petroleiros, se traduziu na subida máxima de 60.000 para 330.000 toneladas.

Tal evolução das dimensões com especial relevancia para os calados, criou sérios problemas á quase totalidade dos portos. E embora esta situação não tivesse trazido de imediato uma premente necessidade de soluções para o porto de Lisboa, houve que pensar sériamente na possibilidade de adaptação da Barra do Tejo, ás novas exigências do transporte marítimo de graneis líquidos e secos.

As condições de exposição da Barra á ondulação vinda do largo são bastante favoráveis. Dadas as excepcionais condições de tranquilidade que a Barra do Tejo oferece a qualquer tipo de navio, durante todas as épocas do ano, havia que estudar a possibilidade de a cruzar com um canal, de forma a responder á solicitações que a nevegação está a exigir ao Porto de Lisboa. Foi então necessário confirmar, do ponto de vista geológico, a hipótese de abertura de um canal por dragagem. Repare-se que na Barra existe um canal natural á cota de (— 11) que serviu perfeitamente durante muitos aanos á entrada de todos os navios. Com o aumento de tonelagem dos actuais transportes marítimos, este canal começou a tornar-se pouco tranquilizador. Realizaram-se então as primeiras dragagens a partir do ano de 69 e agora, a Administração-Geral do Porto de Lisboa, entrou mesmo a fundo no problema mandando que se procedesse a uma dragagem de muito maiores dimensões. Depois de feita uma prospecção de fundos pelo método geossísmico, concluiu-se ser arenosa e espessa a formação subjacente, só aparecendo rocha para baixo da cota (— 50) ou seja, a partir dos 50 metros de profundidade. Era, pois, viável a abertura de um canal que permitisse a entrada da Barra em condições de absoluta segurança aos navios de maior calado que hoje sulcam os mares. Foi por isso que se contratou com uma sociedade portuguesa de dragagens — por sua vez representante duma companhia holandesa especializada — para a utilização duma enorme draga de sucção e arrasto, no captamento das areias de fundo.

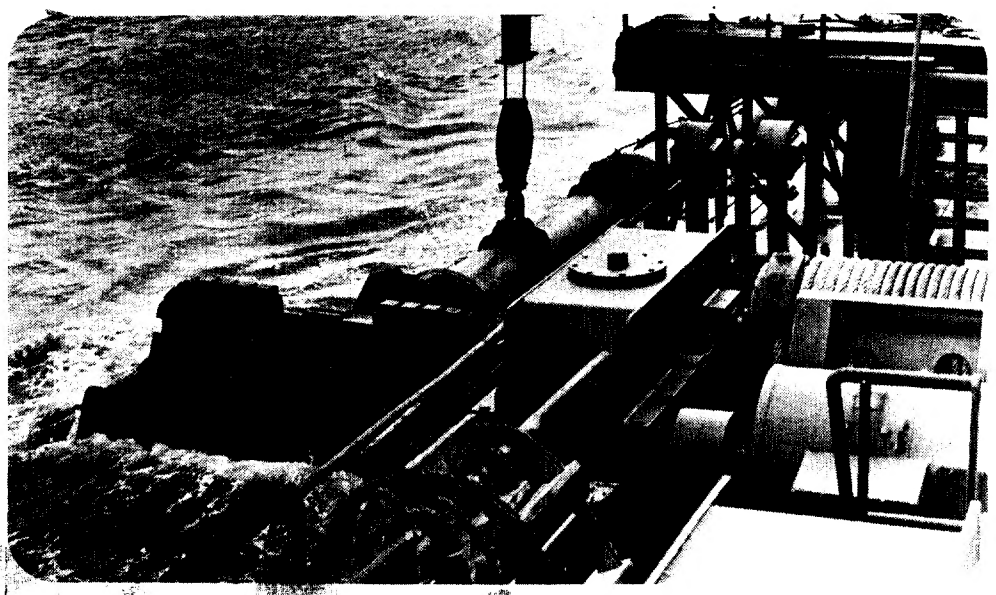
A BORDO DA «PRINZ NEEDERLAND«

Há dias, graças a um convite da Administração-Geral do Porto de Lisboa, estivemos a bordo da draga que executa o projecto da abertura ou alargamento do canal de acesso a este porto. O canal experimental que passará agora a ter 24 metros de profundidade, contra os 14 de antes e seis quilómetros de comprimento,contra os três quilómetros e meio que teve até agora, já oferecerá uma ampla margem de manobra a qualquer espécie de navio que não exceda, em todo o caso, as 100 mil toneladas.

A draga estará a trabalhar á entrada da Barra, durante três semanas, tempo que se julga suficiente para a conclusão desta primeira fase da obra. De Belém partimos a bordo do rebocador de alto-mar «D. Luis», em busca do «Prinz Neederland». Era o princípio duma tarde soalheira, com vaga mansa e céu quase límpido. Julgámos que iriamos encontrar uma daquelas dragas vulgares que costumamos ver aqui no Tejo, talvez um pouco maior, mas em todo o caso, com o mesmo aspecto de sujidade e incomodidade que é apanágio deste género de embarcações. E qual não foi o nosso espanto quando, ao passarmos do «D. Luis» para o «Prinz Neederland» nos vimos súbitamente rodeados por um cenário em que não estaria deslocado um autor de ficção científica. Tudo, a bordo da «Prinz Neederland» impressiona, porque tudo é grande. Começa pela tonelagem do navio: 16 mil toneladas. Os seus tubos de sucção um a estibordo e outro a bombordo, são como dois gigantescos esófagos com bocarras aí dos seus dez metros quadrados que podem descer até profundidades alucinantes, onde vão «comer» a areia e o lodo que se torna necessário retirar. Os seus porões rêm capacidade para nove mil metros cúbicos. Mas os tubos de sucção não tragam apenas areia e lodo. Apanham âncoras velhas, restos de navios antigos, tudo. Até uma bombarda de galeão foi sugada pelas ciclópicas bocarras. São dirigidos desde a ponta por homens especializados e através de um sistema hidraúlico. Toda a coberta da «Prinz» é um medonho cenário de tubos horizontais e verticais, com um corredor central onde se move uma enorme grua, cabos parapeitos, rodizios, plataformas, alçapões, um quadro digno da fantasia de um Wells.

Porém, e apesar do seu fantástico aspecto a «Prinz» é um primor de limpeza de asseio mesmo. Depois, há as instalações para o pessoal-técnicos, marinheiros, cozinheiros empregados de copa. Umas instalações que nos fazem esquecer que nos encontramos a bordo duma draga, pois mais se assemelham aos interiores de um bom navio de passageiros. Dormitórios, salas de estar, cozinha, sala de jantar, etc., tudo num racional aproveitamento de espaço tudo perfeito e adequado a longas permanências no mar. Boa comida, cerveja holandesa de ajudar as digestões mais difíceis. Na ponte de comando, há um pequeno «inferno» de máquinas automáticas, além, claro, dos instrumentos modernos de navegação e prospecção — radares, sondas, bússulas e por ai fora. Os técnicos trabalham por turnos, todos os tripulantes podem frequentar uma salita de jogos. Uma forma de viver com o mar bastante atractiva e...cómoda até ao exagero. A mascote da tripulação é um papagaio.

Assistimos a algumas horas de trabalho a bordo da «Prinz». Ali, cada um sabe o que tem de fazer no momento exacto. Talvez por isso, a tripulação da «Prinz» é considerada como um grupo de trabalho extraordinário solicitado um pouco por todo o mundo.



4) O tubo de sucção vem ao de cima, depois de terminada a sua tarefa lá nos fundos do mar

RELIGIÃO

NOTA DO EPISCOPADO PORTUGUÊS

LIBERDADE DE ENSINO UM DIREITO OPORTUNO

Do Secretariado Geral do Episcopado recebemos, com o pedido de publicação, o texto da nota pastoral sobre o ensino particular, elaborado na Assembleia Plenária que se realizou em Fátima de 20 a 24 do Corrente. Pela sua oportunidade, publicamos a seguir as passagens mais significativas.

O documento começa por definir, segundo a doutrina da Igreja, quem são os titulares do dever de educar, declarando que este compete primàriamente à família, depois ao Estado na medida em que lhe cabe promover o bem - estar dos cidadãos e coordenar ou suprir a actividade das famílias, e finalmente à Igreja, como «sociedade humana capaz de administrar a educação» ao lado de outras sociedades e como continuadora da missão de magistério de Cristo.

DIREITO NATURAL

Deste princípio resulta o direito da existência das escolas privadas, em pé de igualdade com as escolas públicas, isto é, a necessidade do pluralismo escolar, a que o documento se refere nestes termos:

«Se o dever da educação compete, embora a títulos diferentes, simultâneamente à família (e a outroa educadores para quem os pais transferem uma parte do trabalho educativo), à Igreja e ao Estado, aos três pertence, e não apenas ou prioritàriamente ao Estado, como se ouve dizer com tanta frequência, o direito de possuir escolas.

«As escolas privadas devem, sem dúvida, obedecer a um mínimo de condições — conveniente organização de programas, idoneidade pedagógica, vigilância sanitária, etc. — que lhes permitam garantir aos seus alunos aquele grau de cultura intelectual, moral, física e profissional, que, para um determinado país, em determinado momento histórico, o bem da colectividade reclama. Mas definir qual seja esse mínimo de condições é, indiscutìvelmente, atribuição própria do Estado, intérprete e penhor do bem comum temporal dos cidadãos.

«O Estado, por conseguinte, tem o direito e o dever de fixar os níveis de exigência em que o ensino haverá de ser ministrado, seja qual for a escola que o ministra (exceptuadas as escolas de ensino estritamente religioso, como, por exemplo, os seminários), e, em seguida, o de verificar, mediante oportuna ainda que discreta acção fiscalizadora, se os níveis fixados são efectivamente cumpridos. Porém, isto assegurado, ele tem a obrigação de aceitar, sem reservas nem espírito de favor, a existência de escolas paralelas às suas. De aceitar, sublinhamos, e até de estimular.

«Aqui, o monopólio (que Pio XI, na **Divini illius Magistri**, apelidou de «injusto e ilícito») deve considerar-se particularmente funesto. Não pode existir um verdadeiro clima de liberdade, de são e necessário pluralismo, onde quer que os poderes públicos comecem por impôr às famílias um modelo único de escola, ou porque não admitem senão as escolas estaduais, ou porque, admitindo outras, colocam entretanto os pais na impossibilidade prática de as preferirem.»

A ESCOLA CATÓLICA

Em seguida, os bispos reinvindicam para a Igreja o direito de criar e dirigir escolas, que dizem — não é um direito exclusivo seu, pois «a liberdade que reclama para si, reclama-a, ainda antes, para os pais e para os restantes educadores», e por isso, «não se coloca numa posição de privilégio, nem o pede ou deseja».

Sobre a oportunidade da escola católica, dizem os bispos:

«Por influência de ideologias ou preconceitos laicizantes, largamente divulgados, consideram muitos que ela terá perdido a sua razão de ser em nossos dias. Sim, onde a escola católica não conserva de **católica** senão o nome ou pouco mais (e bem é de lamentar que assim suceda), é certo que a perdeu. Mas, tal como o texto conciliar a acaba de descrever, e a Igreja a quer e todos nos devemos de esforçar por que na realidade seja, sem dúvida que não».

PROTECÇÃO ESTATAL

O documento passa depois a analisar o direito de protecção que as escolas privadas devem esperar do Estado, dizendo que a liberdade de ensino não poderá ser garantida se o Estado adoptar uma atitude meramente neutral.

«E o sistema a que se chama de **liberdade passiva de educação ou liberdade de educação à margem do Estado**, processo hábil de afirmar por palavras o que entretanto, na ordem das realidades, se vai deixando estiolar por falta de condições de vida.

«Na prática, a liberdade escolar não subsiste senão com o apoio forte dos poderes públicos.»

Refere-se, neste contexto, uma nota do Ministério da Educação de 28 de Setembro último, que segundo a interpretação dos bispos justificaria a esperança de que entre nós o futuro das escolas particulares poderá ser melhor do que o presente. Já que se lhes promete um significativo apoio do Estado.

«Mas esse apoio — perguntam-se os bispos — como se deve concretizar? Fundamentalmente — respondem — de três modos: dando aos alunos que frequentam o ensino particular o mesmo tratamento que aos do ensino público, designadamente no que respeita a dispensa e organização de exames; admitindo que os estabelecimentos de ensino particular, tanto quanto os do ensino público, exercem rigorosamente uma função de serviço nacional, e em consequência concedendo-lhes, além de outros benefícios, isenção total de impostos providenciando para que os pais não sejam obrigados a gastar, com a inscrição dos seus filhos nos estabelecimentos de ensino particular, mais do aqueles que hajam perferido os estabelecimentos de ensino público, e por isso atribuindo ao ensino particular ou às famílias que o utilizem o auxílio financeiro indispensável, de tal forma que um ensino seja tão acessível como o outro»

ECONOMIA DE ESFORÇO

«Este último ponto reveste-se de singular acuidade, pois que, na verdade, sem a ajuda pecuniária do Estado, as escolas particulares, ou arrastam uma penosa existência subalterna, ou são levadas, para sobreviverem, a praticar proprinas elevadas, tornando-se então um privilégio das classes mais abastadas. Mas é isto que todos devemos repudiar, por motivos de justiça distributiva e de concórdia social.

«Acresce que, onde o Estado priva as escolas particulares da sua ajuda, no fundo vai obrigar os pais que as hajam preferido a pagar duas vezes o ensino: mediante os impostos, para sustentar as escolas oficiais; e mediante as propinas, para manter os seus filhos nas escolas que, em consciência, acharam preferíveis.

«Por outro lado, não acreditamos que mesmo um forte apoio pecuniário do Estado seja incomportável para o erário público. Pelo contrário, incomportável nos parece que, por deixar morrer o ensino particular à falta de auxílio suficiente, os poderes públicos se vejam compelidos a fazer só por si, a cobertura total da nação com escolas oficiais. A iniciativa privada não só aligeira o Estado de pesados serviços e encargos de administração, como ainda se traduz numa apreciável economia de despesas públicas, atendendo, por exemplo, a que, por larga que seja a cooperação pecuniária do Estado, o ensino particular nunca se sentirá totalmente desordenado de promover actividades que se revestem de real importância no campo educativo mas que a fazenda nacional não tem de suportar.»

DIREITO CONSTITUCIONAL

Os bispos citam, mais adiante, as disposições da Constituição Política sobre a liberdade de ensino e as escolas particulares, e observam que o texto constitucional «coincide perfeitamente com a doutrina da Igreja acima exposta e traça um programa rasgado e participante de educação nacional.» «Os

Continua na pág. 12

A SEMANA

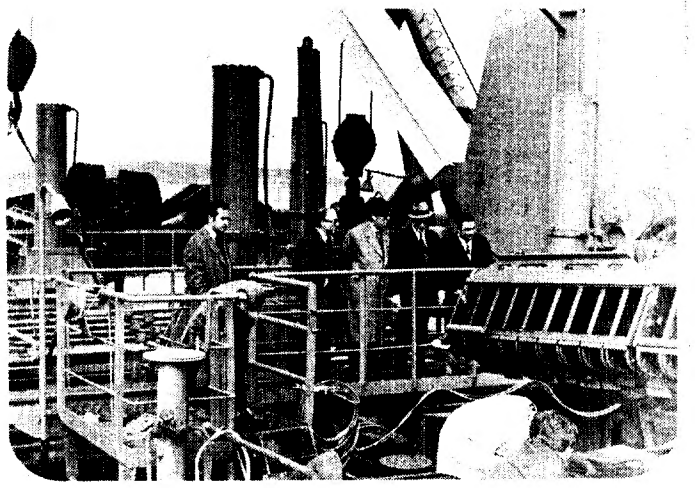
1 Cais para 200 mil contentores

No almoço da Câmara de Comércio Luso - Britânica ontem realizado, o eng. Pedro Arsénio Nunes, presidente do Concelho de Administração do Porto de Lisboa, abordou o tema da importância daquele porto para o desenvolvimento das trocas comerciais entre Portugal e a Grã - Bertanha. O almoço foi presidido pelo dr. Franco Nogueira presidente da assembleia geral do P.L., que estava ladeado pelos srs. Grocker, presidente da direcção da Câmara do Comércio, Falconer, secretário honorário e J.Ure, conselheiro da embaixada britânica além de outras individualidades.

A certa altura do seu discurso, o eng. Pedro Martins afirmou: «**Nos estudos de desenvolvimento das nossas instalações, estamos dando especial atenção ao plano de estabelecimento de um grande terminal, na margem esquerda, susceptível de movimentar mais de 200 mil contentores por ano e de receber os maiores navios neste momento previstos para o seu transporte.**»

O eng. Pedro Nunes afereceu ainda alguns dados interessantes sobre o movimento do Porto de Lisboa durante o ano passado: entraram a barra do Tejo 681 navios mercantes procedentes do Reino Unido, tendo saído 578 com destino a portos britânicos. Em termos de quantidade de mercadorias movimentadas com os portos daquele país, registou-se a entrada de 324 mil toneladas, tendo saído 311 mil. Declarou, ainda, que a Administração Geral do Porto de Lisboa investiu cerca de 92 mil contos em instalações terrestres nos últimos três anos, estando programado para 1973 o início da construção de um novo cais com 500 metros de extensão, no prolongamento para montante do actual terminal de Santa Apolónia.

Sobre os planos para o grande terminal na margem esquerda do Tejo, o eng. Pedro Nunes propôs que tal investimento fosse integrado no IV Plano de Fomento, afirmando que lhe seria grato ver as obras iniciadas em 1977 e concluídas em 1979.



2 Dragagem do Tejo

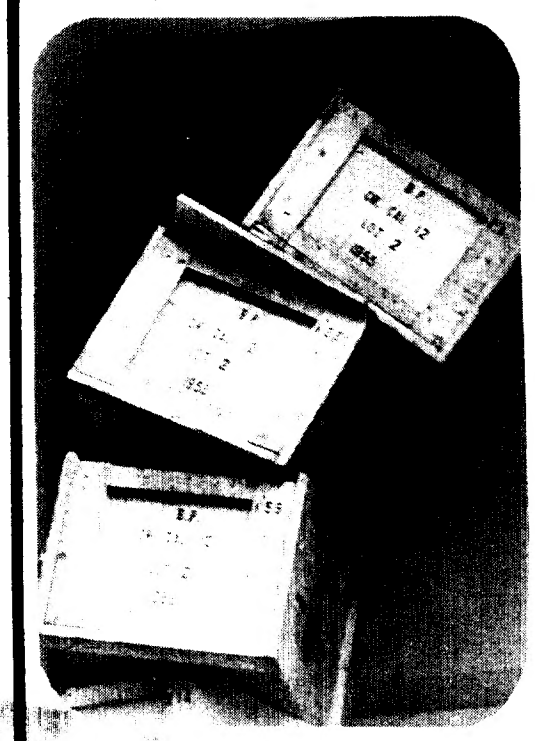
Convidados pela Administração do Porto de Lisboa, um grupo de jornalistas e várias entidades interessadas, estiveram de visita aos trabalhos em curso da segunda dragagem da barra do Tejo, que principiou há dias e com a qual se pretende aprofundar até à cota 15 o canal experimental aberto em 1969.

O transporte dos convidados para bordo da draga «Prinz Der Nederland» fez-se a bordo do rebocador «D. Luís», que partiu da Estação Fluvial de Belém por cerca das 14 e 30. Entre muitas outras pessoas viam-se o almirante Gomes Ramos, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante; eng. Ferreira da Cunha, director do Porto de Setúbal; eng. Pedro Nunes, presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa; eng. Luís Lopo e dr. Dárias Louro, administradores-delegados daquele porto; eng. Pires Elias e outros administradores do Porto de Lisboa; embaixatriz da Holanda; prof. Graveto, da nova Faculdade de Tecnologia de Coimbra; eng. Azevedo Coutinho, presidente da Federação Portuguesa dos Produtores do Trigo; comandante Gervásio Leite; membros da direcção do Instituto Hidrográfico e alguns administradores da Companhia Nacional de Navegação e da Siderurgia Nacional.

Os convidados tiveram ensejo de acompanhar de perto uns quantos pormenores da ope-

EXPLOSÃO EM BARCARENA

Cerca das 13 e 35, de quinta - feira, uma violenta explosão atingiu doze operários — cinco dos quais mortalmente — e destruiu várias oficinas da Fábrica da Pólvora de Barcarena. O acidente parece ser devido a uma fagulha que teria sido causada pelo arrastar de uma pesada peneira que deveria ser reparada.



ração de dragagem, que implicará, no seu total, a remoção de quase 1 milhão e 300 mil metros cúbicos de areia, esperando-se que fique concluída dentro de três semanas.

Como se sabe, a firma adjudicatária da obra, a Sociedade Portuguesa de Dragagens (representante da empresa holandesa Bos Kalis) está a utilizar uma draga de sucção e arrasto que é considerada das maiores do mundo (com 16 000 toneladas de deslocamento) e uma capacidade de porão de 9 000 metros cúbicos. A conclusão desta segunda dragagem experimental assegurará à barra do Tejo, a altura de 18 metros em praia-mar, o que permitirá o acesso de navios até 100 mil toneladas.

3 Conselho de Ministros

O Conselho de Ministros aprovou, na terça-feira, importantes alterações para o Ensino Superior. Foram criados os bacharelatos em Economia. Organização e Gestão de Empresas e Ciências do Trabalho e licenciaturas em Economia, Ciências Sociais, Ciências de Trabalho e Organização e Gestão de Empresas. Os bacharelatos em Economia e Organização e Gestão de Empresas serão ministrados no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, agora denominado Instituto Superior de Economia. Os bacharelatos em Economia e em Ciências do Trabalho, assim como a licenciatura em Ciências Sociais, poderão ser obtidas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina que irá ser reorganizado. Além disto, foi criado o Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa.

4 Emigração

Através do boletim do Secretariado Nacional da Emigração, ficámos a saber que durante o ano de 1871 emigraram **legalmente 50.400 portugueses**, calculando-se que o **movimento clandestino** tenha abrangido **100.797 pessoas.** Verifica-se ainda que o ligeiro decréscimo emigratório é mais acentuado no fluxo legal (menos 24,1 por cento do que em 1970)

Lisboa, Ponta Delgada, Porto, Aveiro, Leiria e Braga continuam a ser os distritos de maior contigente migratório.

Verifica-se também um maior equilíbrio entre os sexos. Dos emigrantes legais, 29.225 eram do sexo masculino e 21 175 do sexo feminino. **Em ambos os sexos o grupo de idade que forneceu mais elevado contigente de emigrantes legais foi o dos indivíduos até 14 anos.**

Em relação aos pólos de atracção verifica-se que a França e a Alemanha continuam a ser os principais, embora com acentuadas quebras nos volumes de emigrantes (França menos 54,4 por cento; Alemanha-menos 14,1 por cento) comparativamente a 1971. Ao contrário **a emigração transoceânica** (mais 9,4 por cento) **atingiu 43,6 por cento dos emigrantes legais.**

POLÍTICA

UM CURSO QUE FALTA

Novas alterações foram introduzidas — ou vão ser, no campo da prática — em cursos superiores. Trata-se, como foi amplamente divulgado, da modificação dos estatutos do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e do Instituto Superior de Ciências Sociais e de Política Ultramarina, além da substituição do Instituto de Estudos Sociais por um estabelecimento de ensino superior com objectivos semelhantes e da criação da Faculdade de Economia de Coimbra.

A criação de cursos de ciências sociais, por outro lado, constitui um passo significativo. Ainda não temos o curso de ciências políticas e sociais puras, mas sim cursos objectivados para funções bem determinadas. Esse aspecto, aliás, define uma orientação, discutível, para sectores que merecem o maior respeito, mas clara: «**O desenvolvimento económico e social suscita a necessidade de o País dispor de maiores facilidades no recrutamento e aperfeiçoamento de pessoal especializado na problemática do trabalho e nos aspectos jurídicos, económicos e sociais que lhe são inerentes**» — diz-se no preâmbulo de um dos decretos-leis.

Estas medidas têm, pois, por base o reconhecimento das necessidades do desenvolvimento económico do País e dos novos caminhos por onde esse desenvolvimento vai passar. Amplamente aplaudida, na quarta-feira, em plena Assembleia Nacional, esta semi-reforma parece servir de preâmbulo à reforma completa que se espera, ainda no presente ano lectivo, para a Universidade Portuguesa, baseada na criação de novas instituições universitárias, as tais que servirão de contrapeso evolutivo às Escolas clássicas e ao ensino conservador em que a actual assenta.

Dentro desse plano geral, esperamos ver incluída a Escola Superior de Jornalismo que a classe a que pertencemos aguarda, e com justas razões. Pese embora a opinião daqueles que lhe não atribuem a importância merecida, uma Escola superior de Ciências da Informação, baseada num plano de estudos correcto e coerente, honesto e actualizado é elemento da maior importância no processo de evolução da vida nacional. O Sindicato dos Jornalistas elaborou um projecto que, na devida altura, apresentou ao prof. Veiga Simão. A audiência foi, em princípio, francamente positiva. A classe continua à espera. Ainda não foi desta, mas, pelo seu significado, a Escola será uma realidade. Ou não?

A. Pereira da Silva

ECONOMIA

O ENSINO DA ECONOMIA E A ECONOMIA A ENSINAR

O Conselho de Ministros decidiu-se. A «Reforma de Económicas» apareceu finalmente.

O ensino das «economias» tem sido objecto de grandes cogitações e há muito se esperava qualquer coisa que fosse mais do que adaptações feitas a uma estrutura de escola que vinha de 1949.

Na reunião do Conselho de Ministros de 28, no mesmo dia em que os «economistas», através do seu Sindicato Nacional (dos Comercialistas), promoviam uma mesa-redonda para discutir a sua função na sociedade portuguesa, foi aprovado o projecto apresentado pelo Ministro da Educação Nacional.

Quais os aspectos imediatamente públicos e que possibilitam uma primeira reflexão? A criação de bacharelatos (em Economia, Organização e Gestão de Empresas, em Ciências do Trabalho, passarem as licenciaturas a ter diferente designação (em Ciências Sociais, Ciências do Trabalho, Organização e Gestão de Empresas).

A criação de bacharelatos aparece como coisa nova, embora esperada, e, como primeiro problema que nos surge, está a articulação que este bacharelato irá ter com os chamados cursos médios, que são os do Instituto Comercial.

Para além dos cursos e graus a mudança nas escolas que os dispensarão foi muito grande. O Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras muda de nome e como que se especializa. Passará a ser o Instituto Superior de Economia e ficará com as Economia e Organização e Gestão de Empresas. Como também se esperava, para o Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina foram os cursos com a «marca social» mais evidente; foi criado o Instituto das Ciências do Trabalho e da Empresa, voltado para aspectos mais directos de economia e gestão empresarial.

Ainda se criou uma Faculdade de Economia em Coimbra e deliberou-se a concessão de graus académicos pelo instituto particular existente em Évora.

SÉRGIO RIBEIRO

ENSINO

A REFORMA

A esperada reforma de Económicas, ISCSPU e IES foi aprovada esta semana em Conselho de Ministros. Esta reforma, com efeito não é de somenos importância, atendendo sobretudo a que os seus objectivos incidem no quadro das ciências Económico-Sociais (Economia, Ciências de trabalho e Ciências Sociais).

Entre as medidas tomadas pelo Ministério da Educação Nacional é de salientar:

— a não institucionalização de formaturas em Sociologia e Ciências Políticas, em parte substiuídas pela criação de licenciaturas em Ciências Sociais e em Ciências do Trabalho.

— a restrição da reforma a Lisboa e Coimbra. Portanto subentendendo-se que os cursos do Porto, Angola e Moçambique continuam a ser orientados segundo os velhos esquemas.

— a diversificação do Instituto Superior de Económicas e Financeiras em quatro escolas diferentes.

— a criação do bacharelado em Economia Que significa um bacharelato em Economia? Porquê de um momento para o outro se passa de uma Escola de Economia para quatro? Porque não há formatura em Sociologia?

O que é uma licenciatura em Ciências Sociais?.. ou seja que significa uma especialização em várias ciências diferentes e autónomas? Porque a reforma não se estende a Angola e a Moçambique?

A actual reforma que por um lado vem em termos gerais aprovar o trabalho realizado desde 1970 no Instituto de Económicas, não pode deixar de ser observada tendo em conta aquilo a que se dirige na prática. Voltaremos ao assunto.

Francisco Mendes Pedro

MULHER

UMA CADEIRA PARA NASCER

Dar à luz de pé é a palavra de ordem em Medicina Obstétrica de vários países da América. Mas é sobretudo na América do Sul que o método se vem generalizando. Não se trata, no entanto, de uma novidade sensacional: apenas o regresso, apoiado e aperfeiçoado pela ciência, a processo antigo — do tempo em que a mulher, como qualquer outra fêmea, se arranjava sózinha, escolhendo, por isso, a posição mais fácil e rápida.

Durante milénios, foi assim: a parturiente agachava-se sobre um monte de palha, ou de qualquer matéria macia, e esperava que o filho nascesse.

Até que se inventaram as primeiras cadeiras obstétricas. Um tratado de Medicina dos princípios do século XIII — o Código Vindobonensis, cujo original se encontra na Biblioteca do Estado, em Viena — contém uma ilustração que nos dá uma ideia precisa de como a mulher dava então à luz. Nessa miniatura, como a designação «Mulher antes do parto», a parturiente aparece sentada numa espécie de trono, amparada pelas criadas e, na sua frente, de joelhos a «parteira» espera que a criança desça. A protagonista da história só pode ser, no entanto, uma senhora de uma família rica. Aquela que não tivesse criadas, continuaria a arranjar-se sózinha ou, quando muito, com a ajuda de uma amiga, ou da «comadre», que já figura nos documentos de então.

MORRA A MULHER MAS VIVA A CRIANÇA

Sózinha ou amparada por um batalhão de criadas, numa cadeira de espaldar ou num tosco e sem tampo, era sentada que a mulher tinha filhos durante a Idade Média. Muitos cavaleiros, barões, reis e papas nasceram mesmo assim, sem se preocuparem com isso.

As mães tomavam, então, um chá de uma erva semelhante à avenca, que facilitava a operação. Quanto ao médico, só em casos muito excepcionais se recorria aos seus préstimos para fazer nascer alguém.

Daí que nesse tempo muitos meninos ficassem órfãos logo ao nascer — porque, de acordo com o espírito da época, interessava mais uma vida nova do que outra já semigasta. Apesar das regulamentações tendentes a proteger a mulher que sucessivamente se foram adoptando, esta teoria ainda encontra, hoje, muitos defensores.

Só depois do Renascimento se generalizou o método do parto horizontal. Hoje, qualquer plebeu nasce numa cama, sem saber como isso representou uma conquista difícil. Difícil e de validade contestada, hoje em dia. O dr. Tucho Perrusi, obstectra argentino, é um dos que afirmam. «O parto horizontal não só é antinatural, como é inútil, extenuante e exige um arsenal terapêutico, instrumental e tecnológico para conseguir um resultado que a mulher está biològicamente preparada para alcançar sem ajuda».

A força da gravidade é uma razão de muito peso por outras palavras que está em cima tende a cair para baixo. Mas não é só isso. Uma socióloga argentina tem outros argumentos: «Na maior parte dos casos de parto horizontal, a mulher não chega a saber o que se passou... E como se o filho lhe tivesse sido arrancado pelo médico. No caso do parto vertical, a tomada de consciência da realidade desde que a criança começa a sair do ventre modifica substancialmente a relação da mãe com o filho, pois vincula-a a ele desde a sua entrada do mundo exterior».

O desenho da esquerda representa a cadeira que Eucharius Roslin, autor do livro «O jardim das rosas da mulher grávida», recomendou para uso das parturientes. O desenho da direita representa um parto de pé. A gravura de cima reproduz a posição em que a parturiente era colocada na antiguidade, prática que foi vulgar até depois do Renascimento

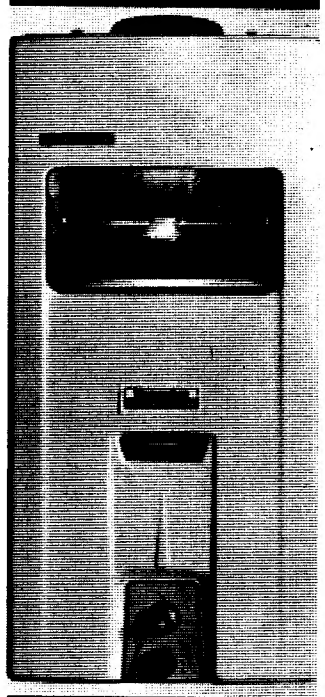
A CAMINHO DA HUMANIDADE ARTIFICIAL

Enquanto na América do Sul um batalhão de médicos, psicólogos e sociólogos se bate pela generalização da nova posição ginecológica, nos Estados Unidos há especialistas que se dedicam a armazenar sémen humano, analisá-lo e inoculá-lo. Assim se procura resolver casos cada vez mais frequentes de esterilidade completa ou de insuficiência de espermatozóides.

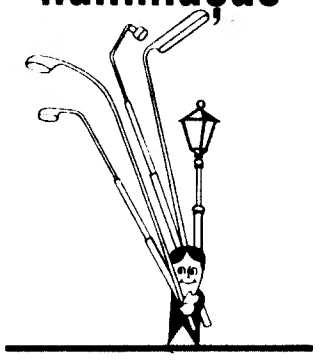
A fecundação artificial ne homem tem apaixonado os estudiosos do tema, particularmente durante os últimos 25 anos. Já em 1953 o prof. Landrum B. Shettles, do Colégio de Medicina da Universidade de Columbia, fecundou artificialmente um óvulo humano.

O assunto está a ser estudado com particular atenção a partir do momento em que se sugeriu que, por meio de uma selecção de sémen se poderia chegar a uma humanidade de seres «superiores».

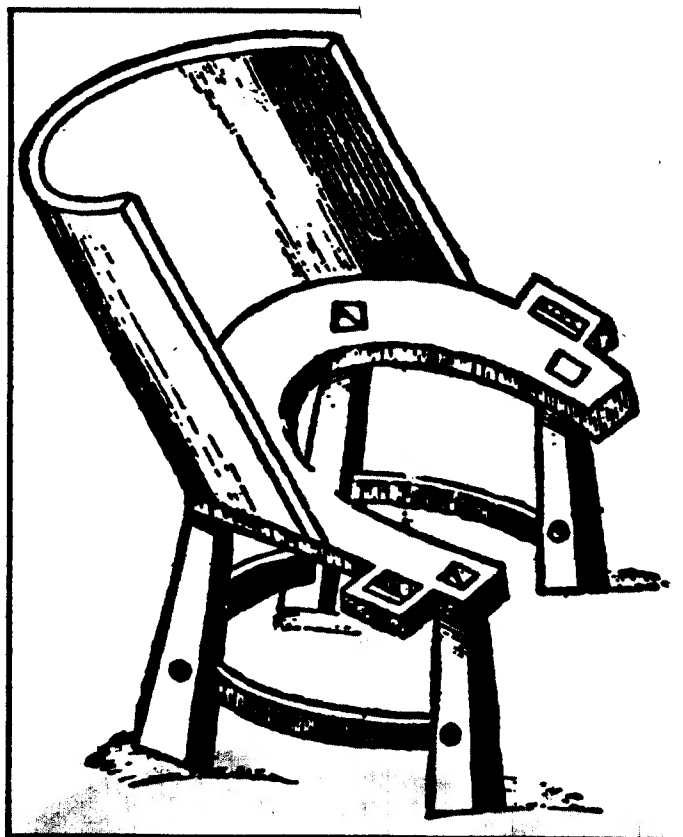
Entretanto, um cientista soviético, N. Dubinin, adverte: «A introdução maciça de reprodutores seleccionados na população humana pode desferir um golpe muito sério no mais importante valor do homem: a sua origem individual e espiritual».

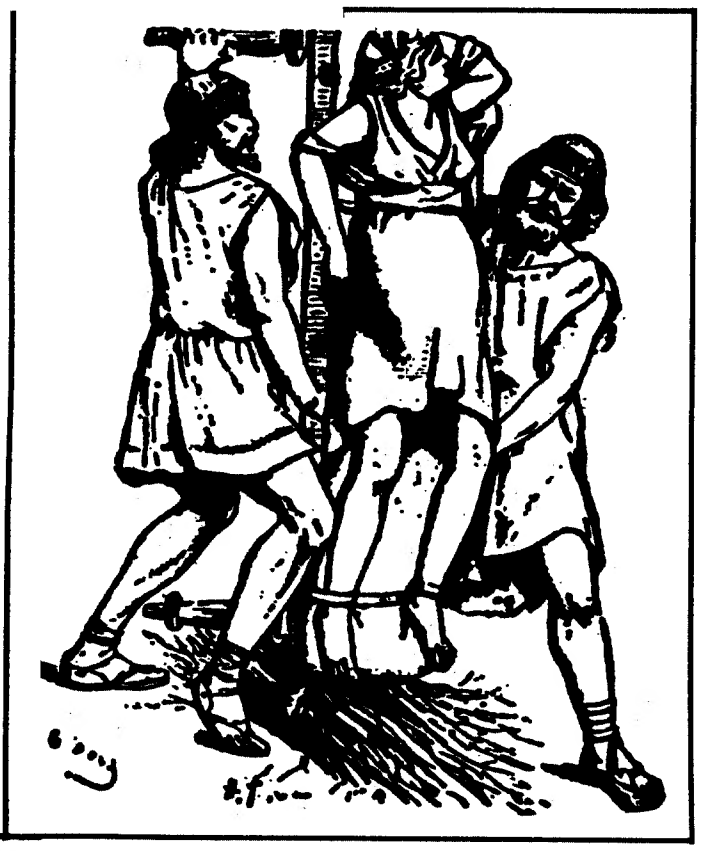
esquentador
Vesuvius
SAUNIER DUVAL

Vesuvius
SAUNIER DUVAL
abriu
correu
aqueceu
NA COZINHA
sempre que é preciso
água quente
PARA O BANHO
sempre que é preciso
agua quente
instantâneamente ..
água quente!
Vesuvius
SAUNIER DUVAL
com
GARANTIA OCL
OLAVO CRUZ LDA

PASSAPORTES
Com rapidez
e economia
TRANSNAUTICA
Agência de Viagens
e Turismo
R. Duque Palmela, 35/37
LISBOA

tudo
para
iluminação

SOUTO
FILHO
LIMITADA
com entusiasmo
ao seu serviço
TEL. 22910-PORTO
Agora também em
Lisboa
Telef. 55 36 30

LUSTRES
de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..
VENDA AO PÚBLICO





7 DIAS

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

A polícia procura dispersar uma manifestação em Dublin, onde os manifestantes queimaram uma efígie do ministro da Justiça Desmond O'Malley.

1 DOMINGO O presidente Nixon anunciou a sua disposição de esperar até que existam condições para se fazer uma paz duradoura no Vietname do Sul. Esta posição não é muito nova e ainda menos surpreendente. O que é sintomático é o facto de o presidente vir agora, depois da reeleição, frisar esta faceta das suas intenções, enquanto nas vésperas de 10 de Novembro o acento era colocado na iminência de um acordo que possibilitaria a paz naquela parte do mundo.

Mas que significa para a Casa Branca «uma paz duradoura»? Naturalmente a expressão tem o mesmo significado em todo o lado: um estado de ausência de guerra prolongado. Como pode Nixon ter garantias de que assim venha a acontecer? Só há uma forma de garantir que as hostilidades não rebentem de um dia para o outro — conseguir que as tensões desapareçam. No Vietname, há várias formas de acabar de vez com as tensões que derem origem à guerra. Mas todas elas passam por profundas transformações no país que não podem fazer-se, e muito menos garantir-se, através de papeis assinados. Para que, de um ponto de vista dos desejos americanos, seja possível garantir a paz duradoura, é preciso debilitar de tal forma o inimigo que só o prolongamento da guerra por muito tempo o poderá permitir. Mas esse foi o objectivo que levou Johnson (depois de Kennedy) a levar milhares e milhares de soldados para a selva, hoje quase desaparecida devido à utilização de desfolhantes e outros produtos, dos três países da Indochina.

2 SEGUNDA O rei Hussein da Jordânia confirmou que palestinianos, apoiados pelo Governo líbio do coronel Gaddafi, tinham tentado derrubar o seu Governo. A história contada pelo rei incluia apenas um oficial do exército real, por sinal apenas com a patente de major. Os palestinianos — disse o rei — teriam oferecido 20 mil piastras ao major para ele desencadear um movimento contra o regime jordano. O major fora descoberto pelos serviços secretos do rei que logo se dirigira à unidade de blindados por ele comandada para denunciar em abstracto aqueles que se movimentavam a soldo de países estrangeiros. O major — afirma o detentor do título Hachemita — não disse palavra. Foi preso (pela descrição real dá a impressão que, se ele tivesse feito a sua autocrítica *in loco,* nada lhe sucederia) e, sujeito a interrogatórios, confessou o seu crime de lesa majestade. E mais falou o rei sobre o major. O comentário que nos merece este episódio é este: ou os palestinianos e Gaddafi são completamente idiotas, ou, caso o não sejam, por certo teriam contactado mais alguém para derrubar Hussein. Precária que seja a estabilidade de Hussein, é preciso mais que um major para o deitar a perder. Se apenas o major andava a soldo de Tripoli, não é legítimo dizer que se preparava um golpe de Estado. Qual será o interesse de Hussein em vir contar esta história para adormecer crianças?

3 TERÇA Mais um «engano» da aviação americana no Vietname. Morreram, ao que parece, 21 pessoas e uma aldeia ficou quase arrasada. Facto tão corriqueiro nesta guerra que não há meio de ter fim, que um cidadão pode legitimamente interrogar-se se será ou não um engano. Como se sabe, existem no Vietname aquilo a que os americanos chamam de tiro livre. Aí, como vale múltiplas vezes tem sido descrito, uma vaca, mesmo uma galinha, podem desencadear um maciço ataque com caças-bombardeiros ou até com B-52. Algumas pessoas serão levadas a sorrir ante esta afirmação. Contudo é assim que muitas vezes se passam as coisas. E é natural que assim seja. Uma área de tiro livre é designada necessàriamente de acordo com informações que a dão como controlada pelo inimigo. Assim, cada vaca, cada galinha, é um animal do inimigo. Tudo o que mexe indica vida. E a vida aí é o inimigo.

4 QUARTA A tradição guerrilheira nas Filipinas continua a manifestar-se. O presidente Ferdinando Marcos veio à televisão anunciar que, em dois pontos do arquipélago, grupos armados haviam atacado forças governamentais. Os recontros foram de tal forma que o presidente, em vez de anunciar, como seria natural mesmo que forçado, a dizimação dos rebeldes, constatou a «total aniquilação» de um destacamento das forças armadas. Estes combates verificaram-se em pleno período de lei marcial. Um dos incidentes referidos verificou-se na província de Mindanao, o que acontece pela segunda vez desde que o Governo proclamou a lei marcial. De certo modo, pode dizer-se que Ferdinando Marcos tinha razão quando instituiu o estado de emergência no país. Sem querer ser adivinho, estou mesmo o ver que, daqui a algum tempo, terminada a guerra da Indochina, vão aparecer muitos saudosos da teoria do dominó. Dirão eles: «Pois largaram o Vietname e já lá estão eles a atacar nas Filipinas». Tão certo como dois e dois serem quatro. Contudo, eles não terão razão. As razões para a guerrilha nas Filipinas estão lá há muito tempo. Tanto estão que ela, com altos e baixos, não desapareceu desde a segunda guerra mundial e já lá tinha estado antes. A situação é tão boa ou tão má neste momento que, apesar de Marcos, obrigado pelas circunstâncias, ter declarado a Lei Marcial, a guerrilha «aniquila totalmente» destacamentos governamentais.

5 QUINTA Nas Nações Unidas, Jakob Malik, o representante da União Soviética, levantou-se para assinalar que a China e a Albânia haviam votado ao lado de Portugal e da África do Sul contra um projecto de resolução que pedia a proibição das armas nucleares e a renúncia ao uso da força. O projecto fôra, naturalmente, proposto pelos soviéticos e fôra aprovado por 73 votos a favor, quatro contra e 46 abstenções. Um parágrafo do preâmbulo da proposta referia a «legitimidade da luta dos povos coloniais pela sua liberdade por todos os meios ao seu dispor». Esta parte da proposta torna compreensíveis os votos português e sul-africano. O mesmo não sucede aos da China e da Albânia. Quem não faz uma política «por» mas «contra» corre o risco de cair em situações destas.

6 SEXTA «É possível que a guerra estale» — disse a sr.ª Golda Meir a propósito da tensão na fronteira com a Síria, nos tumultuados montes Golan. Contudo, o primeiro-ministro israelita afirmou também que cada dia que passa tem guerra «mais nos aproxima da paz». Claro que para Golda Meir a questão básica é a de conservar o mais possível o estado actual das coisas de modo a que seja cada vez mais difícil inverter totalmente as conquistas da Guerra dos Seis Dias. Entretanto, segundo o jornal francês «Le Figaro», os Estados Unidos têm um plano para resolver temporàriamente a questão do Médio Oriente. Inevitàvelmente, o autor do plano é o sr. Kissinger. Ele prevê a reabertura do Canal do Suez, pagando os EUA as despesas de limpeza e de aprofundamento, de modo a que lá possam passar os superpetroleiros. Os israelitas retirar-se-iam da margem oriental daquela via marítima.

7 SÁBADO Depois de 23 anos de oposição, o Partido Trabalhista australiano regressa ao Poder. Esta alteração na direcção da política australiana pode vir a provocar modificações de algum vulto no quadro das alianças do Pacífico e do Sueste asiático. Na verdade, 23 anos de oposição levaram os trabalhistas a assumirem posições bem mais radicais daquelas que conhecemos aos seus homónimos da Grã-Bretanha. De um modo geral, pode afirmar-se que o Partido Trabalhista australiano é desfavorável às alianças militares com os EUA, adoptando uma posição perto da neutralidade. A respeito do Vietname, ele foi sempre contrário à participação do seu país.

A. VILLAVERDE CABRAL

TENSÃO NA IRLANDA

A questão irlandesa é uma situação que tem vindo a ser centrada em seis condados do Ulster — tende a generalizar-se cada vez mais a toda a ilha.

A questão irlandesa é cada vez mais de toda a ilha e não apenas respeitante aos seis condados do Ulster que constituem (ainda) uma província do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. As recentes decisões, por enquanto governamentais, das autoridades da Irlanda independente são bem reveladoras de uma intenção de cortar, na retaguarda o apoio aos combatentes republicanos e católicos do Norte. Quando, violando todas as tradições da justiça democrática, se obriga os suspeitos de pertencerem a organizações clandestinas, a provarem a sua inocência, dispensando as autoridades policiais do trabalho de provar a culpalidade, o governo de Jack Lynch abriu completamente o seu jogo. Aliás ele era desde sempre transparente, variando a clareza das suas acções na razão directa do radicalismo que o IRA (provisório ou aficial) imprimia imprime às suas actividades. E como poderia deixar de ser assim? Pois não estão a economia e os interesses daqueles que Lynch representa inteiramente dependentes da velha potência colonial, da «city» londrina? Desde há muito que, na verdade, se sabe, se tem pelo menos a possibilidade de saber, que a questão do Ulster não deve ser vista isoladamente. Aqueles que advogam (talvez seja mais cauteloso dizer advogam) a simples união da província britânica à república do Sul, estão longe das reais necessidades da ilha, não são nacionalistas na moderna acepção da palavra. Se é certo que política e administrativamente a Irlanda do Norte depende do Londres, não é menos verdade que Dublin não se libertou da tutela económica da grande ilha vizinha. E até interessante notar que os pouquissimos protestantes que vivem na Irlanda do Sul detêm ainda parte importante da economia da república do Eire nas suas mãos. Dentro deste quadro, não espanta que a detenção de MacStiofain, alegado dirigente dos «provisórios», tenha provocado a onda de protestos em Dublin. Não admira também que a conhecida Bernadette Devlin declare a cinco mil pessoas que «o tempo de moderação passou e, aos que se mantêm no meio, digo: retirem-se, se não vamos passar-lhes por cima». As declarações da jovem deputada foram bem clarificadas pelo presidente do Sinn Fein, Roy O'Brady, durante o mesmo comício: «Queremos derrubar o Governo. Não queremos um estado neocolonialista (Segundo a tradução da agência. Parece mais apropriado dizer «neocolonizado»), mas uma Irlanda reunificada e democrática». A respeito da nova disposição judicial, os dirigentes da oposição mais aguerrida afirmaram já que o Dail (o Parlamento) a aprova, ela não será reconhecida. A questão irlandesa toma, pois, uma outra amplitude, a sua verdadeira amplitude. O processo de descolonização não terminou com a independência do Sul. Os habitantes do Norte já se tinham apercebido disso entre tiros e bombas.

Cabe agora a vez do Sul. Muitos dos rebeldes poderão ser acusados de extremismo, de irrealismo, de desespero até. Talvez haja alguma razão nessas acusações, mas não serão as recriminações que farão abrandar a violência na ilha. O governo de Dublin tem, mais do que nunca, motivos de sobra para pressionar Londres no sentido de se descobrir um paliativo para a questão. No plano diplomático, será essa luta por um paliativo e provável **leit motiv** dos tempos mais próximos.

Este camponês sul-vietnamita reconstrói a sua casa, destruída pelos bombardeamentos, com as suas próprias mãos.

FIM DE SEMANA
DE 8 A 10 DE DEZEMBRO
ALGARVE
(Aldeia das Açoteias)

Tudo incluido ..... 630$00
Alojamento e refeições ..... 430$00

Uma organização da
WASTEELS EXPRESSO
em colaboração com o
TCP
Touring Club de Portugal

Peça programa detalhado e inscreva-se:
Av.ª António Augusto de Aguiar, 88-C — Telf. 42185

PILULAS DE
ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO
DE ALHO FORTE

CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

PREPARADO POR:
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal:
CREFAR — R. DA MADALENA, 171-2.º — LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Nunes Carneiro — ALGOZ

OS ESTADOS UNIDOS PRONTOS A NEGO

«LE MONDE»
«DL»

BIENVENIDO COMPAÑERO FIDEL

O Governo americano recebeu das autoridades cubanas uma proposta de convenção bilateral sobre a repressão da pirataria aérea, declarou na quarta-feira, 15 de Novembro, em Washington, Charles Bray, porta-voz do Departamento de Estado.

«Temos a impressão de que poderia agora haver razões para retomar as negociações com o Governo cubano sobre esse problema», acrescentou o porta-voz. Sublinhou que não se trataria de contactos directos entre Washington e Havana, mas de negociações por intermédio da Suiça, que representa os interesses dos Estados Unidos em Cuba. O Governo cubano tinha feito, a este respeito, já em 30 de Outubro passado, uma proposta que foi tornada pública em Havana na referida quarta-feira.

As discussões entre

TROCO

Os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo, temos grande variedade em exposição. Fabricamos por desenhos. Facilidades de pagamento.

ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Avenida Almirante Reis, 35
(perto da igreja dos Anjos)
Tel. 83 21 61

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

NATIONAL PANASONIC

há alguma novidade?

Há, sim senhor: o gravador de cassetes com AUTO STOP da NATIONAL.
Da qualidade já não é novidade. O que é novo no mundo dos gravadores é o AUTO STOP, um dispositivo que desliga automàticamente o gravador quando as cassetes chegam ao fim. — Para quê?
Para evitar que as pilhas «morram» porque V. se esqueceu de o desligar...
Para evitar que a fita magnética da cassete, sujeita a uma pressão constante e desnecessária, corra o risco de se avariar.
Para evitar o desgaste prematuro das peças do gravador.

sonipol NATIONAL National
LISBOA-PORTO-FARO

CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Há deis meses, os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa dos Países da Aliança Atlântica comunicaram a Moscovo estarem na disposição de iniciarem conversações sobre a segurança europeia e sobre as retiradas de tropas da Europa Central. Desde então, as coisas começaram a andar depressa.

As conversações sobre a segurança iniciaram-se em Helsínquia no dia 23 de Novembro. As conversações sobre a retirada das tropas devem começar no dia 31 de Janeiro, provàvelmente na suíça. E os ministros da Aliança Atlântica reunem-se novamente em Bruxelas nos dias seis a oito de Dezembro, para decidirem quais as próximas medidas.

As reuniões ministeriais da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), que se realizam duas vezes por ano, destinam-se a coordenar a acção política e os diversos planos. Raramente se efectuaram duas reuniões tão importantes num só ano.

Em Maio, reunidos em Bonn, os ministros afirmaram que os seus países estarem retiradas.

— Redução de certas armas do Pacto de Varsóvia — como, por exemplo, tanques — que o ocidente considera particularmente «desiquilibradoras». Em contravam dispostos a iniciar as conversações preliminares para a conferência de segurança, há muito desejada por Moscovo, mas com a condição de que a Russia entrasse em negociações sobre reduções equilibradas e bilaterais de tropas — a redução de tropas tanto do Ocidente como do Leste, nas Alemanhas e possívelmente em outras nações da Europa Central.

O bloco soviético, finalmente aceitou esta condição e iniciaram-se as conversações. A próxima reunião ministerial de Bruxelas será a última antes do início das conversações sobre a redução das tropas e, em círculos ligados à **NATO**, salienta-se que os ministros têm muito com que se preocuparem.

A mais importante será, todavia, as decisões sobre o que exigir da União Soviética e dos seus aliados. Nos círculos ligados á **NATO** acrescenta-se que entre as exigências se incluem:

— Reduções de tropas equilibradas, mas não iguais. O Pacto de Varsóvia dispõe na Europa Central de cerca de duas vezes mais homens do que a **NATO**. Uma redução equitativa poderia debilitar a defesa do ocidente. Em vez disto, a **NATO** deseja uma redução por percentagem e vai exigir que seja mais elevada a percentagem das tropas do Pacto de Varsóvia a separtida, é provável que os russos exijam uma redução do número de aviões estacionados na Europa Ocidental.

Alguma fórmula para suplantar «o problema da distância». Isto resulta da situação geográfica, segundo a qual qualquer retirada de tropas norte-amwricanas será de oito mil quilómetros, ao passo que as tropas soviéticas chamadas para o seu país podem ficar junto à fronteira, a uma hora de voo de quatro diferentes países de Europa Oriental.

— Forma de verificar se as tropas são efectivamente retiradas. É provável que o Ocidente insista em que sejam retiradas unidades completas de soldados russos. Segundo os mesmos círculos, a retirada de uma unidade pode ser verificada por satélite, o que não acontece se forem retirados vários soldados de diversas unidades.

O eventual objectivo, na opinião, de funcionários da **NATO**, é conseguir um «equilíbrio mais estável mas mais baixo», juntamente com uma redução na capacidade soviética de utilizar o seu exército para impôr a sua vontade política na Europa Oriental. Uma vez que as tropas soviéticas vigiam ainda a política da Polónia, da Alemanha Oriental, da Checoslováquia e da Hungria, é possível que o Kremlin resista com todas as forças a este ponto.

...OCIAR COM CUBA

os Estados Unidos e Cuba sobre a repressão da pirataria aérea encontram-se num impasse desde 1970, dado que uma proposta concreta americana ficou, então, sem resposta. Aliás, subsiste uma divergência fundamental nas respectivas posições dos dois países. O acordo proposto pelo Governo cubano diz, com efeito, respeito **«aos desvios de aviões e embarcações»**, e aplica-se às **«entradas e saídas ilegais nos territórios dos dois países»**.

Se o Governo americano, precisa o comunicado de Havana, está disposto, tanto como o Governo cubano, a conduzir **«a sério e sem demora»** uma discussão para se chegar a um **«largo acordo»**, será possível encontrar uma solução para um problema internacional que preocupa numerosos países. Ao mesmo tempo, o Governo de Cuba **«não deseja que o seu território seja utilizado como refúgio por pessoas responsáveis por delitos de direito comum no território das Nações Unidas»**, prossegue o comunicado.

Em Washington, no entanto, o porta-voz do Departamento de Estado deu nitidamente a impressão de que os Estados Unidos sempre quiseram tratar separadamente da pirataria aérea, dizendo: **«Se existe um desejo mútuo de tratar o problema** (da pirataria área) **tal, como merece, isso seria evidentemente bem recebido.»**

Pela primeira vez, na verdade, o Governo americano manifestou pùblicamente a sua satisfação e exprimiu o seu reconhecimento ao Governo cubano pela ajuda prestada à tripulação e aos passageiros de um DC-9 da companhia **Southern Airways** desviado durante o último fim-de-semana em condições dramáticas.

PIRATAS DO AR

Martin Schram entrevistou dois piratas do ar enquanto passava mais de um mês em Cuba, em serviço, durante 1971

A sorte dos últimos piratas do ar a aterrar em Cuba é incerta, porém, de acordo com os homens que intervieram em idênticos incidentes anteriores, a sua vida em Havana, provàvelmente, estará longe de ser agradável.

Tão longe de ser agradável, de facto, que alguns dos piratas do ar que agora se encontram em Cuba preferiam voltar aos Estados Unidos e enfrentar a prisão do que continuar a viver em Cuba. Dois piratas do ar americanos, de raça negra, que se encontram em Cuba, Richard Duwayne Witt e Garland Jesus Grant, expressaram esse desejo durante as conversas que tiveram comigo em Havana há 14 meses.

Os sonhos de uma heróica chegada vão por água abaixo com as tradicionais cerimónias de recepção no aeroporto de Havana. O pirata do ar é desarmado e levado pelos soldados cubanos ou pela polícia. E-lhe tirada a roupa, revistado e interrogado.

Para alguns, a próxima paragem é a cela de uma prisão cubana. Para outros, é uma casa azul, de dois andares, num bem conhecido subúrbio de Havana chamado «Siboney». O local, normal e despretensioso é uma espécie de casa a meio - caminho para piratas do ar... Lar para cerca de 20 homens, com dois tenentes do exército destacados como chefes da residência. Os que vivem na casa de Siboney, têm permissão para entrar e sair a seu belo prazer durante o dia.

Nas suas conversas, Witt e Grant, que vivem nessa casa, queixaram-se de má comida, roupa de qualidade inferior, discriminação racial e perseguição policial. A entrevista foi arranjada com o auxílio de um intermediário, sem o conhecimento dos oficiais cubanos.

Diz-se que um dos piratas do ar, de nacionalidade americana, que vivia em Cuba, se suicidou, lançando-se do cimo do outrora elegante Hotel Nacional, em Havana. Dois outros, segundo se diz, tentaram tomar de assalto um avião cubano para regressar aos Estados Unidos, mas, em vez disso, sofrem agora numa prisão cubana.

Funcionários do Departamento de Estado em Washington dizem não saber onde é que os cubanos detêm os homens que assaltaram um jacto de passageiros DC - 9 da **Southern Airways** num destes últimos fins de semana. Nem sabem tão pouco qual o paradeiro dos homens procurados pelas autoridades americans pelo assalto de um banco na Virgínia em 25 de Outubro passado, assinaldo com a morte de um polícia e do gerente do banco, após o que mataram ainda um agente de passagens da **Eastern Airlines**, quatro dias depois, antes de assaltarem um avião desviado para Cuba.

Numa enrevista telefónica, um funcionário da Embaixada da Suiça em Havana (que representa os interesses dos Estados Unidos em Cuba) admitiu que «não sabemos exactamente» onde quaisquer dos grupos de piratas do ar recentemente chegados se encontram ou são mantidos.

CONSTRUÇÃO DO SUPERMERCADO PÃO DE AÇÚCAR — OLIVAIS SUL

INÍCIO DA OBRA — 23 DE JUNHO 1972
INAUGURAÇÃO OFICIAL — 1 DEZEMBRO 1972
ÁREA DAS INSTALAÇÕES — 10.000 M2

Utilizamos nesta obra:

— A nossa experiência fundada em mais de 50 anos de actividade.
— Alguns dos nossos 3.000 colaboradores permanentes do quadro de pessoal de obras.
— O equipamento mais adequado às características da construção e ao prazo da obra.
— As nossas oficinas de apoio (que ocupam 600 colaboradores) para a execução de:

PAINÉIS DE BETÃO PRÉ-FABRICADOS
ARMADURAS DE AÇO PARA A ESTRUTURA DE BETÃO
COFRAGENS
ESTRUTURAS METÁLICAS
CARPINTARIAS

Sociedade de Construções SOARES DA COSTA, s.a.r.l.

SEDE NO PORTO
Rua do Almada, 597 — Porto
Telefs. 29274 — 9 linhas

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Cidade de Bolama, Lote, 387-3.º-Esq.º
Telef. 319794

LIVROS

Os girassóis de Wiesenthal

«Os Girassóis», de Simon Wiesenthal (o célebre «caçador de nazis»), agora lançado pela Editorial Futura, é um livro dividido em duas partes distintas. Na primeira, o autor conta como, em Junho de 1942, um jovem SS agonizante lhe confessou os seus crimes, para, segundo lhe disse, morrer em paz, depois de obter o perdão de um judeu.

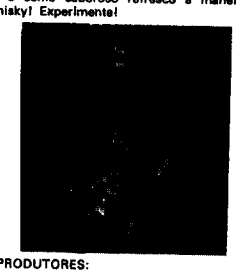
Na segunda, inserem-se os depoimentos de várias personalidades a quem Wiesenthal enviou o manuscrito, para que dessem a sua opinião sobre se procedera bem ou mal ao recusar a graça do perdão ao moribundo: Stefan Andres, René Cassin, Petru Dimitriu, Fitz Gibbon, Saul Friedlander, Albrecht Goes, Herbert Gold, Helmut Gollwitzer, Hans Hade, Friedrich Heer Gustav Heinemann, Roger Ikor, Jacob Kaplan, Robert Kempner, Joseph Kessel, Herman Kesten, Primo Levi, Salvador de Madariaga, Golo Mann, Gabriel Marcel, Herbert Marcuse, Jacques Maritain, Martin Niemoeller, Hans Werner Riechter, Luise Rinser, rev. Riqueut, Leopold Senghor, Manés Sperber, Friedrich Torberg, Vercors, Herman Wouk e Karl Zuckmayer.

Se, na primeira, Wiesenthal prende a atenção do leitor pela invulgar capacidade de narrador de que já dera prova em «Os assassinos estão entre nós» e «Eu persegui Eiscmann», a segunda reveste-se de grande curiosidade, pelas posições assumidas por cada uma das individualidades citadas.

É que o livro de Wiesenthal, tratando de um caso concreto, que relata em toda a sua crueza, não deixa, por isso, de pôr um dos problemas cruciais do século XX e, como diz Herman Wouk, talvez de toda a experiência humana. E, se Leopold Senghor (esse notável poeta que é, quanto a mim, uma das figuras mais dignas e esclarecidas da actualidade, não só ao nível da actuação política como dessa outra que os governantes muitas vezes esquecem, a humana) diz que «teria, julgo, perdoado a esse SS», a verdade é que Jacques Maritain não condena Wiesenthal por se ter retirado sem perdoar. E Herbert Marcuse diz que, poss velmente, teria agido da mesma forma que o autor de «Os Girassóis».

Trata-se, como o leitor decerto já concluiu, de uma obra apaixonante. Conta uma história (verídica) e põe um problema. Como reagiria cada um de nós? Sim, cada um de nós, mesmo os que nascíamos quando os factos relatados por Simon Wiesenthal estavam a decorrer?

Torquato da Luz

PELA PRIMEIRA VEZ...
EM PORTUGAL!...
COCONUT!
UMA CRIAÇÃO PORTUGUESA!...
Licor Especial Superfino
Rico em propriedades tónicas, estimulantes e digestivas...
Muito agradável com café, chá mate torrado e como saboroso refresco à maneira de Whisky! Experimente!

PRODUTORES:
DANIEL LAPA, LDA.
Telef. 57531 — PORTO
DISTRIBUIDORES EM LISBOA E ARREDORES
DUARTE DIAS, LDA.
Telef. 784512/3

Nota do Episcopado Português

LIBERDADE DE ENSINO UM DIREITO OPORTUNO

Continuação da pág. 6

factos, porém, são infelizmente outros» — acrescentam. «O ensino particular, incluindo o da Igreja, é simplesmente permitido ou aceite».

Ressalvando no entanto algumas medidas do Ministério da Educação Nacional, acrescenta o Episcopado Português:

«De 1964 para cá (não falando do Estatuto da Educação Nacional elaborado pelo Ministro Galvão Teles, que representou a primeira tentativa global para dar tradução concreta aos princípios constitucionais, mas que não passou da fase de projecto), algumas felizes providências — designadamente o reconhecimento oficial da Universidade Católica em 1971 — foram adoptadas, visando melhorar a situação descrita. Mas, ao mesmo tempo, noutros sectores, medidas menos felizes, somadas a circunstâncias adversas, não contribuem senão para a tornar ainda mais desfavorável. Sintomas claros disso são a necessidade em que se viram alguns estabelecimentos de ensino particular de suspender a sua actividade e a agonia em que se debatem muitos outros. Por isso, não é de estranhar a inquietação que ùltimamente se fez sentir entre as pessoas mais ligadas ou atentas a estes problemas.

«No entanto, como dissemos ao princípio, as iniciativas agora anunciadas pelo Ministério da Educação Nacional dão-nos a esperança de que a liberdade de ensino, quase 40 anos depois de plebiscitada a Constituição Política, seja, enfim, uma realidade. Já demasiado tempo infelizmente se desperdiçou.»

ENSINO LIVRE O QUE É?

Em conclusão, os bispos enunciam as condições dum ensino livre:

«Se bem repararmos, o que a doutrina da Igreja tem em vista não é a defesa do **ensino particular** simplesmente dito, mas a defesa do **ensino livre** — duas realidades que não coincidem nacessàriamente. Para ser particular, basta que não pertença ao Estado; para ser livre, é indispensável que, além disso, se apresente dotado de determinados requisitos, a saber: autonomia de organização interna, dentro dos quadros gerais do sistema educativo nacional; relativa liberdade pedagógica; reconhecimento oficial dos estudos; paridade financeira.»

«E este o ideal a que a nossa Constituição aponta. Mas, salvo raras excepções, o que as circunstâncias até hoje consentiram em Portugal, está, como observámos, muito longe de o atingir.

«Nós, os Bispos da Metrópole, não pretendemos com este documento consagrar pròpriamente o ensino particular, incluindo o da Igreja, tal como existe no nosso País. Conhecemos as suas lacunas, as suas carências e mesmo, aqui ou além, os seus defeitos, aliás em grande parte devidos à situação de marginalidade que lhe tem sido imposta(...) Não é, todavia o balanço dos aspectos negativos ou positivos do nosso ensino particular que constitui a finalidade própria do nosso documento.

«O que pretendemos é coisa bem diversa: contribuir para que possamos todos, autoridades e educadores, finalmente superar o regime de puro ensino particular em que temos vivido e o substituamos por um ensino autênticamnte livre. Então o do próprio Estado poderá também considerar-se livre, visto ser oferecido, entre vários, à livre escolha dos pais.

«Não apreciamos factos; colocamo-nos no plano da doutrina. Se a pusermos em prática, gradual mas corajosamente, não apenas ajudamos a salvaguardar melhor o direito dos pais à livre escolha da escola para os seus filhos, mas também contribuiremos para a necessária e desejada democratização do ensino, pela criação de absoluta igualdade de oportunidades oferecidas a todos os portugueses, sem discriminação. A unidade da vida nacional, por todos vivamente desejada, não consente emulações, que importa reprimir a todo o custo. Acreditamos, porém, que é justamente a existência de um conveniente pluralismo escolar, não concorrente mas harmónico, condição indispensável para que essa unidade se robusteça, na legítima diversidade dos homens e dos grupos que integram a Nação.»

A C. P. INFORMA:

TRABALHOS DE RENOVAÇÃO DA VIA LINHA DO DOURO

Por motivo dos trabalhos de renovação da via a que se vai proceder, na linha do Douro, serão feitas as seguintes alterações, nos períodos de 27 de Novembro a 15 de Dezembro de 1972 (inclusive) e de 8 de Janeiro de 1973 até data que será indicada oportunamente:

CIRCULAÇÕES ASCENDENTES

Aut.ª rápida n.º 6001, que parte de Porto (S. Bento), às 7-50 — Antecipada a sua partida de Porto (S. Bento) de 20 minutos e modificada a sua marcha até Régua.

Comboios Semidirecto n.º 6011, que parte de Porto (S. Bento) às 9-20 e **ónibus n.º 6121,** que parte de Porto (Campanhã) às 8-11 — Suspensa a sua circulação em todo o trajecto, sendo substituídos por um comboio ónibus com partida de Porto (S. Bento), às 7-38.

Comboio Semidirecto n.º 6013, que parte de Porto (S. Bento) às 14-20—Passa a efectuar-se apenas aos sábados, domingos e feriados oficiais àqueles equiparados.

De segunda a sexta-feira (excepto feriados oficiais) é estabelecido em sua substituição um comboio semidirecto, com partida de Porto (S. Bento) às 15-40 e ligação para as linhas do Tâmega, Corgo, Tua e Sabor.

Comboio ónibus n.º 6123, que parte de Porto (S. Bento) às 10-05 — Passa a efectuar-se apenas aos domingos e feriados oficiais àqueles equiparados, circulando entre Porto (S. Bento) e Régua.

CIRCULAÇÕES DESCENDENTES

Comboio Semidirecto n.º 6010, que chega a Porto (S. Bento) às 13-35 — Entre Régua e Porto (S. Bento) passa a efectuar-se aos domingos e feriados oficiais àqueles equiparados.

Por este motivo, nos dias úteis, o comboio «Foguete» n.º 4 deixa de receber ligação da linha do Douro.

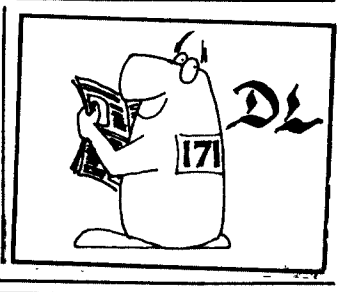
Comboio ónibus n.º 6122, que chega a Porto (S. Bento) às 14-47 — Suspensa a sua circulação em todo o trajecto, excepto aos sábados e feriados oficiais àqueles equiparados.

Comboio ligeiro n.º 5912, que chega a Porto (S. Bento) às 17-34 — Suspensa a sua circulação em todo o trajecto.

O pormenor das marchas dos comboios de substituição consta dos cartazes afixados nas estações.

Chama-se a atenção do Público para o facto de que estes trabalhos são absolutamente imprescindíveis para melhoria das condições de circulação naquela linha.

A C. P. pede, portanto, a melhor compreensão para os inconvenientes que, do facto, possam resultar.



CAMPANHA DO NATAL
MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS 5000$00
FRIGORÍFICOS 140 L ..... 1900$00
SECADORES DE CABELO ..... 140$00
AUTO-RÁDIOS ..... 1000$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO ..... 150$00
SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
LARGO DO MASTRO, 5 TEL. 56 15 55

Serviço especial the Los Angeles Times /DL

UMA ZONA NA EUROPA LIVRE DE ARMAS E SOLDADOS

Por DON COOK

VIENA — O chanceler Bruno Kreisky, numa entrevista concedida ao **The Los Angeles Times**, revelou que a Austria proporá, durante a Conferência de Segurança Europeia, a criação de uma zona desmilitarizada na Europa, da qual seriam retiradas tropas e material de guerra, de ambos os lados e a uma igual distância da fronteira Leste - Oeste.

«Haveria uma área geográfica da mesma proporção em ambos os lados da linha de demarcação, em que teríamos um enfraquecimento, uma diluição de armamentos», disse Kreisky, acrescentando que, em ambos os lados deveria também ser criada uma área que estivesse igualmente, «de maneira notável, livre de armas e soldados».

A fase preparatória da Conferência de Segurança Europeia abriu em Helsínquia com a presença de 35 nações (esperava-se que nela tomassem parte 36 nações, porém, a Albânia, por motivos óbvios, não participou). Kreisky, numa ampla discussão dos problemas e perspectivas para a conferência, disse acreditar que ela viria a revelar-se o ponto de partida para um longo processo de «diplomacia de conferência» na Europa.

«A Europa é hoje um continente sem guerra», afirmou Kreisky. «Chegámos a um determinado grau de calma e, portanto, chegou a altura de ver se há possibilidades de maior progresso. As conferências podem conduzir a alguns resultados alguns resultados quanto à Europa apenas porque aqui os problemas envolvidos não são tão complicados como em outros continentes».

Disse ainda que, embora os problemas europeus sejam numerosos, o continente não está numa «situação de guerra» em que tenham de ser tomadas decisões imediatas.

Kreisky tornou claro que a ideia austríaca sobre uma zona desmilitarizada no centro da Europa não pretende ser um substituto das reduções de forças mútuas e equilibradas.

Os preparativos encontram-se na sua fase final, relativamente a uma conferência para a redução de forças, entre o bloco do Pacto de Varsóvia e o da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), por forma a que esta decorra paralelamente com a Conferência de Segurança Europeia.

«Isto envolve um bom número de problemas e, portanto, eu ficaria muitíssimo surpreendido se se chegasse a um resultado, pois trata-se de uma das questões mais complicadas», disse Kreisky. «Mas se se chegar a um resultado, só por isso terá sido útil convocar uma tal conferência. Parece-me não me ser possível calcular qual será a atitude soviética (sobre a redução das suas forças no Leste da Europa). E, de facto, impossível. Porém, os soviéticos devem compreender isto: ter uma ideia exacta do que é uma conferência razoável é ter de aceitar algumas das suas soluções, ou ter de elaborar, com a outra parte, algumas soluções... Participar numa conferência implica que, pelo menos, haveria em mente algumas soluções.»

A Austria não fez ainda quaisquer sondagens preliminares sobre a ideia da zona desmilitarizada na Europa, e a forma e altura da apresentação de uma proposta austríaca não pode ser decidida senão depois da fase preparatória de Helsínquia estar concluída e a Conferência de Segurança Europeia iniciar os seus trabalhos. Porém, Kreisky disse:

«Podemos fazer propostas e temos algo mais a dizer nessa conferência do que em outras conferências internacionais, porque as nações mais pequenas da Europa têm uma certa reputação, uma certa importância devido à sua força internacional. Isto torna as coisas muito diferentes da Assembleia Geral das Nações Unidas, porque as nações mais pequenas na Europa são extremamente fortes e têm uma forte influência sobre a economia europeia.»

O chanceler austríaco afirmou ter visto um paralelo entre a Conferência de Segurança Europeia e as conversações sobre a limitação das armas estratégicas (SALT) que tiveram lugar em Hlesínquia e Viena entre os Estados Unidos e a União Soviética, e que combinaram a realização de uma segunda fase em Genebra.

«A SALT é de facto, uma instituição permanete para conversações entre os Estados Unidos e a União Soviética e como tal continuará e alcançará, de tempos a tempos, algum êxito. Porém, isto diz respeito ùnicamente às duas chamadas super - potências. Penso que uma conferência de Segurança Europeia seria um bom complemento da SALT, por forma a dar às nações mais pequenas uma possibilidade de se pronunciarem sobre a paz e o desarmamento», disse.

Perguntado sobre o ponto de vista tão fortemente defendido no Ocidente de que a conferência não deve simplesmente deixar de sancionar a doutrina de Brejnev e o direito da União Soviética intervir com forças militares contra os seus próprios aliados do Pacto de Varsóvia, Kreisky disse:

«Há um certo número de países, no qual se incluem algumas nações comunistas, que não estão dispostos a aceitar a doutrina de Brejnev: a Roménia ou a Jugoslávia, por exemplo. Portanto, penso que a União Soviética não estaria interessada numa discussão da doutrina de Brejnev. Penso que há, também, uma outra razão.

«Tenho a impressão de que há uma certa sensação de constrangimento: uma sensação não muito confortável acerca dos acontecimentos na Checoslováquia, e é interessante verificar que este problema está mais esquecido no Ocidente do que no Leste. Está aqui muito mais vivido, é muito mais um problema no Leste do que no Ocidente. Pode muito bem acontecer que a conferência possa aceitar, como um princípio, uma doutri-

Continua na pág. 14

ALMOÇAGEME

A nova estrada, que actualmente está servindo a progressiva terra de Almoçageme, veio dar relevo a um dos pontos mais belos da nossa greguesia, o pitoresco lugar de Santo André, que pouco a pouco se vai enfeitando de novas residências e onde — segundo nos dizem — vai surfir um restaurante. A proximidade da Praia Grande e da Praia da Adraga justificam plenamente a preferência dos veraneantes por aquele local, que belos pomares e umbrosos pinhais emolduram id lficamente. Porém, há anos, um grupo de vândalos roubou aos nossos olhos a visão da velha cruz, que foi por eles cobardemente arrancada e partida, decerto apenas para satisfação de seus bárbaros e selváticos instintos. («Jornal de Sintra»).

PANÓIAS

Indivíduos sem escrúpulos espalham trigo envenenando nos locais mais frequentados pelas predizes e outras aves de menor porte, das quais enchem sacos e vendem com a maior das facilidades a certos intermediários que, por sua vez, as colocam no mercado a bom preço, embora esses passarinhos, além de envenenados, se encontrem já, numa grande percentagem, no estado de putrefacção. O arrojo vai ao ponto de alguns pombais e galinheiros terem ficado vazios, havendo até um caso em que, num propriedade da freguesia de Casével, concelho de Castro Verde, foram envenenados cerca de uma centena de perús, sem que o dono possa ser compensado de tais prejuízos. («Diário do Alentejo»).

EXCURSÕES CP
Sugerem-lhe MADRID
cidade cheia de atractivos no Outono
● Diàriamente, dois estilos de viagem: «Lusitânia-Expresso» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
● Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.
PREÇOS DESDE 820$00
Informações e folhetos descritivos:
ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1.º — LISBOA
Organização tel. 36 75 29
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

ATLANTICA LINE
Serviço com saídas em dias fixos (2.ªs-feiras)
Serviço com enchimento (grupagem) em dias fixos (6.ªs-feiras)
PARA
NEW YORK / NORFOLK / BALTIMORE / BOSTON
n/c. «ATLANTICA GENOVA»
em 10 de Dezembro
NEW YORK / NORFOLK / BALTIMORE / BOSTON/MONTREAL/TORONTO/HAMILTON
n/c. «ALTANTICA LIVORNO»
em 17 de Dezembro
Os Agentes Gerais:
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 TEL. 368068 362206
LISBOA 2 PORTUGAL
END. TELEGR. ANTUNITA TELEX 1181 - OREY, P
APARTADO 2233

CASQUILHO & FILHOS, LDA.
AGENTE OFICIAL
MAZDA

visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

HIPOTECAS
Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Provincia, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei
Transacções rápidas e com o máximo sigilo
A CONFIDENTE
Rua do Ouro, 292, 1. (Esq. c/ o Rossio)
LISBOA Telef. 369384/5/6

ALTO DA BARRA
para uma certa forma de vida
Frente ao Motel Continental - OEIRAS — Telefones: Lisboa 53 76 97 - Oeiras 243 35 90

UMA ZONA NA EUROPA

Continuação da pág. 13

na de não intervenção ilimitada.»

Todavia, o chanceler Kreisky foi mais cuidadoso sobre a forma como e até que ponto as potências ocidentais podem fazer pressão — e se o farão — durante a Conferência de Segurança Europeia, para conseguir um acordo sobre o livre trânsito de pessoas na Europa.

«Penso que esta questão é, evidentemente, importante, mas pergunto-me se virá a tornar-se um problema capital durante a primeira conferência», disse.

«Penso que esta questão não deveria ser ignorada, mas pergunto-me se será necessário inscrevê-la na agenda da primeira conferência.»

Kreisky acrescentou ainda que a decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos que estabeleceu o direito de todo o cidadão ser detentor de um passaporte e aboliu o direito do governo de recusar ou retirar passaportes por motivo de segurança ou de política, foi muito importante na medida em que deu lugar ao direito dos cidadãos dos países comunistas poderem ser detentores de passaportes e viajar livremente.

Interregoda acerca do perigo que pode resultar de uma conferência de segurança em termos de sensação de calma, que criará, de facto, uma insegurança para a Europa, o chanceler respondeu:

«Todos os governos da Europa compreendem que chegámos a este abrandamento das tensões sòmente porque temos agora no mundo um equilíbrio de forças. Portanto, toda a gente deve compreender que, se este equilíbrio fosse destruído, de uma ou outra maneira, as precondições para uma acalmia eram também destruídas. Portanto, julgo que deveríamos compreender que a União Soviética está constantemente a tentar descobrir como se encontra esse equilíbrio, como funciona, se ele existe. E a União Soviética está a adaptar a sua política a este equilíbrio militar de forças. Também nós temos de compreender isto. Temos de compreender que o equilíbrio de forças é uma precondição para o abrandamento da tensão. E, como consequência, tal equilíbrio deveria ser mantido.»

TEATRO MONUMENTAL

HOJE

AS 16 HORAS
ULTIMO
ESPECTÁCULO
EM LISBOA

DIA 5 — ESTREIA NO PORTO (T. S. JOÃO)

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID

cidade cheia de atractivos no Outono

- Diàriamente, dois estilos de viagem: «Lusitânia-Expresso» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
- Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.

PREÇOS DESDE 820$00

Informações e folhetos descritivos:

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1. — LISBOA

Organização tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

— procura habitação?
— deseja rendimento para as suas economias?

os nossos APARTAMENTOS MOBILADOS proporcionam

RENDIMENTO CERTO

HABITAÇÃO CONFORTÁVEL E FUNCIONAL

Trabalhando directamente para os nossos clientes — projectamos, construímos, decoramos, vendemos e administramos nas melhores condições

somos J. Pimenta S. A. R. L.

nos locais de construção ou nos nossos escritórios serão dados todos os esclarecimentos

Lisboa — Praca Marquês de Pombal, 15 — Tel. 45843 - 47843
Queluz — Edifício Sede: Av. António Enes, 25 — Tel. 952021/2

STAND ST.ª MARTA

Av. Marconi, 12-C
Telef.: 719668

R. de Santa Marta, 70-C
Telef.: 44702

Tem para entrega imediata cerca de 70 automóveis revistos das melhores marcas. Aceitam-se trocas e amplas facilidades de pagamento.

BMW 1600	1969
FIAT 125	1970
FIAT 128 4 p.	1971
DATSUN 240 Z	1971
ALFA-ROMEO 1750 4 p.	1970
PORSCHE 912	1968
AUSTIN 1000	1971
CITROEN DYANE	1972
AUSTIN 1300	1970
FIAT 124 S	1970
FORD CORTINA GT	1971
FIAT 124 Spyder	1971
FIAT 124 Coupé	1970
CITROEN D Especial	1971
AUSTIN 850	1967
MORRIS 1300	1968
TRIUMPH 1300 TC	1969
TRIUMPH Spitfire	1970
FIAT 850 Sport Coupé	1970
RENAULT R 8	1966
FIAT 850 Special	1970
AUSTIN 1300 GT	1971
FIAT 600 D	1970
STAYER PUCH TR 2	1970
RENAULT 4 L	1966
VW 1500	1967
FIAT 124	1967
VW Variant 1600	1968
VAUXHALL VIVA	1965
FORD Cortina 1200	1968
CITROEN Ami 8	1970
AUSTIN 1100	1967
AUSTIN Spite	1964
VOLKSWAGEN 30cv.	1960
AUSTIN Cooper S 1300	1968
HUMBER Sciptn	1968
OPEL Kapitan	1959
CITROEN 2 cv.	1958

e SCOOTER de Diversas Marcas

MONTEPIO GERAL

Caixa Económica de Lisboa

Mudança de Serviços por motivo de obras no edifício da Rua do Ouro (Sede)

passam a funcionar, a PARTIR DE 4 DE DEZEMBRO, NA RUA DE SANTA JUSTA, N.º 109 (ESCADINHAS), os seguintes serviços:

TESOURARIA CENTRAL

PAPÉIS DE CRÉDITO, excepto cofres

METAIS E PEDRAS PRECIOSAS

Compañia Transatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK
FILADELFIA
NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola

«VALVANUZ»

em 19 do corrente

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
LISBOA - 2
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV

General
António Epifânio
Antunes Cabrita

MISSA DO 7.º DIA

OS CORPOS GERENTES E O PESSOAL DA S. H. E. R. SOCIEDADE HIDRO ELÉCTRICA DO REVUÉ participam que amanhã segunda-feira, 4 de Dezembro, às 12,30 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa, pelo eterno descanso de sua alma.

Arquitecto francês profere conferência

No Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, numa iniciativa da Embaixada de França, com a colaboração daquela Instituição, o arq.º Sr. Jaques Couelle profere uma conferência, no dia 5 de Dezembro próximo, às 18 e 30 sobre «De l'habitante de l'instinct à l'architecture intégrée au site».

Personalidade criadora de uma arquitectura nova construiu desde 1925, apenas com 23 anos, o seu primeiro castelo e desenhou os seus primeiros jardins: a Casa de Campo de Saint-François em Grasse, os Jardins Saint-François e os de Villa Palmieri, em Florença. Dois anos depois faz surgir o Castelo de Castellaras, numa espécie «haut-lieu» druídico em Mouans-Sartoux e constrói em Valbonne o Castelo de Beaument. Arquitecto de prestígio, Jaques Couelle surge em todo o mundo como uma autêntica revelação, fazendo dele um dos edificadores franceses, sem dúvida dos mais conhecidos no estrangeiro. Muitas das suas obras (incluíndo 280 jardins privados e 3 parques públicos) estão espalhadas, não apenas em França como em Buenos Aires, Espanha, Itália, Holanda, Portugal, etc.

Pesquisador de formas, Jacques Couelle, começa a sua vida, devorado por uma curiosidade ardente nos múltiplos domínios que o conduzem a algumas invenções largamente difundidas. A sua curiosidade pautua-se pelo rigor científico, com o Centro de Pesquisas das Estructuras Naturais que Jacques Couelle funda e encoraja em Paris durante 17 anos. Uma única constante da sua inspiração e de conduta nessa pesquisa incessantemente recomeçada, leva-o a uma adesão à natureza, às suas «significações» e à sua «medida». Ecólogo «avant la lettre» concebe a escultura do lugar e a cultura que «o cerca», como um trabalho de equilíbrio entre a imaginação que vem do chefe (Archos) e a medida que vem do operário (Tekton) - eis a etimologia da arquitectura: uma prática de ajustar a arte ao «habitat».

Promoção dos Exportadores Portugueses

O Fundo de Fomento de Exportação colabora com o I.N.I.I., na organização de um «curso - seminário» subordinado ao tema «Condições Indispensáveis à Exportação», o qual funcionará em regime semi - residencial, de 11 a 15 de Dezembro próximos. Está assegurada a presença de um professor do Institut de Commerce International e de dois especialistas franceses, que terão a seu cargo a orientação dos trabalhos e respectivas lições.

O curso procurará facultar aos participantes uma compreensão clara da natureza do Comércio de exportação. Do programa destacam-se aspectos relacionados com o contexto internacional da empresa portuguesa, meios e vias de exportação, riscos e vantagens a nível nacional e ao nível da empresa, meios de exportação, política internacional e comercialização, partilha de investimentos, escolha de mercados, políticas de distribuição, promoção, marcas e preços, etc..

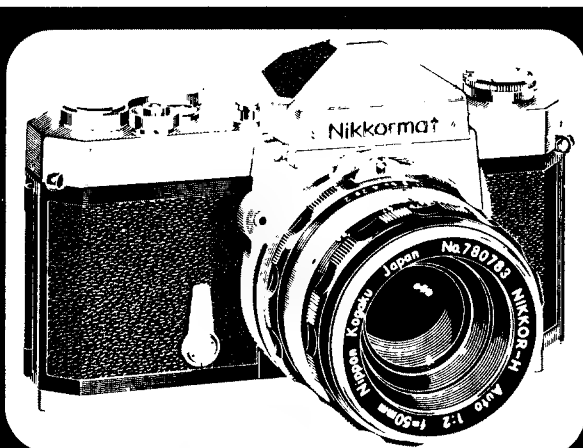
90% do que se vê é vestuário trate-os na TEXAS
A MAIOR EXPERIÊNCIA EM TECNICAS DE VANGUARDA

on the rocks
Madeira Sheraton, o hotel com ar condicionado e 300 quartos, onde melhor pode divertir-se: no bar inglês, "The Pub", no "night-club" O Farol, ou nos restaurantes, piscinas e golf. Saiba viver! Escolha o Madeira Sheraton!
ABERTO A 1 DE NOVEMBRO
Reservas: Telefs. Lisboa - 56 39 11 - 41 - 51 • Funchal - 310 31
Hotel Sheraton-Madeira
SHERATON FUNCHAL - Largo António Nobre - Telef. 310 31
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT
TEAM 72 · SH · 05

Construído pela ciência
ZT034
ZT001
ZT021
ZT049
Modelos
ZT001 · ZT021
ZT034 · ZT049
Cada 1 750$00
Estudámos desde o princípio tudo o que se relaciona com o modo de viver da mulher de hoje e construimos cientificamente mais tempo para lhe vender. A nossa tecnologia permite-lhe a compra de um relógio pelo seu preço, sem pagar o tempo que o seu SEIKO — adaptado à sua vida — levou a construir.
Automáticos — data e dia (português-inglês) — impermeáveis — mudança instantânea de dia e data.
SEIKO
o relógio construído pela ciência
Exija sempre a garantia internacional SEIKO

Ourivesaria PIMENTA
CONVIDA-O A VISITAR O CENTRO DE RELOJOARIA SEIKO
ULTIMOS MODELOS ACABADOS DE CHEGAR
RUA DE S. JUSTA LISBOA

há muito de Nikon numa Nikkormat



A mesma robustez, a mesma precisão, as mesmas objectivas e mesmo princípio de visor.
Bem entendido, a NIKON é a câmera dos fotógrafos profissionais e dos grandes amadores, mas é a ... cara. Mas então para os outros, aqueles a quem o vírus da foto começa a atacar a sério? Para esses também há uma NIKON. Chama-se NIKKORMAT.
Naturalmente esta não recebe o motor eléctrico da NIKON, nem tem os seus 4 sistemas de visor, nem os seus 14 vidros despolidos.
Mas francamente, tem você necessidade disso?
A NIKKORMAT pode receber as 35 objectivas da NIKON, da super grande angular «olho de peixe» de 7,5 mm até a tele de 1200 e todas as outras objectivas especiais.
E aceita a maior parte dos acessórios da NIKON (mais de 100).
Exactamente como a NIKON, a NIKKORMAT assegura-lhe a exposição exacta medindo a luz a plena abertura com 2 células, uma para o ambiente geral, a outra para o assunto principal (visor FTN).
A NIKKORMAT traz-lhe mesmo algumas vantagens inéditas, como por exemplo: sincronização até 125 avos de segundo com o flash electrónico (NIKON obturador silencioso) desde a pose B a 1000 avos de segundo, alavanca de quádrupla acção, etc., etc.
Informe-se sobre a NIKKORMAT apenas nas casas de artigos fotográficos especializados em material NIKON.

Nikon Nikkormat

MAIS DO QUE CÂMARAS
O SISTEMA FOTOGRAFICO MAIS EXCITANTE DO MUNDO!

Representantes exclusivos
ESTAB. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
Divisao Foto-Cine LISBOA·PORTO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Grupo I — Concursos trimestrais e semestrais para fornecimento de:

Açucar	Farinha flor de milho
Alhos	Legumes secos
Azeite	Margarina
Batata	Marmelada
Bolacha	Massas alimentícias
Bolo-rei, broas de milho e «drops» ou rebuçados	Mercearias diversas
	Óleo comestível
Café	Ovos
Cebola	Pão integral
Chá	Pão ralado
Carnes diversas (porco, borrego, etc.	Produtos de salsicharia
	Sal
Colorau	Sêmola de milho
Concentrado de tomate	Vinhos (Consultas n.os 219 e 222)
Conservas de peixe	
Criação, incluindo peru	Vinagres

Até às 17,30 horas, do dia 14 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para os fornecimentos em referência.

LISBOA, em 2 de Dezembro de 1972.

O ADMINISTRADOR.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficarà a conhecer

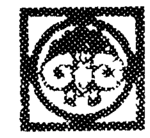
OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 3 A 9 DE DEZEMBRO

horōscopo pelo astrólogo HORUS



ARIES

(21 de Março a 20 de Abril)

CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade exagerada. Temperamento colérico).

AMOR: Não há motivos para desânimos, o mau aspecto está prestes a terminar. À medida que forem avançando os dias, o assunto sentimental que vos trás interessado proporcionar-lhe-a o encontro desejado. No ambiente familiar, tudo tende a chegar à normalidade.

DINHEIRO: Os prognósticos monetários no que diz respeito a esta semana são satisfatórios. No entanto não gaste sem ser absolutamente necessário. E não confie em promessas.

PROFISSÃO: Quanto á sua actividade profissional esta semana apresenta-se revestida de luta, mas da qual ao fim e ao cabo, sairá vencedor. Não vacile e vença o fantasma do medo.

SAÚDE: As enfermidades principalmente a recear durante este período, são: indisposições estomacais e infecções cutâneas.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

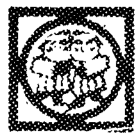
CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: O poder dos sentidos é forte. Temperamento apaixonado).

AMOR: Neste domínio notara uma certa efervescência com possibilidades de seguir outro rumo. Um conhecimento se revelara muito interessante, ou então, a amizade em curso, sera consolidada. A vida domestica não causará preocupações de maior.

DINHEIRO: Se lida com dinheiro e bens alheios terá maiores compensações pelos serviços que presta. O que fizer será bem acolhido. Mostre-se agradavel e desinteressado e terá exito.

PROFISSÃO: Está em presença de um dos melhores períodos do ano para realizar viagens ligadas á sua ocupação profissional. Os assuntos de ordem geral respeitantes á sua profissão caminharão bem.

SAÚDE: Vigie o nariz e a garganta porque são os orgãos que mais se poderão ressentir durante este espaço de tempo.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

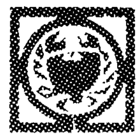
(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência viva. Temperamento nervoso, agitado).

AMOR: Aborrecimentos ocasionados por divergências familiares e assuntos sentimentais. Evite discutir, pois os resultados não serão agradáveis nem a seu favor. Domine as suas emoções e deixe correr o tempo.

DINHEIRO: A semana em referência à vida financeira está subordinada a flutuações. Procura ser firme nas suas necessidades e não tome compromissos por ora.

PROFISSÃO: O dispêndido de energias durante este período não atingira fins meritórios nem compensadores. Os projectos e empreendimentos não darão grande satisfação. Aguarde melhores influências, pois não vale a pena insistir.

SAÚDE: Acautele-se porque os astros deixam antever declínio físico, em meados da semana.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade meditativa, indecisa. Temperamento fleumático sujeito a grandes variações).

AMOR: O período é favorável aos seus intentos sentimentais de uma maneira geral. Se necessitar fazer pedidos que se identifiquem com o seu problema amoroso a ocasião é muito propícia.

DINHEIRO: Bons êxitos e felicidade nos lucros. Realize os seus projectos e as suas esperanças serão satisfeitas. Altura propícia às ajudas e protecções.

PROFISSÃO: Pode contar com patrocínios influentes para a boa condução da sua actividade profissional. Possibilidades de surgirem surpresas agradáveis. Os seus esforços dentro deste sector serão coadjuvados com raciocínio lógico.

SAÚDE: É recomendável seguir um regime alimentar moderado, pois corre o risco de sofrer perturbações hepáticas, durante este período, pode ser perigoso.

LEO

(23 de Junho a 22 de Agosto)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Necessidade imperiosa de satisfazer os sentidos. Temperamento dominador).

AMOR: Terá boas protecções. Alguem contribuirá de certo modo, para melhorar o seu bem-estar. Os novos problemas nao terão a continuidade que aspira.

DINHEIRO: Período promissor com boas perspectivas de elevação ou lucros positivos. Os que comerciam farão volume de vendas, mas a hesitação pode ocasionar perdas de boas oportunidades.

PROFISSÃO: Há toda a conveniência em preocupar-se simplesmente com a sua actividade habitual no seu emprego presente. Esforce-se por cumprir com as suas obrigações quotidianas, pondere bem tudo e deixe-se de ilusões.

SAÚDE: Pode sentir qualquer ligeira indisposição sem causa aparente. Não há motivo para alarme, pois não será de carácter grave.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

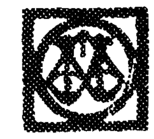
(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência passiva. Temperamento nervoso).

AMOR: A desavença aproxima-se. É de toda a conveniência ouvir mais do que falar, a fim de não criar atritos. No seu espírito reina a impaciência, por razões que nem vós sois capaz de explicar concretamente.

DINHEIRO: As suas possibilidades financeiras serão minguadas. Preocupações por dificuldades monetárias. Por ora o que deve fazer é economizar o mais possível e aguardar influências mais favoráveis.

PROFISSÃO: Há a contar com rivalidades por parte de alguns amigos influentes, que usarão de todos os processos para o prejudicar. Por conseguinte, terá o ensejo de pôr à prova, o seu espírito de intuição em campo.

SAUDE: Use de prudência, pois corre perigo por acidentes.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade justa, bem equilibrada. Temperamento vivo e subtil)

AMOR: Os ânimos estarão um tanto agitados. Desta interpretação se deverá deduzir que os assuntos familiares e os problemas sentimentais serão afectados. Adie o que se relaciona com os seus sentimentos e deixe os encontros amorosos para depois.

DINHEIRO: Tera de enfrentar dificuldades, o que conseguirá mas imponha-se uma disciplina orçamental. Pense nas suas responsabilidades antes de tomar qualquer decisão.

PROFISSÃO: Qualquer empreendimento iniciado nesta altura será de difícil realização. No entanto, o desenvolvimento aos assuntos já em andamento poderão atingir algum progresso.

SAÚDE: O péssimo e a abstração envolverá o seu espírito durante esta semana. Reaja a esse estado procurando distrair-se, sossegar.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

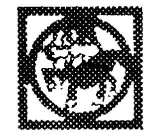
(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Poder dos sentidos calmos. Temperamento também calmo, porém impulsivo).

AMOR: A semana é excelente para desfrutar do ambiente do convívio das amizades. Uma vontade renovada, acompanhada de esperanças, despertara.

DINHEIRO: Tempo bastante propício à vida financeira. Os bons influxos astrais permitir-lhe-ão triunfar nos seus empreendimentos de natureza monetaria. A semana favorece a obtenção de bons patrocínios.

PROFISSÃO: Esta semana ser-lhe-à muito favorável em todas as actividades a que se dedicar, muito especialmente a tudo o que se relacione com a arte. Propício às sociedades ou para trabalhar em regime de colaboração.

SAÚDE: O período trár-lhe-à boa disposição e revigoramento do organismo. Porém, cuidado com os excessos de toda a ordem.



SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

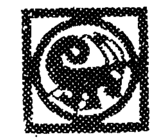
(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência viva. Temperamento sanguíneo).

AMOR: Durante este período o seu espírito andará um tanto confuso, a ponto de chegar a suspeitar da sinceridade dos propósitos de algumas pessoas. Não dê importância à sua imaginação e domine-se.

DINHEIRO: Tendência para gastar exageradamente em coisas supérfluas. Evite os caprichos porque a semana é insignificante quanto a dinheiros.

PROFISSÃO: Semana de grande actividade mas de pouco resultado. Os astros aconselham que todos os assuntos que tenha de tratar devem ser objecto dum estudo cuidadoso e prudente. Escute os conselhos de pessoas idóneas.

SAUDE: Tome precauções com a saúde, principalmente vigie o abdómem e o fígado.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade contraditória. Temperamento melancólico).

AMOR: Aproveite o período para uma maior aproximação com a família, no caso das relações se encontrarem tensas. O espírito pratico ajuda a progredir e em geral conquista a boa vontade, assim como a jovialidade e o optimismo aumentam a simpatia.

DINHEIRO: Aproveite o momento para agir e assim poder melhorar a sua situação económica. Neste período verá os seus esforços recompensados com maior amplitude.

PROFISSÃO: Eis chegada a semana em que deve pôr em prática os projectos que há algum tempo acaricia. Todo o trabalho emcolaboração é-lhe proveitoso. Os astros influem de uma maneira particular em todos os assuntos artísticos.

SAÚDE: Tempo benéfico para a saúde. Os doentes sentirão grandes alívios nos seus padecimentos. Não obstante este aspecto, seja regrado.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

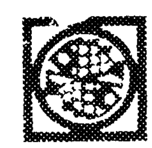
(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO): Poder dos sentidos muito sensível. Temperamento triste mas intuitivo).

AMOR: Não crie embaraços e abstenha-se de novos compromissos. A dedicação às antigas amizades pode resultar benefica, se para tanto usar de um bom controle.

DINHEIRO: As suas ambições não encontrarão plena satisfação. Toda a tentação interesseira conduzi-los-à à decepção. Considere as propostas com atenção, mas não alimente no seu cerebro projectos irrealizáveis.

PROFISSÃO: O desenvolvimento de trabalho na sua profissão será fraco, forças ocultas impossibilitar-vos-ão de avançar. Não registará progressos profissionais aos seus esforços, por conseguinte, só com uma vontade tenaz conseguirá algum resultado.

SAÚDE: Seja prudente com a alimentação que ingerir, porque podem surgir perturbações de carácter gástrico.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência pouco animada. Temperamento sanguíneo, porém doentio).

AMOR: Conquista de novas e sinceras amizades, que perdurarão. Mostre-se mais atencioso, pois a ocasião é propícia aos seus interesses românticos. De facto, Venus o planeta do amor corresponde aos seus afectos.

DINHEIRO: Trate de agir; agite os seus projectos e concretize as suas ideias, pois o período é favorável a boas receitas se proceder de maneira a merecê-las.

PROFISSÃO: A ideia de uma sociedade avoluma-se no seu cérebro. Não é indicado fazê-la por ora. Necessário se torna desenvolver o seu trabalho, contando só com as suas possibilidades.

SAÚDE: Os braços, o sistema nervoso e a espinha dorsal são as partes que estão mais sujeitas a ser afectadas.

CARTA DO BRASIL

ENREDO DE UM TANGO ARGENTINO

CHIANCA DE GARCIA

Atraído pelo canto de um bandonéon imaginário tentei agora dar um salto a Buenos Aires para assistir à volta de Juan Domingo Peron. Fazer força fiz. Mas falharam até as moambas da minha mãe-de-Santo. Fiquei onde estava. Não me valeu nem o natural, nem o sobrenatural.

Eu gosto de Buenos Aires. Lá não quereria viver a não ser nas milongas do Boca, o bairro mais pitoresco, livre e vivo da América do Sul.

No tempo de Peron, estive, por duas vezes ou três, na Argentina. A polícia secreta colocava tantos agentes nas ruas que eles acabavam por se espionar a si próprios. Vi também Peron quando o expulsaram da Pátria. Houve nesse dia um pouco de tudo isto: alegria, lágrimas, vinganças, assassinatos, suicídios, tiroteios, bebedeiras e mortes. Puro Tango.

PERON 1

Mas o que fez a Argentina depois que se libertou daquele que acusara de tantos pecados? Dividiu-se. Radicais da esquerda, radicais do centro, radicais da direita. Golpes de Estado. Queda de ministérios. Juntas militares. Desfile de presidentes. Muitos líderes. Todos presos a compromissos. Nenhum capaz de ser um chefe. Insatisfação. Greves. Mortos e feridos. Até que de repente (o negócio começou em 1945 e já estamos em 1972) Lanusse, o presidente actual, sentiu que estava num beco sem saída.

PERON 2

Lembra-se então: — E se passasse uma esponja sobre o passado? Mas como?

PERON 3

E recordou o sequestro do cadáver de Evita Peron, levado, em noite sinistra para local só dele conhecido. Isto acontecera, após a queda de Juan Domingo, para que o povo esquecesse aquela que, mesmo depois da morte, era, para ele, a padroeira dos pobres. Estava ali a chave para o início de conversa. E então, em pura cena de teatro shekespeariano, devolve a Peron, no exílio de Madrid, um ataúde de prata contendo entre flores o cadáver insepulto de Evita.

PERON 4

Mas, enquanto isto, que se passava no Brasil?

PERON 5

Getúlio nacionalizara o petróleo. Juscelino criara Brasília. João Goulart, frouxo em tudo, entra pelo cano, precipitando o golpe militar de 1965. Hoje, o Brasil é outro. Ainda tem problemas. Mas está conseguindo firmar sua identidade nas áreas da tecnologia internacional. Pensa no futuro, e vai em frente.

PERON 6

Mas, e na Argentina? Porque se escuta continuamente o rodar dos carros blindados? Que quer o povo? Na sua constância, o povo é activista. Coisas de sangue espanhol. Coisas de sangue italiano Brigão. Encastelado nas suas associações operárias. E reclama. E não se cala. Velhos programas políticos. Marx. Lenine. A China de Mao. A Cuba de Fidel. O socialismo cristão do Peru. Nunca estão de acordo, mas nas horas más colocam, acima de tudo, um nome e uma bandeira: Peron.

PERON 7

Do outro lado, os ricos. A aristrocracia porteña. Incapaz de admitir que o seu ontem não seja o seu amanhã. E Buenos Aires vai à opera...

PERON 8

O Colón transborda de mulheres elegantes. De repente o maestro suspende o espectáculo! Treme-se de medo. Que foi? Sussurra-se que há uma bomba pronta a explodir debaixo da plateia. Horror! Ao que chegamos, afinal?

PERON 9

Buenos Aires, que é feito de ti? Das tuas glórias? Do teu prestígio? E mulheres, tremendo de medo, arrastando suas capas de peles, descem aos gritos pela escadaria de

mármore do mais importante teatro lírico da América do Sul.

— Calma! Calma!

— Que foi, então?

— E que Peron chega amanhã...

— Deus do céu, é o fim do mundo!

E um antigo político, de casaca, cravo ao peito, comenta:

— Dantes estas coisas só sucediam no Brasil!

PERON 10

Num inquérito recente, nas ruas de Buenos Aires, sente-se a vaidade ferida. E ironizam: «1.º — Os brasileiros, agora, julgam-se superiores a nós. 2.º — Mas vivem de superstições. 3.º — Mantêm um nível elevado de deliquência. 4.º — Esquecem-se da vida primitiva de milhões dos seus habitantes. 5.º — Pretos ou brancos entendem-se em perfeita harmonia (isto não se sabe se é elogio ou censura).6.º — Porém, são patriotas, e se esforçam por melhorar o país...7.º — E têm praias onde milhares de mulheres esbeltas sabem sorrir. Isso nós não temos».

PERON 11

Desconhecem que os brasileiros, antigamente considerado na Argentina, como indolentes e preguiçosos, são capazes agora de abrir estradas que se entrecruzam formando navegáveis rios de asfalto. Mas também não sabem como a Argentina se transformou num labirinto de espelhos quebrados, onde em cada pedaço surge deformada a imagem de Juan Domingo Peron. E Jorge Luis Borges, o maior escritor argentino, mesmo de olhos cegos, nele só vê a aproximação do caos...

PERON 12

E durante meses Lanusse mandara sucessivos delegados a Peron.

E o outro hesitando. Pedia mil coisas. Tudo lhe deram.

— Venha já.

— Ja, não vou. E cedo.

— Então, não vale. Se quer concorrer às eleições tem de estar na Argentina até 25 de Agosto.

Nem ligou. Ficou em Madrid.

— Agora é tarde já passou a data marcada. Não pode mais concorrer à presidência...

— Irei quando for a hora.

Mas qual hora? Por certo Peron ainda desconhecia que os tangos sofisticados de Astor Piazzola, já não cantam a pampa mia no pranto antigo dos tangos de Gardel. Não importa. Então decidiu-se. Mas primeiro quis ir a Roma. Foi O Papa não o recebeu:

— Melhor que o Papa, é o sol dos pampas. Vamos!

PERON 13

Mas chegou a Buenos Aires debaixo de uma chuva torrencial.

Veio, porque acreditava que, ao desembarcar, o povo erguendo-o nos braços, o levaria direitinho para o palácio do Governo, onde, de uma varanda, seria ungido e sagrado, diante do povo em delírio, como o novo San Martin, destinado não só a salvar a Argentina como toda a América Latina.

PERON 14

Desceu do avião. A chuva punha cortinas de água em sua volta.

Tudo frio, cinzento. Fúnebre. Lúgubre. Esperavam-no soldados. Soldado. Ombro a ombro. Metralhadora em riste. Nem um rumor de aplausos. Foi obrigado a passar entre fileiras de um exército. Armados até aos dentes. Era para que ele soubesse o que o esperava. Fecharam-no num hotel. Depois de madrugada, levaram-no para um palacete arrabalero que no portão de ferro tem este dístico em latim: Nec temere, nec timide,» ou seja: nem temeroso, nem tímido...

PERON 15

Mas como, pampa mia? Não mais a consagração? Porque desde agora, dia a dia, ele se irá desgastando em tricas e desacertos, até que numa hora mais ou menos distante, há-de voltar para Madrid, onde o rosto de Evita, no fundo do seu sepulcro, dirá para ele num indefinível sorriso:

— Sem mim, teria de ser assim mesmo, Juanito!

PROMESSA EM TOM AMENO

Prometi falar hoje de livros. Mas chegaram novos volumes. A esses, guardo-os para mais tarde. Mantenho diante dos olhos, denso de matéria, um estudo de Arnaldo Saraiva sobre «A Vanguarda, e a vanguarda em Portugal».

Não creio infelizmente, que o leitor tenha especial interesse pelo assunto. Mas vou falar dele de modo ligeiro que, aliás é o meu jeito.

O negócio trata de teóricos de vanguarda. Parece que, no Brasil, o tema vanguarda é mais estudado do que em Portugal. Aqui, diz o autor, ainda não se viu nenhuma teoria de Vanguarda digna desse nome. Temos, insiste, algumas anotações deste ou daquele. Em seu entender, porém Vanguarda, em Portugal quer dizer moda, novidade, coisas assim fortuitas.

Talvez seja verdade. Queixa-se, por exemplo, do crítico João Gaspar Simões que considera a poesia de vanguarda brasileira, nomeadamente a concreta, como uma poesia para que não é possível achar compradores.

Fala com muito interesse de teóricas internacionais. E claro, logo aparece Lukacs. O texto de Saraiva esta pejado de documentos esclarecedores.

Nas últimas páginas, com a ajuda de citações do enorme Guillaume Apollinaire, define o que é mesmo Vanguarda.

Depois, e nisso está a nota de humor negríssimo, arrasa esse esteta dos meus tempos de jovem que foi Henry de Montherland, autor de «Les Bestiaires», a quem acusa de se frustrar com medo da frustração.

E escreve:

«Montherland ao afirmar a sua radical agorafobia, o seu universal individualismo, a sua recusa a tomar conhecimento do actual, do presente, merecia que o isolassem definitiva e realmente. Não deve ter futuro. E só no suicídio pôde encontrar uma solução corrente. Que ainda não o tenha praticado é sinal que o seu sentimento nem é trágico, é apenas grotesco».

Ora isto foi escrito por Arnaldo Saraiva em Maio de 1972.

Quatro meses depois, por certo ao tomar conhecimento do trabalho do escritor português, Henry de Montherland matou-se, em Paris, com um tiro de revólver.

Quanto ao livro Sedução que Arnaldo por sua vez prefaciou, li-o e surpreendeu-me. Devo confessar que, no ano passado, recebera do mesmo autor, a novela Anquilose. A ela por certo fiz referência nestas páginas. Os dois volumes devem-se ao talento de José Marmelo e Silva. Porém, de Anquilose, ficara-me a sensação de processo já usado. Agora lendo Sedução percebo que Anquilose seguia apenas a trilha mental do primeiro livro, publicado trinta anos atrás, quando, em Coimbra, Arnaldo Saraiva gritou, embora com certo exagero: — «Temos um novelista estupendo, o maior desde Eça de Queiroz». De facto, Sedução é uma obra importante.

Novembro de 1972 Copacabana

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28 Ap. 908- Copacabana-G.B.- Brasil.

Não gritem mais comigo já tenho um SONOTONE já ouço bem

SURDOS

CASA SONOTONE

A MAIS ANTIGA E ACTUALIZADA EM PRÓTESE AUDITIVA

Aconselho: O 1.º caminho a seguir é ir ao médico da especialidade e, se lhe for indicado um aparelho, visite-nos quanto antes, para fazerem um exame e uma demonstração, que é gratuita.

Temos o que há de mais moderno em aparelhos acústicos. Pilhas de todas as voltagens.

Assistência permanente a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou de quaisquer marcas.

Sempre grata pelo favor da vossa visita em

Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/1. Telf. 868352
Porto. Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602
Luanda, R. António Enes, 42-2.º. Apart.º 26

ALCATIFAS

DA

FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS

Lopes dos Santos, Lda.

Armazéns — Retalhistas

Tapeçarias * Cortinados
Tapetes * Alcatifas
Veludos * Papéis pintados
Carpetes francesas e belgas

DECORAÇÕES

Rua Augusta, n.º 84
TELEF. 323637

Compañia Transatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

SAN JUAN PUERTO RICO
VERA CRUZ
TAMPICO
MIAMI

Recebe passageiros. Carga de Frigorífico Carga Geral e Cortiça, o paquete espanhol

« COVADONGA »

em 7 do corrente

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
LISBOA-2
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex 1416 — LLOXAV

adormeça em Lisboa e acorde em Madrid...

no Lusitânia-Expresso

poupe gastos de hotel, viajando de noite

o meio mais económico de centro a centro das cidades

máxima economia: carruagens-beliches
máximo conforto: carruagens-camas climatizadas

de verão, leve consigo o seu carro

ligações para toda a Espanha

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CP 32A 72

televisão

MADEIRA ISLAND SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos Bastidores da Aventura
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.05 TV Educativa
15.30 Tarde de cinema «As aventuras de David Belfour»
16.30 Motocross
17.20 TV Infantil
17.50 TV Rural
18.20 Domingo Desportivo 1.ª edição
18.40 Semi breve
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 «Adeus 15 anos»
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto à força
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo Desportivo - 2.ª edição
00.00 Telejornal - 4.ª edição
00.15 Meditação e fecho

2.º Programa

20.20 Abertura e regresso de Lucy
21.00 Dó, Lá, Si
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Antologia
21.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Uma rapariga endiabrada
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Momento Desportivo
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Mc Cloud
23.00 Andebol - transmissão directa do jogo Almada-Belenenses
00.15 Telejornal - 4.ª edição
00.20 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 Uma rapariga endiabrada
21.30 Telejornal- 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?

Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?

Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

tempo

Situação do tempo

Em Portugal Continental o vento era fraco moderado dos quadrantes do Sul soprando por vezes forte com rajadas nas regiões do Litoral Oeste; o céu estava geralmente encoberto e chovia nas regiões de Norte e centro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00

PORTO	11.º
P. DOURADAS	4.º
COIMBRA	10.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	14.º
FARO	16.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
SAGRES 19.º

Mínima:
P. DA SAÚDE 2.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	15,6.º
Atmosfera	11,8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.25	3,6 m	8.09	1,3 m
14.46	3,5 m	20.22	1,2 m

Dia 4

3.05	3,7 m	8.45	1,2 m
15.27	3,6 m	20.57	1,1 m

Dia 5

3.43	3,8 m	9.20	1,1 m
16.05	3,6 m	21.30	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento moderado de Noroeste; aguaceiros mais frequentes nas regiões de Norte e Centro.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.38
OCASO ÁS 18.15

DIA 5 | DIA 13 | DIA 20 | DIA 27

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde desportiva rádio desporto — futebol: relato e informações dos jogos da 13.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão actualidade desportiva
17.30 Música sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias «Uma Alma do Outro Mundo», original de Maria Amália Vale
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Junção — entra o MF 1 de Lisboa diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

MF 1 de Lsiboa

23.00 Rádio universidade
00.30 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Mozart
18.00 Concerto de domingo (1.ª parte) — intercâmbio musical Festival de Salzburgo de 1972
19.40 Intervalo — do ciclo A Viagem de Inverno
18.55 Concerto de domingo (2.ª parte)
19.35 Sonata n.º 1 em mi menor op 38 para violoncelo o piano (Brahms) Pierre Fournier (violoncelo) Rudolf Firkusny (piano
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de câmara
20.30 As grandes figuras do mundo português, epio dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de canto e piano por Joana Silva e José Manuel Beirão
21.16 Música de câmara
21.30 Que quer ouvir? programa coordenado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

FM 2

14.30 Música sinfónica
15.00 Prólogo e 1.º acto da ópera «Simão Boccanegra» (Verdi)
16.30 Solos de piano
17.00 Junção com o 2.º programa

Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Oratória «A Criação» (Haydn)
23.50 Concerto n.º 2 para piano e orquestra (Bartok)
00.20 Quarteto n.º 8 em mi menor op 59 n.º 2 (Beethoven) Quarteto Amadeus
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.02 Música pelo caminho
18.45 Ritmos de baile
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 Rádio 72
20.00 Divagando
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens bíblicas
23.22 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 12.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALFAMA:
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALTO DO PINA:
Zional, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO:
Nova Luz, Rua Domingos Jardo 28-A (à Av. Afonso III) (Tel. 843439)

ALVALADE:
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682), **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 71031); **Casparinho**, Rua dr. Gama arros, 5-A (Tel. 710465); **Ideal**, Avenida Gago Coutinho, 49-A (Tel 712803); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848)

ANJOS:
S. José, Rua dos Anjos, 41-A (Tel. 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto 2-B (Telef. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (Telef. 40592); **Miranda**, Campo Pequeno 36-C (à esquina da Avenida da República) (Telef. 43495); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Telef. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Telef. 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Telef. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das P... de San... Antão, 86 (Tel. 321...); **Unifa**, Rua da ... Telef. 323...

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Telef 702532), **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Telef. 780027)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (Telef. 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telef. 650760); **Porfírio**, Rua Francisco Metrass, 59 (Telef. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telef. 780181); **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Telef. 702532)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua José Campos, lote 823 (à Estrada de Moscavide) Olivais Sul (Telef. 310711), **Higiene**, Rua Cidade de Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Telef. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telefs. 720703-728395)

POÇO DO BISPO
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef 381612)

PONTINHA
Pontinha, Estrada de Santo Elói, lote SE 4 (Telef. 990220)

QUELUZ
André, Avenida Elias Garcia, 151 (Telef. 950043), **Queluz**, Avenida Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

SACAVÉM
Soares, (Telef. 2518025)

PALHAVÃ
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Telef. 761035)

PAMPULHA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telefs. 728395-720703)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Telef. 612248)

SANTO AMARO
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (Telef. 636620); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (Telef. 636704)

REGO
Prates Mota, Rua da Beneficência, 91 (Telef. 773728)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (à Gomes Freire) (Telef. 533411)

ESTRELA
Paivas Parede, Rua de Santo António, 98 (Telef. 665196)

LAPA
Silva, Rua S. João da Mata, 72 (Telef. 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942); **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Cristo-Rei, Av Cristo-Rei, 31-A (Telef. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, Est Nacional, 221-B (Telef 224141)
BARREIRO
Piçarra, Av do Bocage, 65-A (Telef. 2274771)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est das Barrocas, 50-A (Telef 2760182)

MOITA
União Moitense, Av dr Teófilo Braga (Telef 239025)
MONTIJO
Montepio, R Almirante Reis, 93 (Telef 230035)
SESIMBRA
Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (Telef 229028)
SETÚBAL
Higiene, R Frei Agostinho da Cruz (Telef 22408), **Portugal**, R Camilo Castelo Branco (Telef 23211)
SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (Telef 2218560)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av Comb G Guerra, 64 (Telef 212070)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Bras, R Costa Pinto, 186 (Telef 2432034)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P Residencial dr Augusto de Castro-Lote 10 (Telef 2430691)
PAREDE
Macau, R J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef 261186)
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (Telef 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av Comb G Guerra, 40 (Telef. 280170), **Nova**, Est. de Alvide-Fontaínhas (Telef 28101044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef 935518); **Carmele**, R Elias Garcia, Lote 28 (Telef 933303); **Helenica**, R Elias Garcia, 2 (Telef 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef 938703)
DAMAIA
Lemos, R de Goa, 21-A (Telef. 971121)
QUELUZ
Correia, L do Mercado, 3 (Telef 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est de Mem Martins, 285 (Telef 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef 980456)

PORTO

7.º TURNO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, **Suc.** R de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203, **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua Serralves, 566, **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior**, **Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M de Albuquerque, 50, **Corujeira (da)**, R S Roque Lameira, 1473; **Couto**, L S Domingos, 106, **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNO D

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20-tel. 33120, **Nazaré**, R. Ferreira Borges, 135-139-tel. 22605; **S. Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28-tel. 24916.

cinemas

MONUMENTAL (Tel 555131)
15.00 - 18 15 - 21 30
(Grupo C - 14 anos)
6.ª Semana de êxito «UM VIOLINO NO TELHADO» Som estereofónico, écran gigante

SATÉLITE (Tel 562632)
4 sessões-15 00-17 00-19 00 e 21 45
(Grupo C - 14 anos)
A teoria e a pratica do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov

IMPÉRIO (Tel 555134/5)
15 15 - 18 30 - 21 30
(Grupo D - 18 anos)
«O PECADO» com Sophia Loren

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15 00-17 00-19.00-21.45
(Grupo C- 14 anos)
A obra-prima de Robert Rosselinni «A TOMADA DO PODER POR LUÍS XIV»

MUNDIAL (Tel. 538743)
15 15-18 30-21.30-00 30
(Grupo D 18 anos)
8.ª Semana triunfal
Lino Ventura, Jacques Brel Charles Denner no inesperado filme em Eastmancolor «AVENTURA É AVENTURA» o ultimo e mais discutido êxito de Claude Lelouche
(Metro Estação Picoas)

EUROPA (Telef. 661016)
15 15 - 21 30
(Grupo D- 18 anos)
5.ª Semana «X, Y e Z» ás 18.15 - grupo A 6 anos os grandes cómicos Bucha e Esicca em «CAMPEÕES DE OXFORD»

S. JORGE (Telef. 54154159)
15.15-18 15 e 21.30
Êxito em 2.ª semana
«ATÉ Á...MATERNIDADE»
A comédia dos comédios. Grupo D 18 anos.

CASINO ESTORIL (Telef. 53017)
15 30 - 18.30 e 21.30
Grupo D 18 anos
«CAIU UMA GAROTA NA MINHA SOPA

LYS (Tel 48560)
15.00 e 21 00
(Grupo D - 18 anos)
«O AMANTE» e em complemento «SARILHOS CONJUGAIS»

AVIZ (Tel. 47163)
15 30-18 30 e 21 45
(Grupo B (10 anos)
45.ª Semana «record» de exibições em Portugal «TRINITA COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer Color-Scope

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15 30-18 30-21 45-00 30
5.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Roman Polanski «MACBETH» com John Finch, Francesca Anis e Martin Shaw colorido O filme começa a projectar-se 5 minutos depois dos horários

ALVALADE (Telef 717480)
15 15 - 18 15 e 21 45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana «DRACULA 72»

CONDES (Tel 322523/326710)
4 sessões-14 45-16 00-18 45 e 21 45
(Grupo D - 10 anos)
Montgomery Wood - O filme dinamite «QUEM DISPARA PRIMEIRO» Eastmancolor e Techniscope

LONDRES (Telef. 731313)
3 sessões diárias - 14-16 30 e 21 45. Grupo D 18 anos - colorido A Estela do ano - Liza Minnelli «CABARET» - Adeus Berlim. 2.ª Semana Snak-Bar-Pub «The-Flag O melhor encontro gastronómico

ODEON (Tel 326253)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª semana Marisa Mell e Sylvia Koscina no arrojado filme «HISTÓRIA DE UMA TRAIÇÃO»

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 00
(Grupo B- 18 anos)
«VERÃO 42» e em complemento «BONECAS DE CARNE»
Às 00.30 (Grupo D-18 anos) «OS PASSAROS»

TIVOLI (Telef. 50595)
14.30 - 18.00 e 21 30
12.ª Semana
A Paramount apresenta «O PADRINHO»
(Grupo D - 18 anos)

EDEN (Tel 320768)
15 30-18 30-21 45
(Grupo D - 18 anos)
Raquel Welsh em «HANNIE CAUDER»

POLITEAMA (Tel 32630...)
às 15 15 - 18 15 e 21 45
Grupo D 18 anos 4.ª Semana de Consagração de Henrique Campos «OS TOUROS DE MARY FOSTER

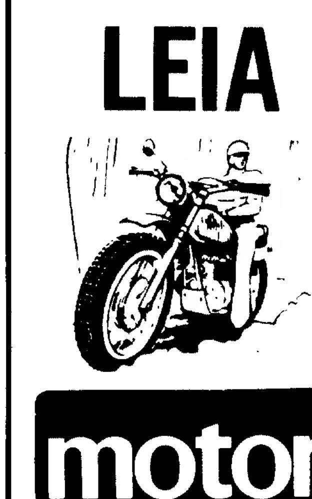
ROMA (Telef 727...)
15 30 - 18 30 e 21 ...
Grupo D 18 anos
um excitante ... KILL ... Para quem ... haver piedade ... Royd e Uean Sb... ...mancolor

IMPERIAL (Tel 821933)
«O ULTIMO RESGATE» em complemento SETE VEZES MULHER»
(Metropolitano-Arroios)

BERNA (Telef 776098)
14 30 - 18 00 e 21 30
12.ª Semana
A Paramont apresenta «O PADRINHO Grupo D 18 anos

VOX (Telef 720808)
15 15 - 18 30 e 21 45
Grupo D 18 anos - 5.ª Semana um filme de Alfred Hitchcock «FRENZY - Perigo na noite

APOLO 70 (Tel 763319)
15 00-18 15 e 21 45
Technicolor - Grupo D 18 anos um filme de John Cassavetes 4.ª Semana! Com Seymour Cassel e Gena Rowlands



outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A. B. C.
20.45 e 23 00 (18 anos)
«E o fim da macacada»

CAPITÓLIO
20.45 e 23 00 (14 anos)
1.º Festival Internacional de Magia

CÓLISEU
21.30 Grupo B (10 anos)
3.ª Companhia Internacional de Circo

MARIA VITÓRIA
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VILLARET
20.45 e 23 00 (14 anos)
«Sua Excelência, o pendura»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Para onde is?»

LAURA ALVES
21 45 (18 anos)
«Freud, o princípio eo fim»

GIL VICENTE
22 00 (18 anos)
«As criadas»

TRINDADE
21 45 (18 anos)
«Hedda Gabler»

VARIEDADES
20 45 e 23 00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

VASCO SANTANA
21 45 (18 anos)
«Testemunha inadmissivel)

MONUMENTAL
22 00 (14 anos)
Insulto ao publico

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19 00 (14 anos)
«Sem espaço para morrer»

CINEARTE
21 00 (14 anos)
«Matar fugir ou morrer»

PARIS
21 00 (18 anos)
«O regresso da Casta Susana»

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«Pedro o pescador»

MOSCAVIDE
21 30 (18 anos).
«A Solteira e o atrevido»

PROMOTORA
21 00
«O Solitario do Rio Grande»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«10 000 por um pistoleiro»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18 30 - 21.30 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa»

Palacio
21 30 (18 anos)
«Divida de ódio»

CASCAIS
S. Jose
21 30 (18 anos)
«O Regresso de Sabata»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21 15 (14 anos)
«O Muro do Atlântico»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (14 anos)
«Ódio velho»

BARREIRO
Ginasio
21 00 (18 anos)
«Por causa de uma mulher»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (10 anos)
«A Grande evasão»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21 15 (10 anos)
«002 - Entre polícias e ladrões»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21 30 (18 anos)
«Curvas na zona»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Amor ilícito»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20 45 e 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21 30 (14 anos)
«Os cowboys»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Uma pistola para Ringo»

S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«O Padrinho»

JULIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

TRINDADE
21.30
Até à... Maternidade»

COLISEU
21 30 (18 anos)
«Aguenta-te canalha»

ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Quem é Harry Kelleman?»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Adriano Jones, Zé da Borga»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Macbeth»

PASSOS MANUEL
21 30 (18 anos)
«Amarga experiência»

RIVOLI
21 30 (18 anos)
«Só pensava nelas»

COIMBRA

GIL VICENTE
21 00 (18 anos)
«Amarga experiência»

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«O Padrinho»

AVENIDA
21.30 (18 anos
«A Longa Jornada»

SOUSA BASTOS
21 30 (10 anos)
«Lord Jim»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — António Alberto (To-Bé), Virgílio çneves, Alberto até às 5 h da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA Dancing. Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermínda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªa feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atrações internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado).**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º?,ºE-4.º
TELEF. 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

• HÁ CINQUENTA ANOS

GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL

-RECEBIDOS EM APOTEOSE NO PORTO

Na estação de S. Bento os Ferroviários foram os primeiros a homenagear os aviadores

Faz hoje, precisamente, cinquenta anos (era também domingo) que chegaram ao Porto, de cuja cidade ficaram hóspedes, os heróicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Segundo o nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», da altura, referindo o acontecimento, a «recepção que a cidade lhes fez não podia ser mais imponente, nem mais calorosa, nem mais sincera». E acrescentava: «A população portuense não quis perder o ensejo de glorificar os dois heróis e soube aproveitá-lo à maravilha. Todos os desânimos e arrefecimentos desapareceram, para dar lugar aos sentimentos de expansão patrióticos em que o portuense sempre primaram».

E o articulista, prosseguia: «O acolhimento que tiveram deve deixar-lhes bem vincada no espírito a nota de ferver incomparável com que o Porto costuma glorificar os heróis, levando-os em triunfo, entre hossanas de reconhecimento e manifestações de intenso carinho».

Assim se referia aquele nosso colega à visita de dois portugueses ilustres, descrevendo, ainda, em reportagem brilhante todas as cerimónias de que foram alvo os dois aviadores, desde a sua chegada a Gaia, a Campanhã e a S. Bento, onde, então, os ferróviarios lhes prestaram singela homenagem, descerrando no átrio da última daquelas estações uma placa artística em bronze que ficou a perpetuar o grande vôo de Gago Coutinho e Sacadura Cabral e que é, ainda, nos nossos dias a única homenagem que o Porto prestou aos heróis! E abrimos aqui um parentesis para lembrar á Comissão de Toponimia tão aberta à aceitação de nomes de pessoas menos ilustres para as artérias da cidade de que já é, talvez, altura de consagrar o de esse grande português, __ Gago Coutinho __ dando o seu nome a uma das ruas do Porto, daquelas que não têm significado nenhum, como é o caso da Avenida da Boavista...

Mas, foi a homenagem dos ferroviários do Minho e Douro que trabalharam afincadamente para que a original peça de arte que figura, como se disse, no vestíbulo da Estação de S. Bento e foi inaugurada no dia 4 de Dezembro de 1922, aquela que pelo seu alto significado melhor calou no coração dos dois heróis. E, foi, igualmente, outro ferroviário, o poeta Artur Botelho, que escreveu a dedicatória, em verso, que figura nessa memória e que diz: Como os nossos passados navegantes/ que praticam feitos singulares/ mostrando ao mundo em rotas triunfantes/ a imensidão incógnita dos mares/ assim estes dois génios rutilantes/ pelo seio bastíssimo dos ares/ rasgaram uma nova claridade/ dos anseios de toda a humanidade.

Pois volvidos cinquenta anos, são de novo os ferroviários que vão prestar homenagem aos dois heróis portugueses no decorrer de uma cerimónia que terá lugar no mesmo local onde outra se realizou com maior brilhantismo: no vestíbulo da estação de S. Bento, no dia 4, às 15 horas, com a presença do almirante Sarmento Rodrigues e de outras autoridades.

Serão flores de saudade que ficarão nesse dia na base da placa que perpetua os dois aviadores, flores brancas a servir de fundo ao vermelho que desenhará a Cruz de Cristo que há cinquenta anos figurava nas asas do hidrovião que percorreu 7950 quilómetros, unindo num abraço duas pátrias irmão __ Portugal e Brasil

A.M.

CONFERÊNCIA DE PARIS

XUAN THY - LE DUC THO DEPOIS DAS CONVERSACÕES

«Quando os nossos trabalhos terminarem, talvez: me possa arranjar um lugar de professor de política marxista numa universidade norte-americana» __ disse Le Duc Tho ao dr. Henry Kissinger, no início das Conversações de Paz desta semana, em Paris.

«Certamente... se me deixar leccionar política em Hanói» __ respondeu o conselheiro presidencial norte-americano, segundo se conta nos círculos diplomáticos da capital francesa.

Verdadeira ou não, a história sublinha a natureza jocosa de Le Duc Tho, que costuma dizer: «Tenho já em cima quarenta anos de ininterrupto trabalho revolucionário.»

Xuan Thuy, o seu camarada nas conversações secretas, encontra inspiração em antigos poemas vietnamitas, antes de entrar nas sessões de trabalho com Kissinger. Grande estudioso, gosta de compor pequenos poemas em vietnamita clássico.

Para além de todas as anedotas a seu respeito, Tho e Thuy são uma formidável equipa de negociadores, uma das melhores que os diplomatas norte-americanos têm enfrentado desde a segunda grande guerra mundial.

Tho nasceu a 14 de Outubro de 1910 numa pobre família, altura em que o Tonquim, o Annão e a Cochinchina estavam sob administração francesa. O seu povoado natal fica na província de Nan Ha, no que é hoje o Vietname do Norte, província onde surgiram muitos dos homens que se ergueram contra a colonização europeia.

Tho, de cabelo prateado, recorda que tinha apenas dezoito anos quando entrou nos grupos revolucionários que começaram a trabalhar por um Vietname independente. Aos dezanove, foi admitido no clandestino Partido Comunista Indochinês, organizado por Ho Chi Minh.

Por duas vezes, a polícia francesa deteve-o e os tribunais franceses condenaram-no a trabalhos forçados.

Le Duc Tho deixou a prisão em 1944, quando a ocupação japonesa da Indochina começava a desmoronár-se. E voltou para o Partido Comunista, que o elegeu para a sua comissão central e depois para a sua comissão permanente.

Quando a guerra contra a França foi desencadeada em 1946, Tho __ então com trinta e seis anos __ tornou-se secretário adjunto dos serviços da comissão central especialmente encarregados do Vietname do Sul.

Em 1955 Le Duc Tho passou a fazer parte do Politburo e a ser secretário da comissão central, participando em todas as decisões políticas vitais, embora em Paris esteja apenas como «conselheiro especial» de Thuy.

Tho veste invariàvelmente uma austera túnica negra, abotoada até acima, à Mao Tsé-Tung. Mas pertence á facção moderada do Partido Comunista Norte-Vietnamita.

Segundo os seus adjuntos, Tho é um leitor incansável de romances modernos e clássicos, nos intervalos das sessões de trabalho com Kissinger.

Xuan Thuy, pelo contrário, aparece em público e actua como o estudioso que gostaria de ter sido se, ele também, não houvesse sofrido a atracção das actividades revolucionárias.

Nasceu Thuy em 1912, na cidade de Hanói, então uma sonolenta capital de província, embora dotada de boas escolas francesas, pelas quais se licenciou com altas classificações.

Thuy diz que não têm conta as numerosas detenções e penas de prisão por que passou durante a administração francesa, por ser um agitador, um revolucionário.

Quando Ho Chi-Minh, pai da revolta antifrancesa, criou diversas organizações de massas e uma Assembleia Nacional para fortalecer o controle do Partido Comunista sobre a população, Thuy recebeu uma série de cargos administrativos, tais como vice-presidente e secretário-geral da comissão directiva da Assembleia Nacional, componente do Presidium e secretário-geral da comissão central da Frente Nacional Vietnamita.

«O cargo de que provàvelmente gostava mais era o de presidente da Associação dos Jornalistas Vietnamitas» __ conta agora Thuy, acrescentando que a caneta é uma arma poderosa nas mãos dos bons revolucionários.

Não foi pois surpresa para os componentes da delegação de Hanói que Thuy houvesse escolhido como um dos seus principais colaboradores e principal encarregado das relações com a Imprensa Nguyen Thanh Le, antigo articulista-chefe do «Nhan Dan», jornal do Partido.

Em 1963 Thuy foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros, cargo que manteve até 1965, altura em que uma crise de saúde o obrigou a um período de repouso. E ainda hoje os elementos da sua comitiva lhe chamam «Monsieur le Ministre».

Xuan Thy

À aproximação do fim da guerra do Vietname os delegados do Vietname do Norte, começam a fazer projectos

Le Duc Tho

BAMBOLIM
A CONHECIDA CASA DE MÓVEIS E DECORAÇÕES DA
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 65-A
Está ao SEU serviço:
Soluciona-lhe os problemas de espaço no seu lar
NÃO ESQUEÇA: CONSULTE
BAMBOLIM com oficina própria

Os participantes e os bastidores do Festival da Canção

Florbela Queirós é uma das atracções do primeiro programa da nova rubrica da RTP, «Domingo à Noite», cuja estreia é anunciada para hoje, a partir das 22 horas, no Primeiro Programa. O que é, o que você vai ver e as bases do concurso lançado pela RTP para escolha dos melhores cançonetistas nacionais estão em «Divirta-se», na pág. 5.

SHOW DL

LIZA

QUANDO A DECADÊNCIA É DIVINA

Na última página

«Sally Bowles não é boa, nem má: é apenas uma cantora em busca do estrelato» disse Liza Minelli sôbre o seu personagem em «Cabaret, Adeus Berlim». Ela também é assim. A sua única ambição é a fama.

ENTREVISTA

NICOLETTA EM PORTUGAL

VOU GRAVAR UM LP COM CANÇÕES DE LÉO FERRÉ

Nicoletta chegou na terça e na quarta à tarde ensaiou no Teatro Villaret, onde mostrou a sua classe à noite

«Cantar, para mim? Oh! É tanta coisa! É viagem, é decepção, é escolha, é vida. É ser mulher e não ser fraca por isso».

Nicoletta vestia um casaco comprido. Pudera não! Estava um frio de rachar à porta do Villaret, único local possível para uma conversa com a atracção n.º 1 do programa «Domingo à Noite» que a RTP começa a transmitir a partir de hoje. Nicoletta tentava suportar o frio. Meia dúzia de homens da Imprensa e da Rádio faziam o mesmo. Com tudo isto, uma reportagem ficou por fazer: a do espectáculo ridículo de vários repórteres tiritanto de frio à espera que chegasse a sua vez de fazer a entrevista, quando, a poucos metros, o «hall» do Villaret, bem aquecido, tinha espaço mais do que suficiente para comportar, à vontade e sem problemas para os que trabalhavam na sala de espectáculo, mais oito ou dez pessoas: as que precisavam de fazer o seu trabalho, as que, ao fim e ao cabo, promovem um programa que a RTP pretende que venha a alcançar um grande número de telespectadores.

Porquê?

DE QUARTA PARA DOMINGO

«Vir a Portugal é bom. Ou seja: é mais uma viagem e eu adoro viajar».

Nicoletta esteve, há dois anos, em Portugal. Foi, nessa altura, a atracção convidada para fechar o espectáculo que se seguiu ao Festival da Canção de 1970. Desta vez coube-lhe o papel de lançar no mercado um novo programa de televisão, gravado às quartas feiras para as noites calmas que rematarão o «fim-de-semana».

«Domingo à Noite», assim se chama o novo programa, será apresentado por Alice Cruz, Henrique Mendes, e Maria Margarida e Flávio Clímaco, estreantes nestas andanças. Para o fim de dia do seu domingo, leitor e presumível espectador, a RTP pensou num concurso de canções, que se desenrolará ao longo dos vários meses de duração do programa, e, ainda, na apresentação extra-concurso de alguns artistas nacionais. Tonicha foi a primeira, cantando Patxi Andion e José Cid. No respeitante ao concurso, Carlos Alberto Moniz cantou a duo com Maria do Amparo, sendo, ainda concorrentes, neste primeiro programa, Teresa Paula Brito e Júlia Babo.

NICOLLETA FERRÉ LP

«O melhor cantor francês? Prefiro falar de cantores-autores. Para mim, Léo Ferré é o melhor de todos. Gosto muito, também, de Brassens. Ferré e Brassens são quem me diz mais, na canção francesa».

Juntemos os dados: Nicoletta veio acompanhada por dois músicos, componentes do agrupamento francês «Zoo». O «Zoo» acompânhou, durante algum tempo, Léo Ferré. Portanto...

«Sim. Conheci Ferré por intermédio dos dois músicos do «Zoo» que vieram comigo a Portugal. Vou gravar um LP com canções suas.

Sabíamo-lo já. Queríamos, apenas, ouvir da boca de Nicoletta a confirmação do que nos tinha chegado aos ouvidos. Como aconteceu isso?

«Vou-lhe ser franca. Para gravar um «single», não tenho problemas nenhuns. Trata-se de um disco comercial, que se faz num instante. No caso de um LP é muito diferente. Eu vou apresentar uma obra que não é minha. As canções são de Ferré e eu tenho que as compreender até ao fim. Para isso preciso de contactar muito de perto com ele. Preciso de o conhecer mais. Não quero atraiçoar nem um pouco as canções que ele me vai dar».

Para quando o disco?

«Não tenho pressa. É preciso tempo. Ferré não tem muito tempo disponível. Nem eu. Por enquanto, claro. Vamos trabalhar profundamente no princípio do ano que vem».

Como vai ser o LP?

«Cantarei oito canções de amor. É tudo o que sei, por agora. Ou melhor: é tudo o que Léo Ferré me prometeu. Este disco, por enquanto, é uma promessa».

MUDAR OU NÃO

Se estivéssemos a falar com uma cançonetista portuguesa, a preparação de um «LongPlaying» com canções de um autor como Ferré traria no rasto a inevitável pergunta: **isso significa uma viragem na sua carreira?** Em França, as coisas não se passam bem assim. De qualquer modo, o tema da mudança é sempre tema. Por exemplo. Nicoletta é a mesma mulher que veio há dois anos a Portugal?

«Mon Dieu! Creio que não! Não sou, com certeza. As pessoas mudam todos os dias. Eu tenho, agora, trinta anos. E, aos trinta anos, não somos os mesmo que éramos aos vinte. Sou diferente, claro. Creio que amadureci, entretanto. Mas não posso apontar factos concretos. Não sou a mesma. Isso não».

Vir a Portugal em 1972 não é, portanto, a mesma coisa que foi há dois anos?

«Não. Mas também não lhe sei dizer a diferença. Posso falar das coisas diferentes que fiz desta vez, mas não posso dizer, concretamente, o que mudou na minha maneira de encarar o vosso país».

Que foram essas coisas diferentes que fez? (Definitivamente: Nicoletta não é antipática como nos pintaram. Exactamente o contrário: afável, comunicativa, boa conversadora).

«Nesta minha estadia em Portugal? Olhe: fui ouvir cantar o fado, por exemplo: As viagens, para mim, são muito importantes por isso. Gosto de conhecer as pessoas, de saber que coisas fazem parte dessas pessoas. O fado faz parte de muita gente, no vosso país: É isso que eu ganho. É assim que eu mudo: aprendendo coisas.»

Nicoletta, gola do casaco levantada, olhos muito abertos, fala para além da canção. Nem está, já, a pensar nisso. Fala de pessoas. Fala de si (por onde andará Ferré a esta hora?).

«Gosto do fado. Gosto dele como gosto do flamengo. Gosto de conhecer as coisas que definem as pessoas.»

Nuno Gomes dos Santos

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES • SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS — TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

RICKY MAY

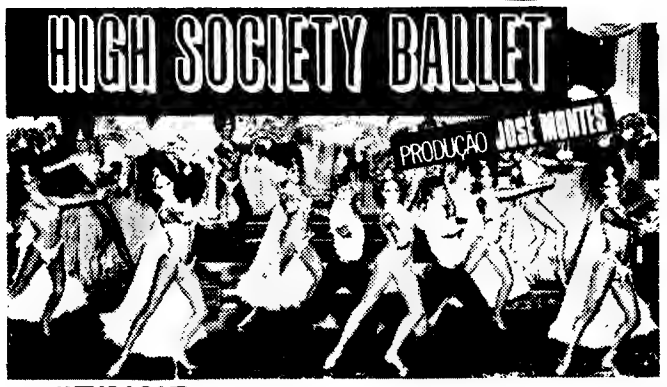
ORIGINAL FANTASISTA DA CANÇAO

NEW DOLLYS SHOW

FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

LENITA GENTIL com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET



JIRINA'S COMBO — ORPHEU'S QUARTET

FERRER TRINDADE e sua orquestra

PRINCESSE DAYANA SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

VÁ AO TEATRO!!!

ESPECTÁCULOS RECOMENDADOS POR VASCO MORGADO

TEATRO Telef. 864756

LAURA ALVES

Rua da Palma

Grupo D/18 anos

a peça de **Henry Denker**

FREUD

O PRINCIPIO E O FIM

todas as noites, às 21.45; domingos e feriados, às 16 h.

Elenco por ordem de diálogo

JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LÍGIA TELES — COSTA FERREIRA

5.ª SEMANA

Espect. Subs. Fundo de Teatro

ESTUDANTES 50% DESCONTO

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

2.as e 3.as-Feiras, às 21.45 h

5.as, 6.as e Sábados 2 sessões, 20.45 e 23 h

Domingos e Feriados, à tarde, às 16 h à noite, às 21.45 h

SIMONE na divertida comédia

A CAMA DOS COMUNS

com

IO APOLONI
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO

e a colaboração especial de

JOAQUIM ROSA

11.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

Agora um novo horário

2.as e 3.as-feiras às 21.45 h.
4.ª-feira, descanso da C.ª
5.ª, 6.ª e sábado
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde 16 h.
noite 21.45 h.

JOSÉ VIANA numa espantosa comédia

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com

D O R A L E A L

a revelação da temporada no teatro declamado

HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS

e a participação de

MARIA PAULA

14.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 361740

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES: às 20,45 e 23 horas

Domingos e Feriados «matinée», às 16 h.

SALVADOR
IVONE SILVA
BARROSO LOPES
GUIDA MARIA

na super-revista popular

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO...

com

VICTOR MENDES
CARLOS QUEIROZ

a atracção sul-americana

VERA SANDERS

a grande revelação

CIDÁLIA MOREIRA

e colaboração especial de

HENRIQUE SANTANA

e um fabuloso

BALLET INTERNACIONAL

Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

Grupo D/18 anos

REPORTAGEM

X GRANDE PRÉMIO TV DA CANÇÃO

FOGO!

Às 18 e 30 do próximo dia 23 estará encerrada a primeira etapa de mais um Grande Prémio TV da Canção Portuguesa. É, precisamente, nesse dia e hora que expira o prazo de recepção das canções candidatas a uma presença na final. A nossa história começa, precisamente, alguns dias antes da partida de Tonicha para Madrid, quando a cançonetista se aprestava para, naquela capital, trabalhar com Algueró a orquestração de «Glória, Glória, Aleluia», canção com que concorreu ao Festival Ibero-Americano. Nessa altura quisemos saber como se tinha processado a escolha dessa canção, e foi-nos dito que não tinha sido fácil, sequer, encontrar uma canção disponível, pois todos os compositores estavam, já, a guardar as cantigas para o próximo Festival da RTP.

SERÔDIO NORONHA-UMA EQUIPA

O Festival, portanto, a ser «abordado» com a antecedência mais do que necessária. Daí que começássemos a procurar saber por quem estava a ser feita essa «abordagem». E topámos, desde logo, com... uma equipa completa! Alinham, à partida, Rui Serôdio e Luis Alexandre, na parte musical, Nuno Noronha, A-Jo, João Filipe e José António Coelho, letristas, Jorge Machado, orquestrador, não estando esquecido o «consagrado» Nuno da Nazareth Fernandes, embora o facto de estar a cumprir serviço militar na Guiné não lhe deixe muitas possibilidades de se integrar na equipa antes deste festival, estando a sua colaboração prevista para futuros trabalhos, segundo nos afiançou Nuno de Noronha.

«Parece-me que não me esqueci de ninguém», dizia Noronha no decorrer da conversa. E adiantava: **«Estamos a trabalhar com o Mário Martins, homem que desempenha importante papel numa empresa discográfica portuguesa».**

E o chefe de fila da «equipa» continuava: **«Estamos a pôr a hipótese de ir buscar, também, um orquestrador estrangeiro, para o caso de termos uma ou mais canções apuradas. Porque não Franck Pourcel?»**

Todas estas afirmações são da responsabilidade de Nuno Noronha, um homem que vai ficar, dentro em breve, à frente de uma nova editora de discos, que se chamará «Beldisco», etiqueta que, no dizer do nosso entrevistado, **«irá fazer furor na música portuguesa».**

Ainda sobre o Festival, a equipa de Serôdio e Noronha conta com um intérprete que lhe está ligado **«de pedra e cal»**: Manuel Vargas, o homem do terceiro lugar no último festival com a composição «Vem o Caminheiro» cuja música, aliás, é da autoria do próprio Serôdio. Outros intérpretes contactados, segundo Noronha: Artur Garcia, Paulo Jorge, Dário de Barros, Maria da Glória e **«um nome que será grande revelação»**: Carlos Roberto.

Jorge Fontes está apalavrado para uma possível parte de arranjos de guitarra portuguesa. **«Se...»**, diz Noronha, apondo as necessárias reticências que salvaguardam a eventualidade de qualquer das canções da sua equipa ser (ou não...) apurada para a final.

Entretanto, o próprio Nuno de Noronha **(«eu já não canto há meia dúzia de anos»)** não põe de parte a hipótese de vir a interpretar uma canção. E, para não ficarmos por aqui em matéria de sensacionalismos, acrescenta: **«A promoção dos artistas já está programada!»**

Desvendemos um pouco o véu, dizendo quem é Nuno de Noronha. Ele foi premiado nos últimos jogos florais da Emissora Nacional, é autor do poema «Caravela da Saudade» que foi apresentado no programa do mesmo nome da TV de São Paulo, Brasil, o qual, segundo o seu autor, **«foi um grande êxito, tendo até o Wanderley Cardoso ficado muito interessado em gravar uma** CANÇÃO COM ESSE POE$ **ma».** Nuno de Noronha é, ainda, o director do chamado Centro de Poetas da Pontinha.

MAS HÁ MAIS...

Para além das (passe-se!) 20 canções — 20, com que a equipa liderada por Serôdio e pelo director do Centro de Poetas da Pontinha concorre ao próximo Grande Prémio da TV, outros «ataques» em força se preparam. Assim, numa mesa-redonda feita pelo «DL» com Ary dos Santos, disse-nos o poeta quando lhe perguntámos se voltaria a concorrer este ano:

Com certeza. Eu acho que o Festival da Canção é um veículo muito importante para a popularização de um determinado tipo de poesia ou de um determinado tipo de pessoa. E eu creio que a popularização que se ganha num Festival da Canção, o impacto popular, tudo isso é muito importante para que se venha, num futuro próximo, a popularizar outras coisas, a fomentar outras coisas» (in «DL», 19/11/72).

Se Ary concorre, Tordo também, visto que o Fernando é quem trabalha regularmente com o poeta. Mesmo assim, pomos, apenas, a hipótese.

Certeza, porém, é a da entrega, até 23 deste mês, nos escritórios da RTP, de alguns originais de Jaime Queimado, amigo de Tordo e que, com ele, já teve duas canções apuradas para o Festival de 1970.

Certeza, também, a apresentação a concurso de composições de Carlos Alberto Moniz, que tenta uma presença como solista no Grande Prémio de 1973, depois de ter participado em dois Festivais como elemento do agrupamento «Efe 5» e fazendo coros para outros solistas.

E, por último, nesta primeira leva de concorrentes (o assunto está longe de ficar esgotado...) temos José Cid: uma outra equipa. Falamos de equipa porque Tozé Brito não deve ficar parado. Ele é, como se sabe, elemento do 1111, tal como Cid.

UM FESTIVAL COM 1111 CANÇÕES?

Tinha acabado há minutos o II Festival Internacional da Canção dos Dois Mundos. José Cid estava radiante. Não percebíamos porquê mas ele depressa nos elucidava: **«Veio ter connosco um tipo da «Decca» e ficou já assente que vamos gravar um disco, com as canções que cantámos aqui, para ser lançado em Inglaterra!»**

Pouco antes tinhamos-lhe perguntado porque não tinham guardado aquelas canções para o Festival da TV pois, pelo menos a que cantaram no primeiro dia do «Dois Mundos», tinha francas possibilidades.

«Não!», foi a resposta, **«nós vamos atacar em força, este ano. Temos umas cinco ou seis canções que consideramos muito boas e com possibilidades».**

Outra frente de batalha (passa o termo). E faltam, ainda, vinte dias para terminar o prazo de recepção de canções. Para já, em quantidade, um bom Festival em perspectiva. Só que a quantidade, como se sabe, diz respeito a números, não a valores...

NUNO GOMES DOS SANTOS

OS PERSONAGENS

Noronha: à frente de uma grande equipa

Ary não desiste. E faz bem

Rui Serôdio: o incentivo do terceiro lugar

Tordo: a perseverança

Cid: o regresso?

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS 1972/73

5.º CONCERTO

5.ª-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO, ÀS 21,45 H.
DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO, ÀS 16 H.

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

MAESTRO: ÁLVARO CASSUTO
PIANO: EMMANUEL AX

PROGRAMA

O CORSÁRIO — H. BERLIOZ
CONCERTO N.º 4 — BEETHOVEN
ELEGIA (1.ª AUDIÇÃO) — DAVID ELLIS
ROMEU E JULIETA (FANTASIA) — TCHAIKOWSKY

BILHETES DESDE 15$00

TARDE — 6 ANOS
NOITE — 10 ANOS

ALVALADE restaurants

ALMOCE OU JANTE NO COLORIDO PANORAMA ROOM

JANTE E DELICIE-SE COM UM ESPECTÁCULO SENSACIONAL NO ESPECTACULAR FOLCLORE ROOM

TELEF. 794141

GENTE

Para os próximos dias será realizado, em Lisboa, o lançamento do filme «A Selva», baseado no clássico de Ferreira de Castro sobre a Amazónia e o drama dos seringueiros. A nota curiosa está em que, no filme, Ferreira de Castro resolveu matar o seu personagem Firmino, uma das figuras centrais do romance, que no livro tinha conseguido sobreviver.

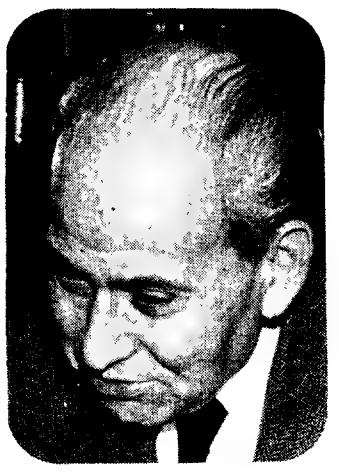
Jorge Palma, de quem saiu, há cerca de três meses, um primeiro disco com musicas, letras, orquestrações e interpretação suas, cuja qualidade se apontou na devida altura, ressalvando-se, ao mesmo tempo, o facto de ele preferir o inglês para cantar, prepara-se para «atacar» no próximo Festival da Canção. Para isso trabalha em algumas composições que terão poemas de **José Carlos Ary dos Santos.**

A coroa de Judy Carland, que todos supunham caber, sem contestação, à sua filha **Liza Minelli** (veja a última página), está sendo agora reinvindicada para a sua irmã **Lorna Luft** que, com apenas vinte anos, já começa a sentir o sabor do sucesso. Filha do terceiro marido de Judy, a jovem e bela cantora empolgou a todos os que a assistiram, recentemente, no Hotel St. Regis, de Nova Iorque, fazendo com que muitos vaticinassem ser ela, e não Liza, a verdadeira sucessora da mãe.

O compositor **Braga Santos,** que fará as músicas para «A Farsa de Mestre Pathelin» e «O Cavaleiro Sem Medo», ambas a estrear brevemente no Teatro ABC, gravou para a RTP, «Um dia com...», programa que será transmitido na próxima quinta-feira, dia 7 de Dezembro.

Música popular agora se aprende na escola. Pelo menos nos Estados Unidos, onde acaba de ser montada a primeira escola do género. Uma das professoras, especialmente convidada para ali leccionar, é a compositora **Estelle Levitt,** de 29 anos, autora da partitura musical de vários filmes de sucesso. A sua classe é de 29 alunos e, como todos os outros, aprendem eles os segredos da música popular; e são estimulados a compor diáriamente uma canção, com letra e música. A s aulas finais do curso são reservadas ao ensino dos melhores métodos de se conseguir a gravação da música. Com a sua experiência, diz Estelle Levitt que a persistência é a chave mestra para vencer na resistência dos editores, e que, nem sempre são os melhores compositores os mais bem sucedidos.

Braga: em todas



No filme, a morte do personagem

Corina, que já regressou da sua digressão pelos Estados Unidos, tem em estudos uma proposta para ir ao Brasil. Enquanto isso, está na praça o seu novo disco, de onde se destacam as composições «É só Má Língua», «Sete Colinas», «Sou Tripeirinha», «Os Beijos do Meu Amor», da dupla **Paião e Damas,** com arranjos de **Shegundo Galarza.**

«Moreno é ainda um estranho para mim» — foram estas as primeiras palavras de Caetano Veloso à imprensa, quando na semana passada foi ao Hospital Português de Salvador para ver o seu recém-nascido primogénito **Moreno Gadelha Veloso,** de 3,400 kg. e 51 cm. Alguns dias mais tarde, num segundo contacto com a imprensa, o cantor-compositor foi mais poditivo: «Agora sei que ele é lindo e parecidissimo com a **Dedé** (a mulher de Caetano), e as suas mãozinhas são divinas e maravilhosas». No final da semana passada, Caetano estava de volta ao Rio para continuar o seu espectáculo no Teatro João Caetano, onde ele canta uma canção composta para esperar o filho «Talvez Júlia / quiça Moreno», agora sem dúvidas.

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609 HOJE As 21.45
TESTEMUNHO INADMISSÍVEL
DE
JOHN OSBORNE
Antonio Montez, Francisco Nicholson, Benjamim Falcão, Catarina Avelar, Ermelinda Duarte, Helena Felix, Ana Paula, Lrdia Franco
Grupo D 18 anos

PRESENTE NOS AÇORES
RIBEIRA GRANDE
AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL
BIP
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

FILOTEL
SALÃO INTERNACIONAL DE EQUIPAMENTO HOTELEIRO
ATÉ 3 DEZEMBRO
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
HORÁRIO
SÁBADOS E DOMINGOS: DAS 15 ÀS 24 H.
RESTANTES DIAS : DAS 17 ÀS 24 H.

FILOTEL, (5 m.) Uma nova palavra no vocabulario da hospitalidade portuguesa

DIVIRTA-SE

Domingo à noite : estreia na RTP

A cançonetista Nicoletta __ veja entrevista nesse suplemento __ , criadora de, entre outros sucessos, «Il est mort, le soleil», é a grande atracção internacional do programa **Domingo à noite**, gravado na última quarta - feira no Teatro Villaret, e que hoje estreia no video da RTP, às 22 horas. Portanto, esta é a nossa sugestão para este domingo.

Além de Nicoletta, sob o comando de Henrique Mendes e Alice Cruz, a nova rubrica da RTP conta com a intervenção dos locutores Maria Margarida e Eládio Clímaco e a participação de alguns cançonetistas e músicos nacionais, entre os quais se destacam Sequeira Costa, Florbela Queiróz, Teresa Paula Brito, Tonicha, Júlia Babo, Maria do Amparo e Carlos Moniz.

O programa, por outro lado, está aberto à participação do público, através do concurso «Nossos Artistas, Nossas Canções», que, segundo o boletim que recebemos da RTP, funcionará da seguinte maneira:

1.ª Fase __ 8 emissões. 24 cançonetistas que actuarão, semanalmente, em grupos de 3. Quem determinará a passagem de cada cançonatista à 2.ª fase será o público. Serão apurados **18 cançonatistas.**

2.ª Fase __ 6 emissões. 18 cançonetistas que, também, semanalmente, actuarão em grupos de 3, determinando-se a passagem à 3.ª fase, pelo mesmo processo.

3.ª Fase __ 4 emissões. 12 cançonatistas que terão de se apresentar com canções inéditas. O público escolherá os cançonetistas que passarão à final.

Final __ 1 emissão. 6 cançonetistas actuando com novas canções inéditas. O público determinará quem passará à finalíssima.

Finalíssima __ 1 emissão. 4 cançonatistas interpretando canções que, pela primeira vez em público tenham sido apresentadas nas emissões da 3.ª fase e na final. Na semana seguinte, proclamar-se-ão os 1.º, 2.º e 3.º classificados pelo público, sendo-lhes atribuídas taças. O 4.º classificado receberá uma menção honrosa.

E, para o público votante? Bem, para compensar o seu trabalho, no final do concurso será sorteado entre os que votaram desde a primeira emissão do concurso, um automóvel. Para que você possa emitir a sua opinião, a cada semana, a imprensa publicará (aos domingos) o boletim de votação, que deverá ser recortado e colado a um bilhete postal que, por sua vez, deve ser remetido a RTP. O boletim é o que vai abaixo:

Henrique, o apresentador

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

DOMINGO À NOITE

RTP

Sorteio

NOSSOS ARTISTAS, NOSSAS CANÇÕES

CANÇONETISTA PREFERIDO DA EMISSÃO DE "NOSSOS ARTISTAS, NOSSAS CANÇÕES" EM ..... / .. / ..

NOME .....

NOME .....

.....

MORADA .....

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

DOMINGO À NOITE

Sorteio

NOSSOS ARTISTAS, NOSSAS CANÇÕES

Apartados 3011 ou 3088 LISBOA

• VAMOS AO TEATRO

É O FIM DA MACACADA __Anabela, Nicolau Breyner, Maria do Céu Guerra, Vitor Espadinha, Braga Santos, Helena Isabel e Pedro Machado. Estes são alguns dos responsáveis pelo espectáculo do Teatro ABC, um dos melhores já produzidos, no género, entre nós. Humor, ritmo e, sobretudo, muita alegria. Sessões às 16,00-20,45 e 23 horas.

SUA EXCELÊNCIA, O PENDURA __ Para rir durante quase duas horas. A comédia já ultrapassou 200 representações. Com José Viana, Dora Leal, Manuela Cassola, Henrique Viana e Luis Santos. No Teatro Villaret, às 16 e 20,45 horas.

FREUD, DO PRINCÍPIO AO FIM __ Num espectáculo para grande público, a história do pai da psicanálise. Com Jacinto Ramos, Lígia Teles, Costa Ferreira e Lia Gama. No teatro Laura Alves, às 21,45 horas.

AS CRIADAS __ No Teatro Gil Vicente, em Cascais, o que talvez seja o espectáculo mais importante da temporada. Original de Jean Genet, recriado por Victor Garcia. Com Eunice Muñoz, Glicínia Quartim e Lourdes Norberto. Hoje, às 17 horas.

O CAVALINHO AZUL __ A partir do original de Maria Clara Machado, com música de Reginaldo Carvalho, o Teatro do Arco da Velha apresenta um espectáculo para crianças de 8 a 80 anos. No Teatro São Luiz.

FELICIANO E AS BATATAS __ A partir de textos infantis coligidos por Catherine Desté, o grupo de pesquisa **A Comuna** montou esta peça. A entrada custa, simbòlicamente, 1 escudo. Na Praça José Fontana, 12-B, às 16 horas.

• À SUA SAÚDE

DANAÇÃO DA ALMA, «ALMA DANADA» __ Em Almada, na outra banda, existe, a meio da Avenida Frederico Ulrich, do lado esquerdo de quem sobe, um local agradável e, afinal, frequentado por poucos «almadanenses»: chama-se «Almadanada», tem uma ginginha (sem elas) que não é para esquecer. Você encontra, ainda, desde os jornais do dia até aos livros de que certo público, mais exigente, gosta, com oportunidade de ouvir (comprar) alguns discos da razoável discoteca que o Madeira Luis soube escolher. E, enquanto toma a sua bica, pode ainda comprar um brinquedo para o seu filho, tendo, para o ajudar, a filha do dito, a Catarina, que é uma menininha esperta e atrevida. Experimente.

A FRAGATA REAL VAI FECHAR __ Todos os que gostam da noite e, que na noite, procuraram o fado, receberam a notícia com uma certa tristeza. Pois é a noite de hoje é a última na existência desta simpática casa de fados (e de boa comida) da Alfama. O mais triste, nesta noticia, é a situação dela gerada. Isto é, para já, uma dezena de profissionais do fado ficarão desempregados.

Tranquilidade da Almadanada

• CINEMA

CABARÉ, ADEUS BERLIM __ Sally Bowles é uma cantora em busca do estrelato numa Berlim onde se desenham as sombras do pesadelo nazista. Em meio há canções, a decadência divina de Liza Minelli, a grande **star** dos nossos tempos. O filme está no Cinema Londres. Aos interessados, aqui fica o conselho para adquirir os bilhetes de entrada com uma certa antecedência: a lotação, na maior parte das vezes, esgota-se um pouco antes de começar a sessão.

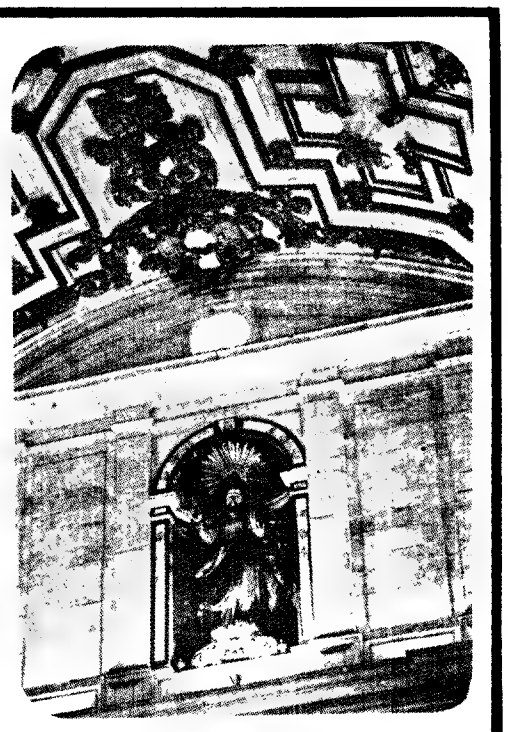
O VIOLINO NO TELHADO __ O gozador é aquele que goza a própria dor. Esta é uma característica do povo israelita que esta fita nos mostra. E mais: canções, folclore e um grande actor: Topol. Está no Monumental, em três sessões diárias.

ALEXANDRE NEVSKI __ Para quem gosta de cinema, este é um filme obrigatório. Com a marca do seu realizador, um dos génios de sempre: Einsenstein. Está no Satélite, em três sessões diárias.

DRÁCULA-72 __ Vampiros e vampiras numa festa de dentadas. Para os apreciadores do género, fica a indicação. No Alvalade, em três sessões.

X, Y, Z, __ A partir do velho pretexto do triângulo amoroso, uma história para o grande público, com a presença de Elisabeth Taylor, para garantir a lotação. Está no Europa.

Elizabeth no triângulo



• EXPOSIÇÕES

O BARROCO NO NORDESTE BRASILEIRO __ Organizada pelo crítico e historiador de arte Clarival do Prado Valladares e realizada com o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, esta mostra compõe-se de sessenta ampliações fotográficas referentes a monumentos e obras de barroco brasileiro dos Séculos XVII, XVIII e princípios do Século XIX. Está aberta ao público todos os dias, no Palácio Foz.

A área percorrida pelo autor do trabalho levando-se em consideração a amplitude geográfica do Brasil, é restrita. Começa em Igaraçu do Pernambuco, passa pela Vila das Alagoas, Penedo de São Francisco, Salvardor, Santo Amaro da Purificação e Cachoeira do Paraguaçu, dai seguindo até Vila Boa de Friás e regressando através do Estado do Rio, para terminar na cidade do Rio de Janeiro onde se documenta numa construção de 1907, um exemplo derradeiro do barroco no Brasil já em termos de **art noveau.**

Segundo Clarival do Prado Valladares, observa-se nesta exposição a ausência de acervos mais divulgados e consagrados, uma vez que foi seu propósito chamar a atenção para tudo aquilo que é menos conhecido. Não existe, nesta mostra, a pretensão de arte-fotográfica, mas sim de documentação iconográfica, obtida por meio de instrumental adequado, análise histórica e discernimento artístico.

• VARIEDADES

CIRCO __ Para você que ainda tem na alma a criança que um dia foi, entre outras atracções, veja o elefante que só dorme com almofadas; o palhaço equilibrista e o seu corpo de borracha; o urso ciclomotorizado; os trapezistas voadores; o homem que desaparece num saco cinco vezes menor do que ele; e ainda, os pintores cómicos e os saltadores árabes. Numa palavra: o circo. Hoje, no Coliseu dos Recreios, ás 16 e 21,30 horas.

MAGIA __ Outra indicação para quem quizer refugiar-se na fantasia. Mágicos, faquires, prestigitadores e serpentes amazonicas. No Teatro Capitólio, às 16 e 21,45 horas.

• ONDE COMER

RESTAURANTE BUCELAS __ Fica no Parque Mayer, é dirigido pelo Xico Carreira e é indicado às pessoas que, além de gostar da boa cozinha, cultivam a saudável tradição do marialvismo. A casa é especialista em carnes. E o ambiente é decorado com o que resta dos touros após as lides.

RESTAURANTE CHINA __ O ambiente é simples e a cozinha muito boa. O serviço, às vezes, é demorado. Mas, mesmo assim, vale a pena. Peça o **Porco Doce**, acompanhado de **Massa Frita com Chap-soi**. Para beber, chá de jasmim. O **China** fica na Rua Andrade Corvo, 78.

DL/SHOW

MESA REDONDA

PARTICIPARAM NA MESA-REDONDA

AB _ Armindo Blanco
NGS _ Nuno Gomes dos Santos
MP _ Mendes Pedro
RL _ Regina Louro
JR _ Jacinto Ramos

«Até que ponto é que acredito na Psicanálise? Isso é uma pergunata que, realmente, me perturba. É que eu não sou contra a Psicanálise nem posso, sequer, ter posição num aspecto tão científico. Parece que, na verdade, tem dado sempre bons resultados».

JACINTO RAMOS

AB _ Esta peça, «O Principio e o Fim», pode dizer-se que teve má crítica, foi de maneira geral condenada pela Imprensa, que disse tratar-se de uma divulgação tipo «Reader's Digest» de um problema científico, de uma questão científica, de uma figura do mundo da ciência. Depois disso, há informações de que a peça também não está atingindo grandes camadas de público, apesar de se lhe ter apontado uma construção teatral que permitiria o acesso das plateias.

JR _ **Bom, em relação ao espectáculo da estreia: como você sabe um espectáculo de estreia não tem muitas vezes o mesmo tom, o mesmo nível dos dias seguintes. Há muitas coisas que se afinam após esse espectáculo de estreia. Não quero com isto dizer que o espectáculo não estivesse realmente afinado, mas talvez não tivesse, de facto, o tom teatral puxado pelas orelhas, como nós costumamos dizer. Em todo o caso, e com toda a minha sinceridade, a peça nunca me pareceu uma coisa fora de série, uma peça realmente extraordinária. É uma peça muito bem construida, tratando sériamente o tema, com uma encenação que eu considero muito boa, que explana bastante bem os motivos que levaram Freud a sair da Áustria. Portanto, no conceito geral de espectáculo, eu o considero com uma certa força. Depois houve realmente as reacções do público que assistiu à estreia, que foram diversas. Eu tenho informações pessoais de que alguns médicos especialistas gostaram do espectáculo, acharam-no rigoroso mesmo nos aspectos que se referiam à psicanálise, como por exemplo as sessões de psicanálise que Freud faz. Professores de faculdades, juizes, e até, público anónimo também apreciaram o espectáculo. Houve no entanto, um sector da crítica, com uma ou duas excepções, que achou a peça má, mas ressalvando o trabalho dos actores, salvo um ou dois casos. Essas apreciações aos actores foram realmente úteis e serviram para um trabalho de aperfeiçoamento. No que diz respeito próprimente à opinião da crítica, evidentemente que se trata de opiniões pessoais, que eu respeito. Depois disso, o espectáculo começou a decorrer, as pessoas que iam e que não eram muitas principiaram a entusiasmar-se, vinham até aos camarins elogiar o espectáculo e eu comecei realmente, aliás nunca desacreditei, a acreditar na peça como espectáculo de bilheteira e para o público. Aqui começa-se a ter que entender outro aspecto, o do director artístico de uma companhia deste género. Diz-se que a companhia é subsidiada, mas não são evidentemente as quatro ou oito dezenas de contos que o Fundo de Teatro dá a uma companhia que a poderão defender dos seus problemas de bilheteira. De maneira nenhuma. E nós temos o exemplo da companhia oficial, que vive mal, com a sua directora enfrentando problemas gravissimos: o subsidio, que é muito maior, não lhe permite realmente fazer grandes coisas. Isto é a minha opinião. Portanto, quando um director, na engrenagem, como costumamos chamar, no complexo teatral do Vasco Morgado, tem que pôr uma peça declamada, evidentemente que a tem de defender nos seus aspectos de bilheteira, porque o Vasco Morgado, quer se queira quer não é um empresário comercial. Eu não o considero um empresário comercial, porque se o fôsse as coisas por um prisma comercial de organização, mas parece-me que ele não tem uma organização perfeita nesse aspecto, nem gosta.**

NO DIVÃ DE FREUD

«Um director de cena, no complexo teatral do Vasco Morgado, tem que defender uma peça nos seus aspectos de bilheteira»

● «Temos o desejo de representar Brecht em Portugal. Toda a gente fala do Brecht. O Brecht, para nós, é um estandarte»

● «Fiz, de certa maneira, a psicanálise de Freud»

Ele gosta realmente é da aventura, da audácia, de certos aspectos do seu trabalho. Portanto, realmente o meu cuidado como director, dentro da empresa do Vasco Morgado é escolher peças que na realidade possam interessar grandes camadas de público.

AB — Pois exactamente aí, acho que valia a pena fazer uma pergunta, que era a seguinte: o ano passado aconteceu uma peça do Albee, este ano acontece uma peça de um autor desconhecido, enfim de pouca nomeada, um tal Henry Denker, que por sinal é o argumentista de uma película que esteve agora no Eden. «A Fuga Está na Morte» e parece até que o que a fita tinha de pior era precisamente o argumento. Bom, eu gostaria que você explicasse ou tentasse explicar, como é que acontece um Albee assim sem mais nem menos e de repente acontece um Henry Denker, quer dizer a que critérios obedece esta selecção, esta escolha, porque se escolhe o Denker? Porquê o Denker ou o Albee e não outros?

JR — **Você sabe, creio que sabe, que os critérios que se seguem não são nenhuns. Nós encontramos peças que nos parece que na realidade podem ser levadas à cena, que podem ter êxito de bilheteira, digamos assim, e depois encontramos outras que gostaríamos de fazer.**

Aliás há uma peça de Sartre que eu mandei à Censura e foi aprovada. Trata-se de «Os mortos sem sepultura». Está aprovada até para 14 anos e na íntegra. Nós não sabemos efectivamente qual o critério seguido para estas aprovações. Quando eu, a responsabilidade da «Virginia Wolf» é minha como a responsabilidade do Freud é minha, mando uma peça à Censura, estou sempre a ver o que dá. Eu estava até para entrar numa revista, que já terminou, recebo uma comunicação da Inspecção Geral dos Espectáculos dizendo que a peça tinha sido aprovada. Imediatamente virei todas as agulhas. Deixei de ir ganhar muito mais dinheiro, de ter uma ou outra popularidade e virei as minhas agulhas para aquilo que eu gostava de fazer. Óptimo, pensei, eu posso realmente fazer esta peça. Fui ter com o Vasco Morgado e coloquei-lhe o problema: «Queres fazer esta peça comigo? Em tempos tinhas-me dito que a gostavas de fazer, porque senão faço-a sózinho». Ele deu-me todas as possibilidades. Financiou-a e fez-se a peça. Com várias dificuldades que houve depois, mesmo depois da estreia da peça. Portanto, talvez lhe esteja a dar uma pálida ideia desta dificuldade que existe em traçar planos. Eu tinha planos para este ano: dois originais portugueses, um dos quais de Prista Monteiro, «A Longa Jornada, e outro de Óneil «Dentro da Noite». Simplesmente, até o próprio empresário está já um pouco desorientado, quer dizer, em relação a este trabalho que deveria ser feito cuidadosamente e na calma, porque já tem um grande prejuizo com esta companhia da Laura Alves. Passou a ser costume dizer-se que uma companhia subsidiada, afasta o público, isto é o público não vai a uma companhia quando sabe que e subsidiada pelo Fundo Nacional de Teatro. Todos os empreendimentos teatrais sob tais aspectos têm realmente dado prejuizo, grandes prejuizos. Houve ainda há pouco tempo no Villarett, uma companhia que teve dois milhares de contos de prejuizos.

AB — Bom, mas esse estigma não funcionou em relação a «Virginia Wolf».

JR — **Não foi uma companhia subsidiada. Não! Tivemos subsidios diferentes. O Vasco Morgado pediu um subsidio à Gulbenkian para descontos aos estudantes e pediu também um subsídio ao Fundo de Teatro, que lho deu. Portanto, tratava-se de subsídios especiais.**

NGS — Eu creio que a Comuna, com «Para onde is?», é uma companhia subsididiada não própriamente pelo Fundo de Teatro, mas pela Fundação Gulbenkian. Haverá de facto uma diferença na reacção do público, entre uma companhia subsidiada pelo Fundo de Teatro e pela Fundação Gulbenkian? Eu faço esta pergunta porque a Comuna tem tido lotações esgotadas desde que estreou.

JR — **Pois, evidentemente que há diferenças. Talvez que uma companhia subsidiada pela Gulbenkian não se considere oficial, uma companhia de Estado. Ainda que, veja bem, esgotar a Comuna a vinte escudos os bilhetes e com 150 lugares é muito mais fácil do que esgotar um teatro de 500 lugares a oitenta e cinco escudos cada bilhete. Não nos devemos iludir com o facto de a Casa da Comédia ou o Teatro de Cascais esgotarem assim como a Comuna. São coisas realmente que funcionam à margem. Com públicos especiais. Não são públicos vastos; aliás, fala-se que a Comuna vai ser largamente subsidiada pelo Ministério da Educação Nacional. Veremos aí como a coisa vai funcionar.**

NGS — É capaz de explicar qual a diferença, tanto quanto possível exacta, da reacção do público a um subsídio do Fundo de Teatro ou a um subsidio da Gulbenkian, para além de ser uma companhia de Estado ou não? Eu refiro-me ao grande público que vai ou não vai ao teatro.

JR — **Eu não sei explicar bem. Nunca tentei explicar esse aspecto. Não sei se o público poderá ligar a ideia de uma companhia parecida com as realizações do teatro da Trindade em tempos. Por exemplo, uma companhia como funcionava a do Couto Viana no Trindade; uma companhia como funciona agora a da D. Amélia Rey Colaço no Trindade, uma companhia como a do Teatro Municipal, que também foi outro fracasso de bilheteira, quer dizer não tinham público. Isto é uma verdade! O público parece reagir a uma companhia subsidiada oficialmente, quando na verdade o Fundo de teatro ainda estamos a considerá-lo do ponto de vista oficial, quando não é. O Fundo de Teatro é, na realidade, um fundo público e há aqui uma confusão que era preciso esclarecer. Eu sei, por exemplo, que o Secretário Nacional tem, julgo, dois votos num conselho. Esse conselho é, no entanto, constituido por variadíssimas pessoas, que tem as suas reuniões e atribui esse Fundo, que é um Fundo público.** NGS — Falou há pouco de ter de encarar esta peça, como uma peça que deveria proporcionar, de certo modo, um êxito de bilheteira. Até onde foram as suas cedências, se é que as houve,para que houvesse esse êxito de bilheteira?

JR — **Não houve cedências nenhumas. Eu nunca faço cedências. Nas minhas realizações eu nunca faço cedências. Eu só me respeito a mim próprio e à obra que tenho entre mãos. Eu não tenho nada a ver com o público se não muito relativamente, nem com a crítica se não muito relativamente. Eu respeito-os, evidentemente, mas de uma forma anónima. Não faço cedências. Tenho uma obra para levar a Cena; tenho uma concepção sobre essa obra e tento realiza-la. Tento pô-la como uma obra artística. Não há cedências de espécie nenhuma. Simplesmente a obra é que contém em si elementos que me podem fazer perceber que o público poderá afluir em grande quantidade. E não há dúvida nenhuma que a peça tem, na realidade, um «suspense» que obriga a uma atenção do público e a um interesse pela história e isso é uma forma de teatro. Ou uma forma de cinema. Não foi uma cedência minha. Talvez seja do autor, não é? O autor tem lá aqueles elementos, que a mim me parecem susceptíveis de interessar vasta massa de público. Uma massa de público que está educada por uma TV, por um cinema, etc.. Com histórias de acção, com histórias de «suspense»**

A Super-Esposa

e, portanto, o autor só foi buscar os elementos científicos como ponto de partida, respeitando-os e isso é que é preciso acentuar, porque não há psicanalista nenhum ou psicólogo que não diga que eles estão todos respeitados. Tudo o que se passou no consultório de Freud está ali respeitado. Os outros elementos, digamos, como a invasão da Áustria pelos alemães, isto é, pela Alemanha nazista, eu acho realmente que eram de acentuar. O Freud foi expulso da Austria pela Alemanha nazista, os livros de Freud foram queimados em autos de fé. Tudo o que falava sobre psicanálise era destruído. As irmãs de Freud foram todas assassinadas, eu penso que este prólogo serve para explicar quais os motivos porque Freud sai da Áustria e vai para Inglaterra.

AB — Eu queria levantar aqui o seguinte problema: o Freud que se vende muito bem nos Estados Unidos e nas sociedades capitalistas desenvolvidas, vende-se mal em Portugal. Parece até, não o afirmo, que o facto de se ter posto em título «Freud, Princípio e o Fim» afasta um pouco as pessoas O que é que você Mendes Pedro tem a dizer sobre isto?

MP — Sôbre o facto de Freud se vender mal em Portugal, penso que nós estamos em relação aos países capitalistas mais desenvolvidos, num processo ainda anterior. Freud começa actualmente a divulgar-se bastante entre nós. Penso que actualmente o processo é crescente entre nós. Acerca do título «Freud, o Princípio e o Fim», eu gostaria que você explicasse porque é que o adoptou. Se é um desencantamento que vocês têm em relação ao próprio Freud, o que pretendem?

JR — **Não há nenhum desencantamento da nossa parte. De mim pessoalmente, ainda menos, até porque a minha mulher é especialista, porque traduziu um livro de divulgação sobre Freud, que se vendeu bastante. Portanto eu tomei conhecimento já há muito tempo com estes problemas. Não por instrução, digamos, mas por contacto. A explicação do titulo está na própria acção. Em dada altura, há um Deus de duas faces, Janus, e há até uma frase na peça que diz: «O Deus, tudo o que começa, o Deus, tudo o que acaba. O princípio e o Fim». Ele debate-se um pouco, refiro-me a Freud, entre a celebridade e o êxito, tudo o que ele também aprecia no fim e o rigor cientifico. E certo que ele está numa encruzilhada, em dado momento da sua vida e, parece que você sabe isso melhor do que eu. Realmente ele debate-se nessa encruzilhada. Ele escolhe, pelo menos nos primeiros momentos da sua vida, a investigação. Ele que poderia ser um médico célebre. A celebridade, seria fácil. Ele que pertence a uma raça perseguida na altura, com toda a gente contra os médicos judeus, ele apenas tem uma intenção: continuar as suas pesquisas. Vai entrar em terrenos desconhecidos, que são terríveis. Mais tarde é acusado de não**

A Super-Mãe

ter ido suficientemente longe. Os próprios discípulos o acusam de não ter ido mais além. Mas ele foi muito além. Portanto a explicação do Título «Freud, o Princípio e o Fim», é apenas essa encruzilhada dele. O Janus, Deus de duas faces. Aliás, ele tinha o culto das coisas antigas; das estatuetas. Aqui entra o meu gosto pelos signos. Tento sempre ver as personagens consoante os signos. O Freud nasceu em Máio, é portanto touro e é uma pessoa com o culto do passado; com um mundo interior muito grande, com um rigorismo e um positivismo ao mesmo tempo e que é próprio do signo. O Freud tem exactamente as características do seu signo.

MP — Está a fazer a psicanálise de Freud?

JR — **Estou um pouco a fazer isso, sim. Aliás, tenho a obrigação de o fazer. Quando um texto me é dado, eu tenho realmente de me pôr na situação da personagem: «O que é que eu faria nesta altura? Como é que eu reagiria?». Sei, por exemplo, que Freud tinha sempre o dedo mínimo levantado. Porquê? Nós costumamos dizer de um tipo que faz isto num salão que é um sujeito meio efeminado; o Freud é uma personalidade feminina. As mulheres de que ele se rodeia são mulheres-macho, másculas. As suas grandes amizades são masculinas. Ele é um bissexual. Isto agora já são coisas que eu, como actor, tenho que tentar perceber. Eu sei, por exemplo, que ele era uma pessoa muito delicada, explicando-se muito bem. Isso está na sua biografia, não é? Mas sei também que ele tinha acessos de fúria e eu, que conheço outras pessoas do signo do touro, sei que**

Continua na pag. oito

DL/SHOW

Continuação da pagina sete

funcionam dessa maneira. O Vasco Morgado é touro. Também um condutor de homens com as mesmas manias. Simplesmente tem um poder de encaixe fabuloso. A gente diz-lhe tudo na cara e ele só muito raramente perde o sangue-frio. São pessoas dotadas de um sangue-frio espantoso. São quase sangue de peixe, por isso dão grandes generais: Napoleões e essa gente toda, que conservam realmente nos momentos mais terríveis, uma calma assombrosa. O Vasco Morgado, com tudo a desabar à sua volta, podem dizer que aquele prédio de dez andares vai cair, ele diz que o prédio vai cair e depois de passar diz: «O prédio já caiu». Eu não sou capaz de fazer isso. É-me impossível!

MP — Se bem entendi, o que se pretende com esta peça não é pròriamente explicar ao público o que é a psicanálise, mas apresentar a personalidade de Freud, não é verdade?

AB — A peça é a ilustração em termos de teatro de um caso famoso, aliás dois que ele juntou num só. É o caso da Elisabeth V.R. e de uma outra paciente...

JR — **A psicanálise ainda não existia nesse momento...**

AB — Bom, então não existia. Nesse caso o espectador assiste teòricamente ao nascimento, à experimentação do que Freud faz através de uma paciente, às sucessivas descobertas que ele vai fazendo através das reacções de Elisabeth. Concretamente e em termos muito grosseiros, esta moça, Elisabeth V.R., teria tido uma paixão pelo marido da irmã, esta paixão ela não a quèria inclusivé confessar a si própria no sentido em que desejava a morte da irmã para poder apossar-se do cunhado. Substitui-la. Bom, isto ter-lhe-ia produzido um complexo de culpa. Então nós assistimos à descoberta deste complexo. A peça é isto. Agora e já que Jacinto Ramos fez a psicanálise de Freud, na sua visão pessoal, você, Mendes Pedro, o que acha das palavras de Jacinto Ramos sobre Freud?

MP — O Freud que eu conheço é o Freud cientista, não conheço o Freud pessoa. Ora, falar-me no signo do touro essas coisas, para mim, não têem interesse. Fazer uma psicanálise a Freud é uma coisa difícil, e portanto o que Jacinto disse, acho que não é psicanálise.

JR — **Não, não é psicanálise. É o homem que na verdade cria a psicanálise, portanto eu não posso desligar a parte científica do homem e é através de sua busca ao longo da vida que ele faz a teoria.**

MP — Mas é uma teoria científica, portanto é diferente...

JR — **Criada pelo homem...**

MP — De acordo, mas não é um homem que inventou uma ciência. Ele enquadra-se dentro de um pensamento, de um pensamento mais ou menos científico, de uma base mais ou menos científica ligada à fisiologia, ao positivismo como citou e é dentro desse espaço, ele que era um neurologiata que trabalhou com Brewer e outros, às tantas descobre a importância em relação ao Brewer do facto sexual como dinamizador da actividade, da personalidade e a partir daí ele desliga-se do Brewer que não aceita a importância que o Freud dá às questões sexuais, nem percebe bem o que é que o Freud quer dizer com isso e o Freud descobre a pouco e pouco a importância do inconsciente como elemento motor da actividade consciente. Isto é um processo científico que ele experimenta com múltiplas pessoas com quem trabalha, que observa clìnicamente e não pelo facto de ele ser touro.

AB — Levantou-se agora na França um problema. Você disse que a actividade do Freud deveria ser considerada uma ciência. Na peça, acho que é o próprio dr. Brewer que diz com frequência recusar-se a aceitar qualquer descoberta como uma solução, quer dizer, tudo era pura experimentação, estava-se avançando num terreno movediço e digamos, para empregar uma linguagem mais acessível, estava-se a entrar nos meandros da alma. E isto era um terreno onde o homem tinha dificuldade em entrar, era um terreno quase inacessível. Portanto até as portas que se estavam abrindo, poderiam ser puras ilusões. Puras ilusões e até ao fim da peça, creio, o que se quer deixar bem claro é que se trata de uma experimentação. Nada pode ser considerado definitivo. Passaram-se muitos anos e agora, em França, são colocados em causa todos os princípios do que poderíamos chamar a psicanálise. Por exemplo, um médico famoso, o dr. Medinet, cita concretamente o caso de um jovem camponês mexicano, que há uns anos atrás, garoto ainda, desceu da montanha onde vivia e foi pedir protecção às autoridades da cidade, porque tinha medo dos lobos. Quer dizer, ele estava convencido que a qualquer momento seria devorado pelos lobos. Bom, as autoridades mandaram-no para a escola e este moço mais tarde expulsou os franceses do México e tornou-se o primeiro presidente da República. Chamava-se Juarez. Se este caso fosse actual, moderno, o garoto seria considerado um desajustado e, provàvelmente, internado num asilo. Jamais chegaria a presidente da República. Em que pé estamos nós em relação a estes problemas?

MP — Até ao século XVIII, a loucura era integrada na sociedade como uma forma normal de vida, não era considerada uma doença. Os fisiologistas, os médicos no século XVIII, passaram a dizer que pessoas que funcionavam de certa maneira, eram loucas e que sofriam. A partir daí arranjaram-se hospitais e meteram-se lá essas pessoas. E hoje nós, as pessoas consideradas racionais, vivemos cá fora e as pessoas irracionais vivem lá dentro. Agora acerca do que me diz, de se pôr em causa a psicanálise, a psicanálise, sempre foi posta em causa, quer dizer, nomeadamente a psiquiatria foi sempre pondo em causa a psicanálise, porque esta pressupõe que o psíquico constitui o momento próprio e não o momento segundo de questões somáticas. Por exemplo nós podemos sofrer dos intestinos, ter uma úlcera por razões psíquicas e o processo da cura da úlcera não ser feito através de remédios, mas através da transformação da conduta da pessoa.

AB — Bom em princípio era o caso da Elisabeth V.R., porque o tal complexo de culpa lhe causou a paralisia dos membros inferiores. Ela foi curada, não por processos clínicos, mas por processos de tratamento psiquiátrico pelo dr. Freud. É isto que você quer dizer?

MP — Exactamente. A base de toda a psicanálise assenta na descoberta do inconsciente. O Freud com a descoberta do inconsciente, como sendo essencialmente dinâmico, fez uma teorização muito importante. Hoje toda a psiquiatria

MESA REDONDA

JACINTO RAMOS NO DIVÃ DE FREUD

é todas as ciências que de alguma maneira se dedicam ao homem, estão profundamente influenciadas por Freud. Podem não aceitá-lo, como disse. Há correntes na França e nos Estados Unidos que estão a pôr em causa o Freud, mas de qualquer maneira não é possível referir-se às questões do homem, sem mencionar o nome de Freud.

RL — Eu só queria saber até que ponto o Jacinto Ramos acredita na psicanálise?

JR — **Até que ponto acredito na psicanálise? Isso é uma pergunta que realmente me perturba. É que eu não sou contra a psicanálise, nem posso sequer ter posição num aspecto tão científico. Parece que sempre tem dado resultados bons. Para mim, na verdade, o Freud é um homem importantíssimo.**

MP — Qual foi o seu intuito, ao apresentar ao grande público português uma biografia de Freud?

JR — **Desculpe, eu parece-me que já respondi a essa pergunta. Não foi por ser uma biografia de Freud. Apesar da peça ter o seu quê de didáctico também, pois recordo-me que ainda não há muito tempo entrou um estudante universitário no meu camarim, dizendo que não sabia que Freud era judeu Portanto, para além dos aspectos didácticos que me interessam muito relativamente, o que me levou realmente a escolher a peça, foi considerá-la uma obra bem construida, que podia interessar o público e que tratava de assuntos sérios.**

MP — Acha que apresentar um caso destes é teatro? Eu vou tentar explicitar. Eu penso fundamentalmente que a lição da psicanálise é que a linguagem emana do inconsciente e portanto todo o teatro deveria estar ligado à psicanálise e não apenas esta peça em especial, porque se não arruma-se Freud numa prateleira e nesse caso não cairíamos num didactismo mas num academismo. Não acha?

JR — **Penso que o autor não quis fazer uma peça para apenas revelar os aspectos científicos. Acho que o Armindo Blanco até já se referiu a esse aspecto. O autor encontrou na vida de Freud, aspectos que lhe pareceram teatrais e que podiam dar uma peça com determinada força teatral. Acho que ele não pretendeu fazer didactismo nem academismo. Pretendeu apenas pôr um problema humano e revelando ao mesmo tempo o problema de um indivíduo que tenta resolver um problema científico.**

MP — Diga-me, como é possível fazer teatro sem ter lido Freud ou sem ou ter estudado.

JR — **E evidente que eu não posso funcionar como um cientista em relação a esses aspectos. Eu tenho que ser é apenas inteligente e compreendê-los. É evidente que qualquer peça põe os problemas que você acaba de citar. Qualquer personagem tem a sua psicologia, que eu tenho de entender e perceber. Você até já disse que eu estava a fazer a psicanálise de Freud, como fiz do Jorge, de «Virgínia Wolf», como fiz a psicanálise de outros personagens que tenho criado. Simplesmente não tenho que ser um erudito dos problemas.**

MP — Mas eu penso que o que você estava a fazer não era psicanálise. A meu ver, você fez uma projecção um pouco selvagem sobre as coisas e o que importava, atendendo à relação entre a linguagem e o inconsciente, era que não se trata de uma aprendizagem intelectual mas de uma aprendizagem que pode ser de alguma maneira didáctica para a própria pessoa. Eu não conheço o grupo da Comuna, mas eles, possìvelmente, o tipo de relações deles deve ter alguma coisa que ver com a psicoterapia de grupo. A questão que lhe ponho é se todo o actor teatral...

JR — **Desculpe, o senhor está realmente a confundir as coisas. O senhor, primeiro, não viu a peça do Freud e, depois, está-me a falar da Comuna. A Comuna é um grupo de pesquisa, eu estou a fazer outro tipo de teatro. Há revista, há muitos géneros de teatro. Não confundamos. Eu estou perfeitamente de acordo com o trabalho que está a fazer a Comuna, mas a Comuna é um grupo especial, que vive em comum, que pretende fazer pesquisas, que está a tentar realmente fazer esse trabalho. Não confundamos é o grande teatro, o teatro profissional, com o teatro de pesquisa, o teatro experimental, o teatro universitário ou o teatro de revista.**

MP — Eu não quis apresentar a Comuna como um paradigma. Eu não conheço inclusivé o próprio trabalho da Comuna. Eu imagino que os elementos do grupo tenham desenvolvido entre eles um tipo de relações que os leva a regressões, ao desenvolvimento de determinados mecanismos neles próprios, que a meu ver um actor deve assumir.

JR — **Eu não conheço a vida deles. A minha vida é uma vida de homem casado, com dois filhos, portanto a minha vida é uma vida diferente. Não sou bissexual nem homossexual. O tipo de vida dos outros não me interessa. Não sei o que é que os outros fazem. Eu só lhe estou a explicar que esse é um grupo especial com um teatro de pesquisa que eu não faço. Posso vir a fazê-lo a até admiro esse trabalho. Simplesmente eu neste momento não sei qual é a vida dos outros.**

NGS — Mendes Pedro, eu gostava de te fazer uma pergunta: quando tu falaste da necessidade de um actor de teatro, de toda a gente que se dedica ao teatro, levar em conta os problemas do incosnciente, revelados por Freud e disseste, mesmo, o que pensas que farão os elementos da Comuna, não achas que um teatro experimental que pretende chegar às pessoas através de uma linguagem específica deveria debruçar-se mais sobre o inconsciente **colectivo** de Jung do que sobre o inconsciente **individual** de Freud?

MP — Jung tem uma outra escola, mas eu não sei falar suficientemente sobre Jung.

AB — Você, Nuno, já viu a peça? Você Regina, já viu a peça? Eu gostaria que vocês, pode começar a Regina, explicassem porque, não foram ainda ver a peça.

RL — Não tive tempo.

AB — Bom, claro que pode ter tido problemas de ordem pessoal que a impediram. Mas suponhamos que você estivesse livre. Esta peça não lhe desperta interesse?

RL — Claro que sim. Dadas as polémicas, eu até tenho bastante interesse em a ver para formar a minha própria opinião.

AB — E, você Nuno?

NSG — Só não fui por não ter tido tempo.

RL — Há bocado o Jacinto Ramos falou, pareceu-me em termos de fé, dos signos e na sua influência na vida das pessoas. Eu gostava que dissesse qual o seu signo e em que medida é que ele terá determinado os seus caminhos tanto no teatro como na vida?

JR — **O meu signo é a balança. Evidentemente que a personalidade dos actores tem uma certa tendência para as coisas ocultas. Até porque nós temos a mania de acreditar em tudo. Somos uns crentes. Eu não sou religioso, todavia. Já não acredito em tudo, mas realmente na magia, nas forças mágicas da Natureza, eu acredito. Como acredito que um vinho velho pode ter influências da Lua, etc... De qualquer modo, nesta história dos signos, não sou perito, sou apenas um curioso. Temos, contudo na nossa classe, alguns «catedráticos», devo dizer-lhe. A Laura Alves nesse aspecto é espantosa. Mas realmente o signo da Balança deve ter uma grande importância na minha maneira de ser. Sou um tipo instável, á procura permanente das coisas.Uma peça apaixona-me até ao dia da estreia. Depois, entro na rotina e a rotina cansa-me imediatamente. Há portanto uma série de traços gerais no signo que correspondem exactamente ao meu temperamento.**

NGS — Disse que era um homem em procura constante. Creio que encena grupos amadores. Até que ponto, esses grupos amadores o compensam daquilo que talvez não possa fazer no teatro profissional?

JR — **Pois, nesse aspecto, não compensam muito, porque os grupos de empresa funcionam em condições especialíssimas. Chegam ao teatro cansados e este funciona para eles como uma evasão das suas tarefas diárias. Nós não podemos fazer grandes exigências. O trabalho em relação aos grupos de empresas é conquistá-los para as coisas de espirito. Eu vou dar-lhe um exemplo: Joaquim Benite no grupo de Campolide, onde tem universitários fez um bom trabalho, mas o mesmo, Benite dirige o grupo teatral de um Banco há um ano e ainda não apresentou uma peça. Um trabalho que eu tenho feito numa fábrica e que acho que tem um certo interesse: umas sessões de expressão oral e, digamos, corporal. Esse trabalho, para pessoas que trabalham numa fábrica e que não têm, durante as horas de trabalho, nenhuma possibilidade de comunicação, é, a meu ver, de uma utilidade muito grande. É, até, uma fábrica de tabaco e, portanto, os exercícios de respiração terão, mesmo, outra utilidade. Em suma: isso parece-me que é um dos trabalhos com mais utilidade que eu tenho feito.**

NGS — **Você referiu o grupo de Campolide. Que acha** do seu «D. Quixote»?

JR — **Não vi.**

NGS — E «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer», do mesmo grupo?

JR — **Achei que foi um espectáculo importante, como experiência, mas acho que não conta muito, porque se trata de um grupo que tem universitários, isto é: parece-me que o que eles conseguem não é muito significativo, porque não é comum a consciência que esse grupo tem.**

"A Comuna é um grupo de pesquisa. Eu estou a fazer outro tipo de teatro"

"A ARTE A GRANDE ARTE, É PARA TODOS, É PARA O GRANDE PÚBLICO"

NGS__ Até que ponto é que você considera que o Teatro Amador pode, de certo modo, fazer suprir a falta de educação teatral do grande publico?

JR__ **Não acho que tenha, realmente, uma grande importância, porque todos os meios de informação, todos os meios de comunicação estão na mão de forças que literalmente monopolizam o grande público. Mas é evidente que é um trabalho, a uma escala reduzida, muito importante. É o facho que se mantém. Um grupo aqui, outro ali. Mas não é normal ter-se a consciência que o grupo de Campolide tem. O que eu tenho constatado é que, e isto por experiência própria, a grande maioria dos grupos está mais interessada em concursos e prémios. Eu tenho insistido com eles para que não liguem muita importância a isso, mas... não consigo! Para eles isso é vital porque se deslocam do seu local de trabalho, porque fazem excursões, porque se juntam com outras pessoas, porque a atracção dos prémios pesa muito, E, depois, eu não posso falar de sociedades de recreio como foi a do Salitre, em tempos, como foi a Cossul. A de Campolide é excepção, por tudo o que eu disse atrás, mas, hoje, o que as sociedades de recreio querem é o jogo das cartas, e... acabou. Creio que hoje era práticamente impossível revelar, numa sociedade de recreio, encenadores e actores como aconteceu na Cossul (eu aqui sou suspeito...), onde apresentámos Redol, creio que pela segunda vez, onde começou o Romeu Correia, onde se fez Tchekov, onde se fez muita coisa. Havia uma secção cultural que funcionava paralelamente, uma biblioteca que era, na altura, orientada pelo José Manuel Tengarrinha e pelo Carlos Aboim Inglês. Havia uma série de gente que depois, por circunstâncias da vida, se foi afastando. Mas o que me parece importante dizer é que essas pessoas resolveram, um dia, aparecer na Cossul. Não foram pessoas da própria Cossul. E isso é, também, o que acontece em Campolide, onde há muitas pessoas que não são de Campolide e que só vão à colectividade por causa do teatro. Nenhum de nós sabia, na Cossul, de teatro, mas quisémos faze-lo porque só se jogavam as cartas. E, depois, sairam de lá uma série de actores, que para aí andam: os Solnados, os Varela Silvas, os José Vianas, eu, a Glicinia, sei lá! Tanta gente! Infelizmente, não são as pessoas das sociedades de recreio que se dedicam a esse trabalho, mas as que para lá vão propositadamente para fazer determinada coisa, neste caso o teatro. Não é que a coisa germine lá. E hoje menos do que dantes.**

NGS__ Creio, por outro lado, que é evidente que a coisa não pode germinar lá...

JR __ **Pois não. Nem têm sócios. Em Lisboa, claro, porque no Barreiro, em Almada, já há sociedades de recreio. Em Lisboa não. As sociedades de recreio de hoje são as das empresas, onde se faz a maior parte da vida das pessoas.**

NGS __ Em Lisboa as pessoas têm muito mais motivações no centro da cidade do que na colectividade de recreio do seu bairro. Creio que isso é muito importante para a inexistência (de certa maneira, bem entendido) de uma vida de sociedades de recreio. Ao passo que no Barreiro e em Almada já é diferente.

AB __ Entretanto eu queria fazer uma pergunta: no ano passado, você estreou a **Virgínia Woolf** no Monumental, mas começou a ensaiá-la no Laura Alves e quase tinha de estreá-la no Villaret. Você dizia há pouco que o Vasco Morgado tinha um espírito de aventureiro. Ora não seria melhor que se habituasse o público a um determinado tipo de espectáculos num determinado teatro? Você não acha que o seu trabalho funcionaria muito mais se você tivesse uma companhia estável? Mais: você não acha que esse gosto da aventura do Vasco, que faz com que no Laura Alves se represente «O Preço» e também «O Vison Voador» e, depois, «Freud, O Princípio e O Fim», podia ser contrariado se os actores lhe dessem outro tipo de assistência, ou tivessem outro tipo de participação na organização dos espectáculos teatrais, que, no momento, me parecem estar numa confusão tremenda, onde as coisas são produto de acaso, de inspirações eventuais? Você descobriu uma peça, de repente. Propõe-a. Mas não sabe o que vai fazer a seguir. Você disse que gostava de fazer uma peça do Prista Monteiro e outra do O'Neill. Mas, neste momento, você não sabe o que vai ser o seu amanhã. Que tem a dizer sobre isto?

JR __ **Bom: o teatro é do Vasco. A organização é dele. Eu penso que há um defeito grave na organização, mas nem sequer estou em posição crítica em relação ao Vasco. Há, por outro lado, uma coisa muito importante: eu não estou empregado todo o ano. Isso parece-me ser outro problema grave, não é? Acabei a «Virgínia Woolf» e fiquei desempregado. Entretanto o Vasco fechou o Laura Alves e, quando surgiu outra peça, abriu-o. É claro que isso vem confundir o público, porque não há uma linha definida de programas para cada um dos teatros e, como você disse e muito bem, isso desorienta o público, porque cada teatro deveria ter, de facto, o seu público. Mas não é aos actores que conpete resolver este problema. Até porque, companhias de Teatro declamado, o Vasco não tem porque não se aguentam. O Vasco faz uma tentativa com «As Quatro Estações», no Variedades, perde 700 contos: acabou! O Vasco faz «O Inimigo do Povo», perde não sei quantos contos e... acabou! Por exemplo: eu acho que a organização do Vasco Morgado está por demais centralizada. O papel dos actores? Pois imagine que me dão uma peça para eu dirigir, no Laura Alves. Ora eu tenho um contra-regra e um ponto, para além dos actores. Quando começam a surgir problemas de montagem, começam, também, os contactos com a direcção central, que está no Monumental. Isto, só por si, provoca uma dispersão de trabalho. Ora a empresa do Vasco não tem gente autónoma, tem gente, como ele próprio diz, que «ATIRA A CASTANHA QUENTE» para os outros, embora tenha alguns elementos válidos. Se precisamos de uma coisa, ela demora. Se precisamos de dinheiro, temos que estar à espera do visto do empresário. Isso provoca, como é evidente, uma dispersão, um atraso, que não permite desenvolver planos. Eu tinha, e ainda tenho guardado num «dossier», um plano completo, que fiz quando o Vasco me disse que íamos para o Laura Alves. Mas, com todas estas coisas, esse plano não se pôde concretizar. E tinha, inclusivamente, todas as peças já censuradas, não havendo, portanto, a possibilidade de haver um atraso por causa disso. Ora nada se concretizou, e assim não pode haver um trabalho seguro, metódico.**

RL __ Você falou há pouco das peças que gostava de fazer. Ora eu não conheço essas peças e, portanto, isso nada me diz em relação ao teatro que você pretende fazer. Era isso que eu gostava que você me explicasse.

JR __ **O meu objectivo é ter a assistir aos espectáculos o maior número possível de pessoas. Eu não quero trabalhar para elites. Eu quero é, se possível, levar bom teatro a grandes camadas de público e, aí, eu estou a concorrer com outras artes: com a televisão, com o cinema. Que têm muito mais facilidade de chamar o grande público.**

RL __ Mas parece-me que você disse, há pouco, que não estava muito interessado nem no público nem na crítica. Parece-me que há, aqui, uma contradição...

JR __ **Não é bem interessado. O que eu não tenho é que pensar no comprador, quando faço um papel ou dirijo uma peça. Quero, evidentemente, que haja o número possível de pessoas interessadas no, digamos assim, produto que eu vendo. Mas eu é que o tenho de criar, eu é que tenho que o inventar. E livre de todas as coacções.**

RL __ Mas querer levar o espectáculo ao maior número possível de pessoas já é uma coacção...

JR __ **Pelo contrário. É projectar a sua criação de maneira vasta. O Picasso faz isso. Fez isso sempre. O Dali também.**

RL __ Por exemplo: se você só escolhe peças que possam ser vistas pela maioria, você já está limitado...

JR __ **Estou limitado mas, a meu ver, no bom sentido, porque acho que a arte, a grande arte, é para o grande público. Beethoven é para toda a gente. Picasso é para toda a gente.**

MP __ Eu peço desculpa de voltar a um problema anterior, mas eu queria expressar uma visão psicanalítica do que pode ser a função social do teatro. Gostava que, depois, a criticasse. Na teorização do Freud existe o princípio do prazer e o princípio da realidade. Eu dir-lhe-ia que a função do teatro seria fazer com que o nivel do princípio do prazer, nas pessoas, se manifestasse, tendo em conta que esse princípio do prazer é sempre coarctado pelo princípio da realidade. Tratar-se-ia, portanto, de vencer isso de modo a permitir uma catarse. Para isso é necessário que os elementos que estão a fazer o teatro o produzam diante de outro grupo de pessoas. Ao produzir a libertação das suas pulsões os actores permitirão aos espectadores essa mesma libertação, essas catarses, de certa maneira. Ora, portanto e para concluir, o teatro não tem nada a ensinar, o teatro não devia ser didáctico. Nós não devemos fazer uma relação com os outros ao nivel da intelectualização, que é o que fazemos sempre, normalmente. O teatro deveria fazer, precisamente, o contrário: deveria criar espaço para que as pessoas se possam, de alguma maneira, libertar, manifestando a sua criatividade, a sua personalidade. Isso deveria ser o teatro. Eu propunha-lhe que criticasse isto.

JR __ **Parece-me que, se bem entendi o que disse, essa função é mais escolar do que do teatro, pròpriamente. Acho muito difícil conceber essa criação, num determinado espaço, no teatro. Acho mais fácil concebê-la, por exemplo, na música. Parece-me que os grupos de teatro que têm feito experiências desse género continuam a não ser importantes em relação às sociedades, embora o seu trabalho, em si, seja importante.**

MP __ Mas não me parece que o teatro didáctico consiga produzir, ou melhor, fazer acontecer a catarse.

JR __ **A catarse acontece, sim senhor. Aconteceu, por exemplo em «Quem tem medo de Virgínia Woolf».**

MP __ Parece-me que, se a linguagem é a expressão do inconsciente, deve-se deixar que ela seja, de facto, essa expressão do inconsciente. Não creio que sendo didáctico, o teatro consiga isso.

JR __ **Mas esta peça só é didáctica, de certo modo, pelas informações que dá.**

AB __ Parece-me que, quando a crítica atacou esta peça falando de didactismo, estava a referir um didactismo superficial. Ora parece-me que o Denker quis dar às pessoas um conhecimento de Freud, tendo em conta que a maioria delas não tem condições de ler um tratado científico. Contando, ainda, com o facto de Freud ser um nome que vende muito na América. Então ele pega num caso que seria exemplar, como é o da Elizabeth v.R. e tenta explicar a toda a gente como teria nascido a Psicanálise. O espectador, em princípio, é agarrado pela construção dinâmica de uma história, com os seus imprevistos, onde há, inclusivamente, um choque de arquétipos: a super-mãe, a super-esposa, o super-amigo, o super-cientista. Portanto, o espectador ter-se-ia divertido, pelo menos em teoria, e ainda, aproveitado, e aí está o didactismo, quer dizer. o espectador teria tomado conhecimento, na medida do possível, sobre o modo como nasceu a Psicanálise, e sobre o que Freud representaria no panorama científico.

MP __ Pois é isso que eu acho que o Teatro não deve fazer. Então eu pergunto porque não se faz a transplantação do dr. Barnard no teatro?

JR __ **Eu não sou autor teatral. Só posso responder pelas peças que escolho.**

MP __ Eu, como cidadão comum, espero de si, como homem do teatro isso que eu disse.

JR __ **Diga-me uma coisa: o que é que eu, como cidadão comum, posso esperar de si, como redactor do DIÁRIO DE LISBOA?**

MP __ Que seja jornalista...

JR __ **E que eu seja actor... É que, se você me quer pôr no desemprego e me pede que eu faça teatro experimental, de investigação, isso é já um outro aspecto.**

MP __ Mas, normalmente, as pessoas que têm valor passam por inúmeras dificuldades...

AB __ Bom: na minha opinião pessoal, parece-me que houve um certo retrocesso, na sua carreira, em relação à «Virgínia Woolf». Houve coisas que, nesta peça, me pareceram falhadas, como aquela parte em que os agentes nazistas simulam agredir o público. Na noite da estreia, essas falhas vieram muito ao de cima. Houve na noite da estreia dois ou três actores que estiveram a um nivel eminentemente amadorístico. Há, inclusivamente, uma superioridade muito flagrante, sua e da Lígia Teles, em relação ao resto dos actores. Neste meio, pequeno, discutimo-nos uns aos outros, destruímo-nos uns aos outros. Ora uma pessoa muito ligada ao meio teatral fez-me um retrato em que você era descrito como um actor que, nas companhias em que tinha a direcção, reservava para si a melhor parte do bolo, a parte de leão, e depois escolhia actores de inferior qualidade, para que o seu trabalho pudesse ressaltar mais.

JR __ **Diz-se tantas coisas das pessoas! Tudo o que eu posso dizer vai parecer imodéstia. Só que nós somos, real-**

Continua na página onze

EXCURSÕES CP

3 DIAS NO ALGARVE E CEIA FIM-DE-ANO EM LAGOS

* Partida da estação de Lisboa-T. Paço às 7.35 de 30/12 (sábado) e regresso em 1/1 às 23.40. Comboio (1.ª classe) e autocarro com guia-assistente.
* Durante os três dias, visitas a Albufeira, Armação de Pera, Silves, Portimão, Prala da Rocha, Torralta, Lagos, Sagres, etc.
* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa em HOTEL DE 1.ª CLASSE EM LAGOS.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.150$00	Coimbra	1.290$00
Setúbal	1.130$00	Santarém	1.200$00
Avelro	1.330$00	Tomar	1.240$00

3 DIAS NO MINHO E CEIA FIM-DE-ANO EM OFIR

* Partida de Lisboa-St.ª Apolónia às 8.45 de 30/12 (sábado), com almoço no combolo, e regresso em 1/1 às 23.05. Visita ao Minho em autocarro com guia-assistente.
* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa num grande HOTEL DE OFIR, de 4 estrelas.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.290$00	Coimbra	1.200$00
Setúbal	1.270$00	Santarém	1.260$00
Évora	1.400$00	Tomar	1.240$00

FIM-DE-ANO EM MADRID

* Partida no «Lusitânia-Expresso» de 29/12 e regresso em 1/1 (Ter ou Lusitânia-Expresso).
* Transferência estação/Hotel e vice-versa, e assistência em Madrid.
* Excursão «Madrid-Artístico» em 31/12 — visita ao Palácio do Oriente e Museu do Prado, com guia.
* Alojamento e pensão completa em Hotel de 3 estrelas, central (junto à Gran Via).

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.390$00	Coimbra	1.390$00
Setúbal	1.410$00	Santarém	1.360$00
Évora/Beja	1.500$00	Tomar	1.340$00

Temos ainda outras viagens organizadas a Paris, Londres, etc.

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Lisboa-Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa
Organização Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Decididamente «GODFATHER» e um dos maiores êxitos do disco deste ano, tal como o filme do mesmo nome o deve ser, no tocante às receitas de bilheteira. Enfim, que outra coisa se poderia esperar do sr. Andy Williams?

Demis Roussos continua no segundo posto. «Eles la sabem porque»... Ai, Cat Stevens e Roberta Flack! Em que companhia voces estão!

1	«Godfather» (2) Andy Williams	6	«Fado, Fadinho» (—) Raul Solnado
2	«My Reason» (1) Demis Roussos	7	«Desiderata» (6) Rui de Carvalho
3	«Fale Baixinho» (10) Wanderley Cardoso	8	«Trinitá» (—) Anniballe
4	«Um Violino no Telhado» (—)	9	«Catch Bull At Four» (5) Cat Stevens
5	«School's Out» (—) Alice Cooper	10	«The First Time Ever I Saw Your Face» (—) Roberta Flack

No estrangeiro

Chuck Berry surge no topo dos «dez mais» da Grã Bertanha no meio de uma onda de controvérsia, quando moralistas atacam a letra sugestiva do seu disco de grande êxito «My Ding - A - Ling».

Contudo, apesar disso, esse acetato é esta semana o que ocupa o primeiro lugar em Londres.

O sucesso de Berry com o seu disco culminou um renascimento firme estes artistas veteranos do «Rock And Roll», que se tornaram pela primeira vez famosos nos anos 50, embora o seu acetato esteja mais dentro da linha da canção folclórica de uma comunidade do que com o «rock».

Entretanto, um disco de Paul McCartney, que acaba de ser editado, foi proíbido pela BBC por causa da sua letra «sugestiva». O acetato, o segundo do conjunto de Paul, os «Wings», tem o título «Hi, Hi, Hi» e é também o segundo a ser proibido este ano pela BBC, pertencente ao governo. «Give Ireland Back To The Irish» teve uma sorte semelhante por causa do discutido conteúdo político da sua letra.

Aparecem esta semana dois novos discos, talvez destinados a grandes cometimentos, na tabela britânica. «Slade» e «Gudbuy t'Jane» surgem em sexto lugar e em sétimo encontra-se «What Made Milwaukee Famous», de Rod Stewart. Rod canta, também, «Angel», uma das faixas de maior êxito do seu último LP no outro lado desse disco.

Em Nova Yorque, o cantor/letrista Lobo ocupou a posição cimeira com «I'd Love You To Want Me», enquanto os «Spinners» e «I'll Be Around» desceram para o sétimo lugar.

O cantor britânico Gilbert O'Sullivan aparece na tabela dos Estados Unidos com «Clair», disco candidato ao primeiro lugar.

A seguir, os «Top Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parentesis:

LONDRES

1 (2) My Ding - A - Ling: Chuck Berry
2 (3) Crazy Horses: Osmonds
3 (5) Crocidile Rock: Elton John
4 (4) Why: Donny Osmond
5 (1) Clair: Gilbert O'Sullivan
6 (__). Gudbuy T' Jane: Slade
7 (__). What Made Milwaukee Famous/Angel: Rod Stewart
8 (.6) Leader Of The Pack: Shangri-Las
9 (.2). I' M Stone In Love With You: Jack Stylistics
10(__). Lookin' Through The Window: Jackson Five

NOVA YORK

1 (.2). I' D Love You To Want Me: Lobo
2 (.4). If You Don' T Know Me By Now: Harold Melvin And Blue Notes
3 (.6). Papa Was a Rolling Stone: Temptations
4 (.5). I Am Woman: Helen Reddy
5 (.8). You Ought To Be With Me: Al Green
6 (.7). Summer Breeze: Seals And Crofts
7 (.1). I' LL Be Around: Spinners
8 (.3). I Can See Clearly Now: Johnny Nash
9 (__). Clair: Gilbert O' Sullivan
10(__). Me And Mrs. Jones: Billy Paul

HONG-KONG

1 (.1). Wig Wam Bam: Sweet
2 (.2). WChildren: T. Rex
3 (.3). Eine Neue Liebe (A New Love): Juergen Marcus
4 (__). School'S Out: Alice Cooper
5 (.4). Popcorn: Hot Butter
6 (.8). Bottoms Up: Middle Of The Road
7 (.9). México: Les Humphries Singers
8 (.5). Sechs Uhr Frueh (Six In The Morning): Christian Anders
9 (10). Silver Machine: Hawkwind
10(.7). Hallo-A: Mouth And Macneal.

BONA

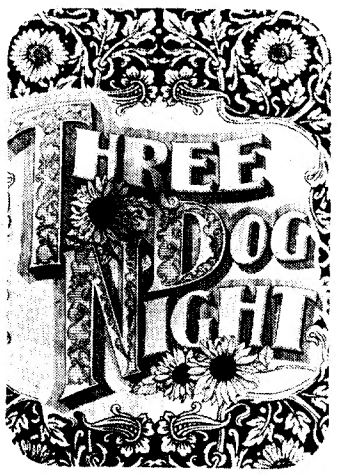
1 (.1). Nights In White Satin: The Moody Blues
2 (.6). Rock Me Baby: David Cassidy
3 (.2). Ben: Michael Jackon
4 (.3). I Believe In Music: Gallery
5 (.1). Space Man: Nilsson
6 (.4). Run To Me: Bee Gees
7 (.5). You Wear It Weel: Rod Stewart
8 (.7). If I Could Reach You: Fifth Dimension
9 (.9). Burning Love: Elvis Presley
10(__). Clair: Gilbert O' Sullivan.

AMSTERDÃO

1 (.1). Ich Habe Die Liebe Jeseen: Vicky Leandros
2 (.3). I Think I Love You: Partridge Family
3 (.6). There Has Been A Time: The Cats
4 (.2). You're A Lady: Peter Skellern
5 (.4). Clair: Gilbert O' Sullivan
6 (.9). Auntie: Various Artists
7 (.8). Uberall Auf Der Welt: Freddy Brack
8 (.7). You-Kou-La-Le-Loupi: Mouth And Macneal
9 (.5). I Put A Spell On You: Creedence Clearwater Revival
10 (-) Garden Party: Rick Nelson

Crítica de Discos

SETE LOUCOS PARA UM DISCO



TÍTULO: Seven Separate Fools
INTÉRPRETES: Three Dog Night
ARRANJOS: Three Dog Night e Richar Podolor
PRODUÇÃO: Richard Podolor
MÚSICOS EXTRA: Patrick Sullivan (violoncelo). Gary Itri (guitarra acústica) e Richard Podolor (guitarra)
REFERÊNCIA: SPTC I (1 E066. 93322)
DISTRIBUIÇÃO: Valentim de Carvalho

Há uma evolução nítida nos «Three Dog Night». Atendendo à sua produção anterior, «Seven Separate Folls» será um disco maduro. Mais amadurecido, se quiserem. De notar a uniformidade do trabalho (não confundir com monotonia) e a cuidada harmonização de vozes de quase todos os trechos, feita sem exageros de qualquer espécie, nos momentos certos, embora sem grandes rasgos. Digamos que se trata de um disco positivo, mas que não nos traz nada de novo.

Não será, portanto, um grande disco mas, e apenas, um disco positivo, por tudo o que se deixa dito no parágrafo acima. No qual há, por exemplo, «My Old Kentucky Home», 2.ª faixa do lado «A», uma canção muito bem construída; no qual constatamos (e, de certo modo, aprendemos) como se pode «recuperar» uma melodia banal com um tratamento adequado de vozes e de arranjo; no qual «Freedom for the Stallion» é das composições mais conseguidas.

Por falar do que aprendemos: um disco é para se ouvir. Sem dúvida. Mas se se acha importante o que é para ouvir, deve-se cuidar de tornar atraente para os olhos o produto que se apresenta. Dirão que o importante é o conteúdo, não o continente.

De acordo mas, desde que um disco não valha únicamente pela embalagem, agrada-nos ver essas embalagens bem tratadas. «Seven Separate Fools» é um disco interessante com uma óptima embalagem:

Nuno Gomes dos Santos

Viagens MERCURY Turismo
"VENDE"
TODOS OS CRUZEIROS
TODAS AS VIAGENS
EM
TODOS OS TRANSPORTES
DE
TODAS AS COMPANHIAS
PARA
TODOS OS DESTINOS

MADRID 1.750$00
ANGOLA 11.000$00
LONDRES 2.280$00
NEW YORK 8.200$00
AFRICA DO SUL 15.850$00
FERIAS NA NEVE 4.995$00

TRABALHA PARA SI...
Viagens MERCURY Turismo
FRANÇA PORTUGAL
AV. DA LIBERDADE 163 LISBOA
TELEFONE 561081
FILIAIS EM TODO O PAIS

Informações e Reservas:
LISBOA — Avenida da Liberdade, 163 — Telefone 561081
SANTARÉM — Avenida do Brasil, 1 — Telefone 22323
PONTE DA BARCA — Praça do Município — Telefone 42178

JACINTO RAMOS

Continuação da pagina nove

mente, antropófagos. Mas acho que a sua crítica é pertinente. De facto, no dia da estreia, aconteceu isso que você disse, mas foi um dia só. Agora já não está como estava. Mas, como dizia o Carlos Queiroz, tudo isto é pequeno como a torre de Belém, isto é tudo pequenino. E nós não temos naipes suficientes de actores. Quanto à parte de leão: você viu a «Virgínia Woolf»? Eu tinha, aí, um bom papel, mas não era a parte de leão. A minha parte de leão foi de tal ordem que houve três prémios: um da Imprensa, outro do SNI e ainda outro do SNI. Dois prémios foram para a actriz que tinha a parte brilhante e que toda a gente diz e toda a gente sabe que quem a ensaiou, quem a dirigiu fui eu e até que ela seria uma «marionnette» minha. A outra pessoa era uma pessoa que ninguém queria acreditar que fosse director de um espectáculo: o João Vieira. A parte de leão que eu tenho não é parte nenhuma: é a parte apenas de uma pessoa que quer fazer um espectáculo de categoria. Quando eu fiz espectáculos independentes, montei «O Porteiro», de Pinter. Ainda há dias a senhora D. Amélia Rey Colaço declarou, na televisão, que tinha revelado Pinter em Portugal. Eu não ouvi, mas ouviu o Sttau Monteiro, que é vosso colaborador, e não foi o único. Pois eu posso dizer-lhe que fui eu, com o Sttau Monteiro, que revelámos Pinter em Portugal em 1963. Na Guilherme Conssul. E entre os assistentes, que quase não bateram palmas estavam, exactamente, a sr.ª D. Amélia Rey Colaço e sua filha. Passados uns anos a sr.ª D. Amélia revela Pinter em Portugal, não é verdade? Pois quando ela fez o «Feliz Aniversário» no Capitólio esgotávamos nós a sala do Tivoli com «O Porteiro». E o Capitólio estava às moscas. Depois, o Jacinto Ramos faz, realmente, as partes de leão: tinha aquela peça e pensou, quatro anos antes, que era um grande papel para o Augusto de Figueiredo. E foi buscar o Augusto de Figueiredo, que estava totalmente desprestigiado na Estufa Fria. Foi o reaparecimento do Augusto de Figueiredo como grande actor e os prémios do SNI desse ano foram parar «ex-aequo», ao sr. Augusto de Figueiredo e ao sr. Jacinto Ramos, dividindo, ainda por cima, os dez contos ao meio e, depois, é que deram um boneco a cada um. Isto é para lhe dizer qual a parte de leão que o Jacinto Ramos toma dessas coisas. E muitos mais exemplos. Digo-lhe mais: o Jacinto Ramos está farto de ser convidado para ser a vedeta única do espectáculo, sempre se recusou, e quer lá os nomes das pessoas todas do mesmo tamanho. Quando iam ser anunciados os prémios do SNI deste ano, estavam os meus actores todos à minha espera no teatro, com ar irónico: SIM SENHOR! AGORA ESTAMOS À ESPERA DE RECEBERMOS NÓS OS PRÉMIOS; COMO É COSTUME!»

RL — Você não achou justa a distribuição de prémios no caso de «QuemTem Medo de Virgínia Woolf?»?

JR — **Achei justíssima. O João Vieira era o encenador oficial. Ainda que tenha declarado numa entrevista que a um mês e meio da estreia se foi embora para deixar os actores sózinhos, entregues a si próprios, para só voltar três dias antes de começar o espectáculo. O João Vieira, que veio para o Teatro pela minha mão em 1963. Que é meu amigo e eu continuo a ser amigo dele. A pessoa a quem foi confiada a direcção de «Quem tem medo de Vigínia Woolf» A um mês e meio da estreia ele abandonou os trabalhos, deixando-nos a nós, quatro actores, sózinhos, a discutir, a rever marcações, a ensaiar tudo de princípio. Voltou, apenas, três ou quatro dias antes da estreia, para ver como tinha resultado o nosso trabalho.**

NGS — Não faria isso parte dos planos de João Vieira? Ou seja: eu não sei o que tinha ele feito antes e, por isso, lhe perguntei: acha essa atitude condenável?

JR — **Não fazia parte de plano nenhum. Foi só um ataque de mau humor do João Vieira, porque os ensaios, em dada altura, iam bastante mal. Eu tive, por exemplo, de ter uma conversa com a Glória de Matos depois da qual a médica lhe recomendou uma cura de sono. Por aqui se pode fazer uma ideia das coisas que havia a limpar.**

AB — Eu há bocado não completei o que queria dizer. Ora a peça que está no Laura Alves não ofende, segundo creio, a inteligência de ninguém. Eu não tenho nada contra um tipo de teatro que desempenha a função que essa peça desempenha. Ou seja: eu aceito as premissas do autor: divertir as pessoas e dar-lhes algumas informações. Se alguém me perguntar se vale a pena ver a peça, eu direi que sim. Tem, até, como no seu caso e no da Lígia Teles, excelente trabalho de actores. Só que me parece que a peça não é nenhum passo à frente, no plano teatral. Podia ser, perfeitamente, uma peça de 1950. A minha pergunta pode ser antecedida de um exemplo: o Glauber Rocha fez uma fita chamada «Terra em Transe». É uma obra aberta, embora estejam ali os dados fundamentais para você entender uma determinada realidade do terceiro mundo. Uma noite o Glauber Rocha ficou à porta do cinema perguntando às pessoas o que tinham achado da fita. E um sujeito com ar de quem não tinha bases culturais respondeu-lhe: **«No género de ficção científica, já vi melhor»**. O Glauber achou isto genial, porque justamente não tinha querido fazer um filme «fechado», óbvio. Bom. Nesta peça o que há de desinteressante é que ela nos apresenta uma realidade acabada. Eu não tenho que fazer nenhum espécie de interpretação da peça. Você não acha que seria função do Teatro, mesmo do comercial, ir além desse estágio, em 1972? Ultrapassar a situação de dar recados que não estimulam a reflexão?

JR — **É evidente, mas eu já lhe referi uma série de dificuldades grandes em relação ao Teatro que nós podemos, realmente, fazer. Eu, neste momento e para continuar a carreira da companhia, terei, por imposição, de virar para a comédia, talvez «A Família Pouco Família», que faz sucesso no Brasil, «A Rapariga Caída na Sopa». Veja bem qual a situação em que estamos, a menos de meio da temporada: uma tremenda perturbação.**

AB — Mas eu dou-lhe o exemplo do «Tartufo» que, em princípio, só poderia ser apresentada em tardes culturais e que o Marsillach virou por completo. O que permitiu a um público contemporâneo interessar-se pela peça, como se fosse uma peça escrita agora. Este trabalho de recriação, que não existe na peça do Laura Alves, não poderia ter sido feito? Não se poderia pegar neste trabalho e dar-lhe uma encenação que o tornasse mais vivo, mais interessante para as pessoas de 1972? Porque, por alguma razão, a peça não é um sucesso.

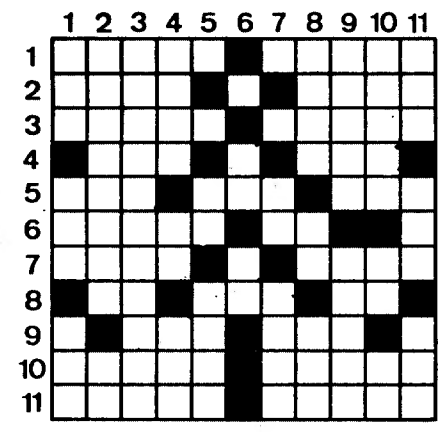
JR — **Com isso é que eu não estou de acordo. Eu acho que a peça acabará por ser um sucesso: pelas reacções do público e pela prática que eu já tenho de sentir o público, eu acho que a peça já está a ser um sucesso. Esta opinião, aliás, é partilhada por inúmeras pessoas que têm ido ver a peça. Todas as críticas que você faz são relativas à estreia, mas um espectáculo modifica-se, a partir da estreia. Eu concordo plenamente com os reparos que foram feitos ao trabalho da estreia, mas... acontece! A estreia é a arena, é o primeiro dia. Hoje há, realmente, um todo homogéneo, o que não aconteceu na estreia.**

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10270

HORIZONTAIS:

1 Sinal. Tomba.
2 O mesmo que porco. Artigo definido. Grande afeição.
3 Mete em mala. Tramara.
4 Governanta. Tempo do verbo ser. Mitologia.
5 Nome de mulher. Nome de homem. Catedrais.
6 Robusto. Em partes iguais.
7 Jarro (planta). Conforme.
8 Preposição latina que designa movimento. Um cento. Estrépito de desmoronamento.
9 Artigo definido. Falda. Nome de mulher.
10 Encaras. Agitava.
11 Prendera. Guarnecera de asas.



VERTICAIS:

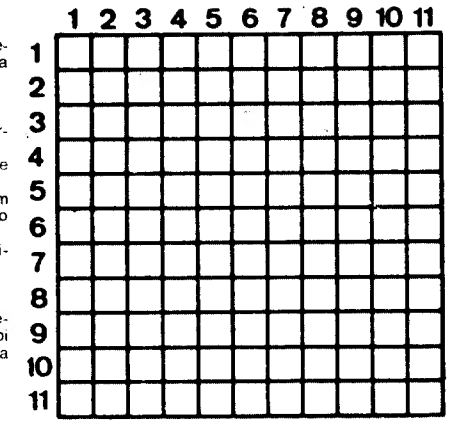
1 O mesmo que três. Azafama. Gosta muito de.
2 Aquela que rema. Item.
3 Andara com camaradas.
4 Visco. Porco. Botequim.
5 Ilha francesa do oceano Atlântico. Bens.
6 Pronome pessoal. Pata.
7 Tempo do verbo ir. Suga o leite materno.
8 Irmão de Abel. Antes de Cristo. Pronome pessoal.
9 Gostais muito de. Rezava.
10 Acabamento. Mulo. Caminhar.
11 Pedra de altar. Fecho as asas para descer mais depressa. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! oh!

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6426

HORIZONTAIS:

1 Pessoa importuna (fig). Freguesia do concelho de Vila do Conde.
2 Verbais. Estimara.
3 Torna ditoso. Restituir.
4 Terror. O mesmo que alburno.
5 Em a. Eia! Abreviatura que se usa em música.
6 Cálcio (s.q). Ilha também chamada Cândia. Artigo definido (ant) Cidade de Espanha. Abaixei.
7 Lodo. Estimem.
8 Rezo.
9 Salas onde se lecciona. Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Corday.
10 Furioso. Tontaria.



VERTICAIS:

1 Triturem. Pisai.
2 Dispunha. Cidade da antiga Caldeia.
3 Abalada. Cidade da antiga Caldeia.
3 Abalada. Sacrificio.
4 Menciono um texto, facto, opinião, como exemplo ou autoridade. Luminosas.
5 Pegadeira. Estava. Sufixo que designa abundância.
6 Liga.
7 Grande quantidade. Fruto da ateira. Gosta muito de.
8 Desejes. Antiga medida espanhola de comprimento, que correspondia a cerca de dois metros. Alteza Real.
9 Habitante da Lapónia. Poisa no mar (o avião)
») Instrumento musical. Antigo Testamento.
11 Ilha do Pequeno Belt. Marco.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10269

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Pi. ANTES. Te.	1 Pó. PARECER.
2 Cão. Mil.	2 Va. Amoras.
3 Vis. Mea.	3 Ciro. Arosa.
4 Par. SER. Osa.	4 Aas. Rs.
5 Olé. Era.	5 No. Serra. Ba.
6 Ra. Arrás. Mr.	6 Te. Re. Do.
7 Ema. Rei. QUE.	7 Em. Reais. Ma.
8 Corra. Sauna.	8 Sim. Rs. Al.
9 Eros. Leis.	9 Leoa. Quedo.
10 Rãs. Bom. Das.	10 As. Muniam.
11 Saba. Arome.	11 Em. Arreasse

PROVÉRBIO: Antes ser que parecer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6425

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Fanas. Pinha.	1 Fama. Mascas.
2 Apara. Araós.	2 Apara. Moiro.
3 Março. Sam.	3 Narrar. Cais.
4 Arrã. Soas.	4 Arca. Ecos.
5 Aa. Aia. Ru.	5 São. Asas. Ca.
6 Resolve.	6 Tios. Dá.
7 Am. Casei. Cp.	7 Pás. Além. Sa.
8 Socos. Matas.	8 Irás. Vias.
9 Cias. Saco.	9 Namore. Tatá.
10 Ari. Cãs. Tal.	10iHó. Au. Caçar.
11 Sósia. Avara.	11 Asas. Ípsola.

Crítica de música

AS ENCOMENDAS E O COMPOSITOR

O Gabinete de Estudos Musicais da Emissora Nacional encomendou a Joly Braga Santos uma obra camoniana para assinalar as comemorações do centenário de «Os Lusíadas». Têm sido frequentes as solicitações deste tipo a Joly Braga Santos, vindas quer daquele organismo, quer de outros (v.g. da Presidência do Conselho por ocasião do 40.º aniversário dos acontecimentos de 28 de Maio; da Fundação Gulbenkian, por ocasião das comemorações de Gil Vicente). Aparentemente, o compositor beneficiaria, com isto, de boas condições para uma plena realização artística e profissional. Mas convém não ignorar que, vindo do exterior e a prazo (mais ou menos fixo consoante o destino da obra ou a premência económica da entrega), o estímulo para criar pode ter sido também condicionado a ponto de Joly Braga Santos não deixar amadurecer os seus projectos, não meditar a sua própria trajectória criadora. A consagração oficial é uma arma de dois gumes: pode transformar em conveniência de circunstância o que só deveria ser motivado por **necessidade** profundamente sentida de fazer música.

E depois, nas suas relações com a esfera oficial, Joly Braga Santos não adopta o mesmo tipo de atitude, por exemplo, de um Berlioz. Este bajulava Napoleão III («**trocava o povo francês por Napoleão II**», no dizer do seu contemporâneo Stassov, precursor da crítica materialista, mas grande admirador do autor da Sinfonia Fantástica), sem que ao mesmo tempo deixasse de levar por diante um determinado programa de luta, no terreno artístico. Ao atacar furiosamente e incessantemente os vícios de mentalidade vigentes no domínio do ensino, da produção e da fruição da música, Berlioz colocava-se no seu campo — no campo que ele melhor conhecia, que não era o da política — numa posição de antagonismo radical.

A sua **Sexta Sinfonia**, que ouvimos na interpretação do soprano Elsa Saque, do Coro do Teatro de S. Carlos e da Orquestra da Emissora Nacional, sob a direcção de Álvaro Cassuto, é, na sua forma desequilibrada e arbitrária, produto da necessidade de corresponder dentro do prazo a uma encomenda. Não nos custaria a crer que Joly Braga Santos já tivesse esboçado há muitos anos a parte cantada da sinfonia, sobre líricas de Camões, porventura até com o intuito de abordar a forma do **lied**, tendo-lhes juntado agora uma longa introdução sinfónica, cujo clima nada tem que ver com elas. Depois dessa introdução atonal, na uma atmosfera n tidamente tonal, com, inuma atmosfera n tidamente tonal, com influência renascentista e uma linguagem harmónica assimiladas por via de Luís de Freitas Branco, atmosfera que sem dúvida corresponde ao estilo típico da sua fase anterior (a que pertencem as quatro primeiras sinfonias).

Não pretendemos que Joly Braga Santos esteja sempre atento ao último comboio. Mas temos o direito de exigir do seu ofício e do seu talento obras concebidas com pés e cabeça, para além de toda e qualquer discussão estética. Alienar o seu ofício e o seu talento — ou, talvez mais, a sua sinceridade criadora — para corresponder a encomendas, isso é a própria negação da arte.

Supomos que Joly Braga Santos tem consciência de que algo não narcha bem neste aspecto. A música opressiva da sua Quinta Sinfonia (revelando opções estéticas que terminantemente rejeitamos, mas onde reconhecemos o ofício e o talento de que falávamos) e a música igualmente opressiva da introdução da Sexta Sinfonia não traduziram afinal o drama da **condescendência**, que o leva a desistir dos seus mais puros e sinceros intentos?

E se Joly Braga Santos durante os próximos dois ou três anos recusasse toda e qualquer encomendareflectisse maduramente sobre a sua **maneira de estar** e a sua **maneira de pensar a música?**

Entretanto, na primeira parte, ouviu-se o concerto de violino de Mendelssohn, primorosamente tocado pela jovem Miriam Fried e a abertura **Carnaval Romano** de Berlioz. Álvaro Cassuto, na estante de direcção, deve ter feito o ponto dos seus erros da temporada anterior, iniciando uma nova fase da sua carreira sem grandes alardes mas com segurança.

O Carnaval Romano foi muito bem realizado. No concerto de Mendelssohn assegurou eficazmente a ligação com a solista e continuou a manter a orquestra dentro duma linha interpretativa adequada. Quanto à sinfonia de J. Braga Santos, dada em primeira e talvez única audição, tudo leva a crer que fez um trabalho em profundidade, dando-nos uma versão sólida e fiel da obra.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

CINEMA

Liza Minelli é a filha mais velha de Judy Garland e do realizador Vincente Minelli. Mais do que isso, ela é a herdeira do talento e do charme da sua mãe, de quem copia também o hábito das declarações contundentes e da vida desregrada. Depois do sucesso mundial de «Cabaret, Adeus Berlim», onde ela aparece como uma cantora em busca do estrelato, Liza passou a adoptar os tiques e maneirismos do personagem. Ou, por outras palavras, ela vive segundo as regras da «divina decadência», a moda que surgiu com o filme e que ameaça transformar-se num modo de vida dos nossos tempos.

Liza

Liza e Dezi Armaz Jv. juntos enquanto houver vontade.

a vida é um palco iluminado

Depois de ver **O Mágico de Oz** alguém consegue **não** gostar de Judy Garland? Nos anos 30, se esta pergunta fôsse colocada aos espectadores, a resposta seria, òbviamente, negativa. Em 1972, se substituirmos aquele filme por **Cabaret, Adeus Berlim** e o nome de Judy Garland pelo de Liza Minelli, a pergunta pode ser repetida com idêntico resultado. Depois de ver o filme, é difícil, quase mesmo impossível, alguém não gostar desta filha de Judy Garland e do realizador Vincent Minelli. Ela, como a sua mãe, tem a força e a personalidade de uma estrela e, ao viver a figura de Sally Bowles, transmite ao espectador a impressão de ser ela mesma, e não a personagem, quem está ali.

Liza é uma completa **one show woman**. É cantora, bailarina e actriz. E, o que é importante, é igual a si mesma em casa, num **night club**, num palco, num estúdio de cinema ou de televisão. Pelo menos é isso o que dizem aqueles que a conhecem. E esta é também a ideia que ela nos dá de si própria, através das suas declarações à imprensa.

Por exemplo, quando, ainda recentemente, foi acusada por Lucille Ball, a mãe do seu noivo, Desi Arnaz Jr., de estar **desviando** o rapaz das suas principais ocupações (estudos e uma possível carreira artística), a sua resposta foi a mesma que daria Sally Bowles, se estivesse numa situação idêntica:

— **Ele fica comigo porque quer e o tempo que quiser. A vida é dele. Quanto a mim, estarei com ele enquanto isso me apetecer. Ninguém tem o direito de interferir na vida de ninguém.**
Busco o estrelato.

É evidente que a crueza destas palavras pode chocar as pessoas. Mas, ninguém poderá duvidar da sinceridade com que elas foram pronunciadas, pois Liza outra coisa não tem feito senão perseguir, com garra, o estrelato agora conseguido.

Nascida em Los Angeles no dia 10 de Março de 1946, aos 19 anos ela debutava na Broadway, na peça **Flora, the Red Menace**, e, em breve, ganhava o prémio Tony. Lançada no mundo dos espectáculos, a sua carreira prosseguiu nos **night clubs** da moda, onde as suas actuações mereceram sempre uma boa apreciação crítica. Mais tarde, convidada para o filme **The Sterile Cuckoo**, recebeu uma citação da Academia de Artes e Ciências de Hollywood. Pouco depois era consagrada no mundo inteiro por sua interpretação em **Cabaret, Adeus Berlim**, onde se transformou em «Sally Bowles», uma personagem que a própria Liza define como «uma cantora que não pretende ser boa ou má, mas que deseja sòmente ser uma estrela».

Comparando as suas declarações e passando os olhos pela sua vida, ficamos a saber que Liza tem com Sally esse desejo comum: o que ela quer é o estrelato. Ou seja: Liza, como a sua personagem, é uma criatura para além do bem e do mal, que chora e ri, canta e dança, sem jamais deixar transparecer que faz cada uma dessas coisas para valorizar a si mesma em detrimento dos outros; faz porque gosta de fazer, ou porque não tem noção do inferno que, pouco a pouco, se abate sobre o palco iluminado do Ocidente em decadência.

— **Uma divina decadência** — como ela própria constantemente afirma.

w. d.

A DIVINA DECADÊNCIA

Título: **CABARET; ADEUS BERLIM** (Carabet)
Realização: Bob Fosse, 1972 (EUA-Alemanha Oc.)
Intérpretes: Liza Minnelli, Michael York, Helmul Griem, Joel Grey, Fritz Wepper, etc..
Distribuição: Filmes Castello Lopes (Fox)
Estreia: Cinema Londres (20.11.1972)

Com **Cabaret** estamos na presença de um dos mais importantes filmes musicais dos últimos anos. Com Bob Fosse encontramo-nos perante um dos autores mais radicalmente renovadores de um **género.** Com Liza Minnelli, o melhor será falar de regresso das «**stars**». Depois, haverá ainda que não esquecer o nome de Joel Grey, o **entertainer**, figura que abre e fecha o filme e sobre a qual recai muito dos seu próprio significado.

Cabaret, Berlim, fins dos anos loucos de 20. A lição correcta de como foi possível a ascensão do nacional-socialismo. Uma época de crise, uma época de inconsciência, uma época de loucura. Com o fascínio que tal caos pressupõe, com a repulsa que a posterior reacção justificaria.

No palco, Liza Minnelli (filha de Vincent Minnelli e de Judy Garland) tenta desenhar a silhueta do **Anjo Azul,** enquanto Joel Grey cacareja a importância e o total aviltamento do professor Unrat. Marléne e Emil Jannings estão constantemente presentes nos olhos de todos e esta referência, em jeito de homenagem, não é seguramente um dos menores trunfos do belo filme de Bob Fosse (que ultrapassa em muitos limites de um **género).**

Soberbo, enquanto reconstituição de um período, **Cabaret** leva mais longe ainda que **Swett Chartty** as hipóteses coreográficas de Bob Fosse. Na verdade, este é um **musical** não coreografado em profundidade de campo (como quase todos os **musicais** de raiz tradicional), mas sim um **musical** cujos **números** são coreografados na montagem. Ou seja: em vez de uma câmara a evoluir (ou fixa) frente a um **décor,** onde evoluem os bailarinos, a teórica de Bob Fosse é um tanto diferente, apresentando pequenas zonas cénicas, filmadas de vários ângulos, e é através do rítmo de uma montagem de cadência segura e sincopada que os **números** se vão organizando, preenchendo um espaço cinamatográfico, criando um tempo diferente.

Dois actores justificariam por si só a ida ao Londres: primeiramente Joel Grey, uma revelação sensacional, um **entertainer** que interrompe a acção do filme que a trunca por vezes, que a distancia. Irònicamente, este é o comentário que a época de **travesti** justificava. Uma personagem assexuada, filha da noite e dos fantasmas que nela se geram, **clown** sombrio que a luz dos reflectores tráz à ribalta para inquietação dos presentes. Liza Minnelli também merece palavras de louvor, pois estamos de novo na frente de uma grande actriz que se impõe um pouco contra a chamada «corrente do jogo». Só o seu enorme talento e a comunicação espontânea que estabelece fazem esquecer outros aspectos menos atraentes da sua silhueta.

LAURO ANTÓNIO

Liza e Michael: tempos confusos

FÉRIAS NAS CANÁRIAS

Partidas de Madrid
5, 8, 12 ou 15 dias
Preços desde **2.095$00**

Partidas de Sevilha
8 ou 15 dias
Preços desde **2.230$00**
Incluindo viagens de avião transfers, hotel e outros serviços

Reserve já a sua viagem.
Pagamentos até 12 meses

Rua Rosa Araújo, 2
Telefone 53 69 71

Meliá
a mais completa organizacao mundial de viagens

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

A KAVERNA
Continua o êxito de
MARIA MARQUES
Ainda fado por:
ARTUR RIBEIRO e TINA SANTOS
apresentação de FOLCLORE
à guitarra e à viola:
ARMANDINHO MAIA e JOSÉ M. CARVALHO
Serviço de JANTARES e CEIAS
Trav. Fieis de Deus, 34 — Tel: 35593
Grupo D/18 anos